

SÉRGIO CORRÊA TAVARES

**A RECLUSÃO PUBERTÁRIA NO KAMAYURÁ DE IPAWU -
Um enfoque biocultural**

SÉRGIO CORRÊA TAVARES

A RECLUSÃO PUBERTÁRIA NO KAMAYURÁ DE IPAWU -
Um enfoque biocultural.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 1994



SÉRGIO CORRÊA TAVARES *n/197*

**A RECLUSÃO PUBERTÁRIA NO KAMAYURÁ DE IPAWU -
Um enfoque biocultural.**

**Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas, como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Educação
Física, sob orientação da Prof^a. Dr^a.
Maria Beatriz Rocha Ferreira.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 1994**

A RECLUSÃO PUBERTÁRIA NO KAMAYURÁ DE IPAWU -
Um enfoque biocultural.

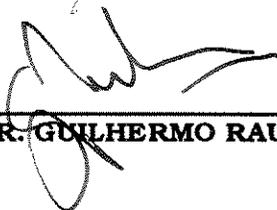
Comissão Julgadora



PROF^ª. DR^ª. MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA



PROF. DR. JOÃO BATISTA FREIRE DA SILVA



PROF. DR. GUILHERMO RAUL RUBEN

A RECLUSÃO PUBERTÁRIA NO KAMAYURÁ DE IPAWU -
Um enfoque biocultural

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por **SÉRGIO CORRÊA TAVARES** e aprovada pela Comissão Julgadora em 13 de Abril de 1994.

Data: 29 outubro de 1994

Assinatura: *Sérgio Corrêa Tavares*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 1994

A Deus que me dotou em espírito
e aos meus pais que me
trouxeram ao mundo.

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho percorrido até aqui, muitas pessoas em minha companhia. Se faço memória de alguns, corro o risco de me esquecer de tantos outros. Contudo, não posso deixar de mencionar os amigos que tiveram parte direta neste trabalho, de alguma maneira dívidas antropológicas.

Primeiramente, devo agradecer aos Kamayurá pela acolhida em sua Aldeia, onde não pouparam esforços para fazer da minha estadia lá a melhor possível. Assim, agradeço a Takumã, homem sábio, o qual jamais esquecerei. Igualmente agradeço ao seu filho Kotok e aos membros do grupo Tatap, Karuanã, Tawaraku, Karautá, Piraruê, Pari, Kari-Kari, Tarakway e a todos que de uma forma ou de outra colaboraram para que este trabalho acontecesse. A eles o meu mais profundo e sincero agradecimento.

Gostaria de externar os meus agradecimentos a Piracumã, Aritana, Tunuli, Tim, Tapaie, pela hospitalidade no Posto Leonardo Villas-Boas e pelo primeiro contato.

Ao pessoal da Administração do Parque em Brasília (Pq.-Xin), em nome do seu presidente Megaron e da secretária Angela Sousa.

Agradeço à FUNAI pela autorização de ingresso no Parque, em nome de Jô Cardoso de Oliveira e Roberto, pela atenção e presteza.

Não posso me esquecer do médico Joel e da enfermeira Selma, da Escola Paulista de Medicina, grandes companheiros.

A Profa. Dra. Lucy Seki do IEL/UNICAMP, agradeço pela iniciação na Língua Tupi. Ao Sr. Orlando Villas-Boas, grande conhecedor do Xingu, pelas orientações e conselhos. Ao Prof. Dr. Guilherme R. Ruben do Ifch/Unicamp, leitor paciente e que muito me incentivou, pelas orientações e pela amizade.

Ao FAEP-UNICAMP, pelo suporte financeiro.

Agradeço ao meu amigo Álvaro Augusto, ouvinte atento, pelos longos momentos de interlocução acerca deste trabalho.

Num âmbito mais próximo agradeço a todos os amigos da FEF/UNICAMP, pela colaboração e apoio, principalmente à Profa. Dra. Beatriz, mais do que orientadora, uma amiga, que apostou neste trabalho. Agradeço pelo encorajamento nos meus delírios de fraqueza e abatimento. Agradeço também a Beth , Lígia, Nadir e Tânia, pelo companheirismo.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Mariza Corrêa, Ex-Diretora do Ifch/Unicamp, por minha liberação para estágio na FEF/UNICAMP.

A todos os amigos do Ifch/Unicamp, de longa jornada, testemunhas fieis de muita luta e dedicação, os meus mais sinceros agradecimentos, pelo encorajamento, conselhos e apoio. Principalmente ao pessoal do CPD, que tiveram um papel mais ativo e próximo por ocasião deste trabalho, em nome de Carlos, Evaldo, Fernando e Luciana. À Cleusa, Dona Inês, Marquinhos e Tião da Gráfica, que muito tem colaborado. À Marilza e Fátima, do Setor de Publicações do Ifch/Unicamp, pela impressão final deste trabalho. A Carlinhos, Cristina, Danguinha, Emerson, Pedro, Silvana e a todos enfim, que de uma forma ou de outra estão ligados à minha trajetória, pelo apoio espiritual que sempre me confortou. Se esqueci de algum nome, me perdoem, o fato é que as amizades são tantas que ultrapassam este pequeno espaço. E também, porque a amizade fala a linguagem do coração, fato que dispensa agradecimentos e formalidades.

SUMÁRIO

Resumo da Pesquisa

Abstract

	Página
Capítulo I (Referencial Teórico).....	1
1. Crescimento e Desenvolvimento Físico Humano - Visão Biomédica	1
1.1. Considerações Gerais.....	1
1.2. Aspectos da Puberdade.....	3
1.3. Aspectos da Cultura Xinguana.....	5
1.4. Alimentação no Alto Xingu.....	6
1.5. Rito de Passagem da Reclusão Pubertária.....	7
1.6. Atividade Física.....	9
Capítulo II (Método da Pesquisa).....	12
1. Objeto e Objetivo da Pesquisa.....	12
1.1. Relações com o Grupo escolhido - Considerações Gerais.....	13
1.2 Tipo de Pesquisa, Instrumentos e Técnicas.....	14
1.2.1. Cineantropometria.....	15
1.2.2. Procedimentos Etnográficos.....	17
1.2.3. Revisão Bibliográfica.....	18
1.2.4. Entrevistas de Apoio.....	19
1.2.5. Resumo das variáveis envolvidas.....	20
Capítulo III (Pesquisa de Campo).....	22
1. Considerações Gerais.....	22
1.1. Crescimento e Desenvolvimento.....	25
1.2 Transcrição dos Depoimentos.....	39
Capítulo IV (Discussão).....	109
1.1. Crescimento e Desenvolvimento.....	109
1.2.Aspectos Culturais da Reclusão Pubertária.....	124
Capítulo V (Conclusão).....	140
1.1. Atividade Motora.....	140
1.2. Crescimento e Desenvolvimento.....	141
1.3. Considerações acerca da Reclusão Pubertária.....	143
Bibliografia Citada.....	150
Bibliografia Consultada.....	154

RESUMO DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como meta o estudo da Reclusão Pubertária em jovens Kamayurá no Alto Xingu - M.T., sob o enfoque biocultural. Diferentes dimensões dos reclusos foram observadas para construir o objeto deste trabalho, a saber: crescimento físico, aspectos maturacionais, performance motora, atividade diária, alimentação, informações dos pais e representantes da Aldeia sobre a Reclusão. Em suma a Reclusão Pubertária foi estudada sob a dinâmica biológica segundo o enfoque biomédico e, a dinâmica cultural através da percepção dos Kamayurá sobre o assunto. É importante realçar que este grupo indígena ainda conserva em sua cultura um conjunto de símbolos e significados específicos desta fase etária.

Foram utilizados procedimentos etnográficos e a cineantropometria para o levantamento das informações e coleta de dados com a participação do pesquisador no cotidiano da Aldeia. Especificamente foram usadas como fontes primárias os depoimentos de informantes, observações, medidas antropométricas e testes de performance motora. É importante mencionar que todas as técnicas utilizadas foram permitidas pelos pais e líderes Kamayurá.

O crescimento e aspectos maturacionais foram estudados através de medidas antropométricas (peso, altura, circunferências, dobras cutâneas). Os aspectos sexuais secundários foram observados através do desenvolvimento dos seios, idade da menarca para mulheres. Para os homens, a análise do desenvolvimento foi feita através de fotografias, no sentido de classificar o desenvolvimento maturacional, utilizando-se Tabela de desenvolvimento de genitais. A performance motora foi estudada através de testes motores para verificação da agilidade, potência anaeróbica, abdominal e força manual.

Informações sobre atividade diária e motora foram obtidas através da observação e entrevistas com os pais dos reclusos.

Os indicadores do início da reclusão no caso feminino ocorre logo após a menarca. No caso masculino aparentemente os indicadores foram: escurecimento da pele, sinais de virilidade, crescimento dos genitais e interesse sexual (mudança de comportamento).

Em ambos os sexos os jovens apresentaram baixa altura e maior tendência à obesidade, principalmente as mulheres, o que reflete um processo de adaptação biocultural.

A Reclusão Pubertária representa um momento de transformação, através da utilização de eméticos, visando a incorporação e exorporação de fluidos corporais (sangue, sêmem, etc), com suas restrições e prescrições vinculadas principalmente, ao sexo e a alimentação. Este momento constitui-se como uma época de aprendizado - prático, motor e psicológico, para construção da pessoa e do indivíduo, buscando a perfeição no tipo ideal Kamayurá. No caso masculino, este tipo ideal, encarna a figura de lutador e grande campeão; no caso feminino, a figura ideal é a de mulher como base da estrutura familiar, tendo como perspectiva a procriação.

ABSTRACT

The goal of the presented research is to study the "puberty seclusion" of youngsters of the Kamayurá tribe in the Alto Xingu - M.T. from a biocultural point of view. Several different aspects of seclusion were observed such as: physical growth, maturation, motor performance, daily activity, food habits and information from the parents and representatives of the tribe about the seclusion. In summary, the puberty seclusion was studied from a biomedical and cultural point of view, the late one as perceived by the people of the Kamayurá tribe. It should be emphasized the Kamayurá still conserves a number of symbols and specific meanings related to this age group.

The researcher used ethnographic procedures and kinanthropometric measures to obtain the information. To this effect he lived among the Kamayurá tribe during ten days, period of time allowed by the leaders. The primary sources to compile the obtained data were: interviews, observations, anthropometric measurements and motor performance tests. It is important to note that all techniques used were authorized by the parents of the children studied and the leaders of Kamayurá.

The growth and maturation was studied by the following anthropometric measurements: weight, height, circumference and skinfold thickness. The secondary sexual aspects of women were studied by observing the breast development and the age of menarche. For men, they were studied by observing the development of genitals. Motor performance was studied through the following tests: shuttle run, velocity, sit up and manual force. Information about daily activity and motor activity were obtained through observations on site and interviews with the parents.

The results from this study showed that the signal for entering the seclusion period for women was the menarche. For the men the indicators were: darkening of the skin, signs of virility, size of the genitals, sexual interest and change of behavior. Whereas for women, the

chronological aged showed little variation, for men the chronological age had large variations. Even so, the biological age of the youngsters entering in seclusion was very similar.

Compared to the reference group from São Caetano do Sul, all youngsters showed a tendency to the shorter and heavier, especially the women. It is believed that this could be a sign of biocultural adaptation. The life style during seclusion influenced the anthropometric measurements and motor performance.

The seclusion represents a period of transformation. This transformation is symbolized by various rituals: they use bitter medicine to provoke vomits, scarification (the procedure to scratch the skin until bleeding) and, restrictions and prescriptions related to sex and food consumption. The time of seclusion is a period of learning of practical skill, motor activities and psychological training. The goal is to reach the ideal type of Kamayurá. For men, the ideal is the fighter, the big champion. For women, the ideal is the woman as the basis of the family structure, from the procreation perspective.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO FÍSICO HUMANO - VISÃO BIOMÉDICA

1.1. Considerações Gerais:

O estudo do crescimento físico humano tem tido um destaque considerável na literatura e em pesquisas nas áreas biológicas e biomédicas. Apesar do grande número de informações disponíveis, ainda não é claro como os mecanismos genéticos interagem com o meio ambiente durante o crescimento e desenvolvimento. Um dos fatores contribuintes para a falta de consenso é a dificuldade em se controlar a interação dos fatores genéticos e ambientais nos processos maturacionais (JOHNSON et alii., 1975; MALINA, 1981). A grande variação de respostas do organismo humano, intra e entre populações às condições do meio ambiente é também um fator contribuinte para dificultar as conclusões finais.

Existem consideráveis diferenças intra e entre populações, com relação ao tamanho e à forma do corpo na fase do crescimento que são em parte advindas da capacidade humana em responder aos estresses do meio ambiente.

Inegavelmente, a espécie humana tem uma enorme capacidade adaptativa. Este conceito é entendido como a modificação na estrutura ou função que possibilita um organismo sobreviver e reproduzir (LASKER, 1969). Este autor classifica adaptação em três níveis, que se inter relacionam: seleção do genótipo, modificação ontogênica, e respostas fisiológicas e comportamentais. Por sua vez, BAKER (1972) categoriza em quatro tipos interrelacionados: acomodação psicológica, aclimatização fisiológica, aclimatização durante o crescimento e desenvolvimento e, adaptação genética.

Devido à grande variação de respostas do organismo nas populações, pesquisadores têm desenvolvido estudos envolvendo diferentes aspectos, desde os ambientais e diversos, até os genéticos e específicos, na tentativa de explicar o

fenômeno do crescimento e desenvolvimento.

Para TANNER (1981), por exemplo, os estudos do crescimento e desenvolvimento devem abranger uma visão holística que contemple: aspectos genéticos, tempo de crescimento, diferenças entre raças, efeitos de clima e altitude, efeitos das doenças, estresse psicossocial, efeitos da urbanização, efeito da estratificação sócio-econômico de membros da família e tendência secular. Outro aspecto importante a ser considerado é que o crescimento humano passa por fases distintas e consecutivas; cada fase tem características próprias e são mais ou menos suscetíveis aos estresses do meio ambiente.

Em resumo, a complexidade de fatores envolvidos na determinação do crescimento e desenvolvimento exigem estudos e programas que focalizem o indivíduo numa visão biocultural. Estes estudos têm sido realizados especialmente em crianças de classe sócio-econômica menos favorecidas, onde os problemas oriundos de uma má nutrição são constantes (MALINA, 1981; ROCHA FERREIRA, 1987).

A desnutrição proteico-energética tem sido caracterizada num quadro complexo, o qual retrata a interação do nível sócio-econômico, padrões culturais, doenças infecciosas e cuidados com a saúde (CASSIDY, 1972; ROCHA FERREIRA, 1987). As pesquisas nesta linha, têm estudado o estado nutricional de populações para tentar detectar o nível de nutrição e/ou desnutrição proteico-energética. No caso do Xingu, em especial, a literatura apresenta um quadro de baixo índice de desnutrição, embora as pesquisas tenham sido desenvolvidas com crianças (EVELETH, 1974; FAGUNDES-NETO, 1981). A presente pesquisa aborda alguns aspectos da alimentação dos jovens Kamayurá, visto que é um ponto fundamental para a saúde humana e, conseqüentemente para o crescimento e desenvolvimento físico.

1.2. Aspectos da Puberdade:

"Numa idade que varia com o clima e a raça e que se estende de cerca dos nove até os quinze anos, a criança entra na idade da puberdade. A puberdade não é um momento ou um ponto de transição mas um período mais ou menos prolongado de desenvolvimento durante o qual o aparelho sexual, todo o sistema de secreções internas e o organismo em geral são inteiramente refundidos. Não podemos considerar a puberdade como *conditio sine qua non* do interesse sexual ou mesmo das atividades sexuais, uma vez que as meninas não núbéis podem copular e conhecem-se meninos imaturos que têm ereções e praticam o *immissio pennis*. Mas sem dúvida a idade da puberdade deve ser considerada como o marco mais importante da história sexual do indivíduo." (MALINOVISK, 1973)

Puberdade é a fase do estirão no crescimento, da especialização das funções sexuais, da viabilidade reprodutiva, das mudanças psicológicas, da passagem entre a meninice e a vida adulta. Existe uma maior ativação endócrina, especialmente com a liberação do hormônio do crescimento (GH) que impulsiona as transformações orgânicas.

Segundo MARSHALL e TANNER (1974), as principais manifestações da puberdade podem ser consideradas da seguinte forma:

- a). O Adolescente cresce mais em comprimento (em estatura), do que em dimensões esqueléticas;
- b). Desenvolvimento das gonadas;
- c). Desenvolvimento dos órgãos genitais, da capacidade reprodutiva e características sexuais secundárias;
- d). Mudanças na composição do corpo, segundo a quantidade e distribuição de gordura em associação com o desenvolvimento esquelético e muscular.

A puberdade não é um fenômeno simples. Tem implicações biológicas, psicológicas e sociais. É um período muitas vezes mal compreendido que pode trazer repercussões para a fase adulta. Culturas têm tratado este fenômeno diferentemente.

A diferença no grau de amadurecimento, nesta fase, denominado tempo de crescimento, tem sido polêmica principalmente a nível familiar. Para FRANZ BOAS o "Tempo de Crescimento", é a combinação entre aceleração e retardamento na rota do crescimento e desenvolvimento (TANNER, 1959).

BROOK e STANHOPE (1987), concluíram que, em alguns, casos aos doze anos já se tem a maturidade total. E, em outros pode chegar até aos dezenove anos, para que o processo se complete. Concluíram também, que os pelos pubianos não coincidem com o crescimento dos seios de forma uniforme; em certas meninas aparecem primeiro os seios e em outras os pelos, como sinal da puberdade. No menino a puberdade tem início quando ocorre o aumento em volume dos testículos, cuja medida não será objeto desta pesquisa, por necessitar toque direto nos mesmos, o que pode ser constrangedor para os índios e dificultar outros aspectos da pesquisa.

Na menina a menarca sofre influências genéticas e de meio ambiente, efeitos do nível sócio-econômico e distúrbios hormonais. Ela não ocorre sempre na mesma idade para todas as meninas. Ao contrário sofre variações e alterações significativas. Numa correlação mundial, existem países em que as meninas têm suas menarcas mais precoce mente que em outros. Uma das hipóteses é o clima, que muitas vezes se confunde com outros aspectos. Os países de clima quente representam aqueles em desenvolvimento ou subdesenvolvidos e apresentam problemas nutricionais sérios, os quais influenciam na idade da menarca. Como consequência da tendência secular, a idade da menarca tem sido cada vez mais precoce em alguns países, no entanto em outros este fenômeno já cessou. A melhoria das condições de vida, saúde, alimentação, clima e altitude, são as principais causas da tendência secular.

Assim a puberdade constitui-se como um processo de mudanças, onde a mágica da transformação corporal é visível e expressiva. Cada indivíduo tem um ritmo próprio no amadurecimento das funções na puberdade, o qual é dependente em grande parte

da carga hereditária. É por isto que o estudo da puberdade é fascinante, pois cada indivíduo tem o seu momento de transformação próprio, como uma característica pessoal, uma marca registrada.

1.3. Aspectos da Cultura Xinguana:

Apesar das diferentes línguas faladas entre as tribos no Alto Xingu, a saber: o Tupi (falado pelos Kamayurá e pelos Awetí); o Aruak (falado pelos Waurá, Yawalapití e MehináKu) e o Karib (falado pelos Kalapálo, KuiKuro e Matipúhy e Nahuakuá), existe aparentemente uma interação e uma identificação social e cultural intensa e bem definida entre essas tribos. A região onde estes grupos localizam-se é chamada de "Uluri", e a cultura local recebe o cognome de "Cultura Xinguana" (GALVÃO, 1949 - Edição de 1979). Embora existam algumas restrições quanto a esta postura metodológica, que devem ser levadas em consideração:

"Computando-se as diversas obras que fornecem tudo aquilo que se sabe a respeito dos Kamayurá, constata-se que, apesar de se considerar o Alto Xingu como uma área indígena bastante explorada, as informações são omissas, precárias ou não de todo satisfatórias em relação a um grande número de questões que hoje se colocam em foco quando se procura uma visão mais compreensiva da vida tribal. Assim, malgrado não se poder dizer que o Alto Xingu seja uma área desconhecida ao antropólogo, porquanto existem a seu respeito numerosas informações de valor científico apreciável, esta área e, particularmente, a tribo Kamayurá, foi objeto de investigações que, em geral, se limitam (pelo que nos permitem avaliar as fontes publicadas) a analisar o mundo Alto-Xinguano em termos de certa homogeneidade de traços de cultura que se impõe à observação e justifica que se fale daquele espaço geográfico como uma "área cultural". Esta posição metodológica assumida, intencionalmente ou não, pela maioria dos autores (com exceção de Murphy em seu trabalho sobre os Trumai) torna o material publicado de pequena utilidade para outro tipo de indagação. Assim, estas obras não nos fornecem, por exemplo, o status social dos personagens envolvidos nas diversas técnicas de produção. Sabemos que o Kamayurá dança, fabrica utensílios, colabora com outros, mas, na maioria dos casos, desconhecemos a identidade dos indivíduos em interação, nos diferentes momentos de sua vida social". (VIERTLER, 1969)

Esta suposta identidade social e cultural, pode facilitar a compreensão do fenômeno da Reclusão Pubertária como um todo. Por exemplo, a alimentação é basicamente a mesma entre as tribos do Alto Xingu. Possibilitando vislumbrar um quadro geral do perfil alimentar do Uluri, que consiste basicamente de mandioca e peixe, suplementada por algumas pequenas caças, frutos (mangaba, pequi, etc.) e mel silvestre. A mandioca é consumida em forma de massa assada tipo beiju e o peixe também assado ou moqueado.

1.4. Alimentação no Alto Xingu:

"Papa de mandioca e peixe são introduzidas na alimentação das crianças a partir dos seis meses de vida, aliada ao aleitamento materno". (FAGUNDES-NETO, 1981)

A dieta dos reclusos, com seus tabus, prescrições e normas específicas não tem mudado muito no decorrer do tempo. Sendo composta basicamente de carne grelhada de pássaros, tais como a pomba, o jacu, o mutum. Nas estações de seca estão disponíveis mel silvestre e larvas brancas em favo, ovos de tracajá e de formigas, gafanhotos gigantes e formigas noturnas voadoras, enquanto aguardam até o meio do verão para armazenar em cestos colocados na água, os frutos carnudos e gordurosos dos pequizeiros. (SAMAIN, 1991)

Alguns alimentos não são recomendados aos reclusos durante o período da limiar idade (TURNER, 1980), tais como a pimenta e o peixe, porque, segundo os índios, "fazem mal", obedecendo a uma taxinomia complexa dos seres vivos quanto aos princípios organizadores da cosmologia Xinguana (SAMAIN, 1991). Os mamíferos geralmente são consumidos apenas nas épocas das chuvas, principalmente o macaco (Ka'i). Mas, estes tipos de caça não são muito apreciadas.

A regularidade atmosférica facilita e em certo sentido determina os modos de vida e a organização social das populações, que souberam adaptar-se a essas possibilidades e com elas se mantiveram num equilíbrio constante (SAMAIN, 1991). Na época das chuvas há uma regularidade maior no comércio entre as aldeias - Moitará - devido à distância ser encurtada pela inundação. Ao contrário, nas épocas secas há uma concentração maior de festas e atividades cerimoniais. Os índios Alto Xinguanos são um exemplo claro da adaptação cultural ao meio ambiente, através da subsistência física e da tradição cultural dos grupos.

1.5. Rito de Passagem da Reclusão Pubertária:

Os ritos de passagem têm sido muito utilizados pelas Sociedades Indígenas do Alto Xingu, e tem características vitais que merecem ser estudadas, não só para o conhecimento da nossa sociedade, como também para fornecer à sociedade indígena "feedback" dos resultados da pesquisa.

Tal ritual, consiste na reclusão imposta pela família, aos membros mais jovens, tanto aos meninos como às meninas, por ocasião da puberdade. Os jovens são obrigados a permanecer em suas malocas o tempo todo, só saindo delas para aparições em público, em ocasiões especiais, principalmente, nas grandes comemorações da aldeia, tais como o Kwarup, a Amurikumã. (AGOSTINHO, 1974; GREGOR, 1982; SAMAIN, 1991)

Uma vez na reclusão, o jovem recebe cuidados especiais na alimentação, saúde e orientações práticas, que lhe serão muito úteis. Ao término da reclusão, que pode durar de seis meses a dois anos ou até mais tempo (dependendo da vontade dos familiares e do próprio recluso), geralmente as meninas casam-se logo em seguida, isto

quando existem homens disponíveis para o casamento na Aldeia, caso contrário continuam vivendo na casa de seus pais. Já os meninos, ao final da Reclusão, assumem as atividades sociais da Aldeia, no sentido de engajar-se nos papéis cerimoniais que terão que desempenhar na vida social. Este é um período de aprendizado muito importante na vida dos jovens. É o período em que aprendem a fazer redes, arco-flexas, canoas de casca de jatobá, cerâmicas; é o tempo em que treinam os fundamentos da caça e da pesca, inclusive a feita com cipó timbó. Recebem treinamento físico e orientação técnica que os deixarão fortes para as atividades cotidianas e para ser um grande campeão de Iutêque ou "Uka-Uka"⁽¹⁾, luta nacional dos índios do PIX - Parque Indígena do Xingu. (JUNQUEIRA, 1975)

A Reclusão é uma instituição muito importante das comunidades Alto Xinguanas. É ela que confere o "Status" de emancipado, adulto ou mesmo de "ser Homem" ao cidadão Xinguano. Os indivíduos que não passam pela Reclusão ou, no sentido deles, "que não ficam preso", carregam para sempre um pesado estigma, isto é: "eventualmente o que acontecer de desagradável na vida deles será reflexo da não observação rigorosa das normas e prescrições da reclusão" (VIVEIROS DE CASTRO, 1977).

Tanto para si próprio como para a sociedade xinguana, o jovem que não passa pela reclusão, sente a impressão de estar em débito com as forças sobrenaturais, que purificam a todos os que se submetem a esse processo. Embora sendo uma instituição

¹. "Os jovens são recolhidos logo que atinjam maturidade, considerada pelos pais indicativa de virilidade. Em contraste com a reclusão das mãças, a dos rapazes não é contínua. Sucodem-se períodos de recolhimento durante dois a três meses a outros tantos de liberdade. O local de reclusão é a própria residência, onde se improvisa, a um canto, uma tapagem com esteiras, fôlhas de palmeiras ou canas de ubá... O primeiro mês de reclusão é especialmente severo: rapazes e mãças não podem tomar outro alimento, além de uma mistura de água e massa de mandioca (Kauin). Peixe de qualquer variedade é proibido. Essas restrições são relaxadas após a primeira lua. Mantém-se, porém, a de o indivíduo não se poder ausentar do retiro senão à noite, para satisfazer as necessidades... (O período de reclusão) dos rapazes se caracteriza como um período de aprendizagem: os pais lhes ensinam a manufatura de artigos como flechas, arcos, pentes, etc. e também a *técnica do desporto preferido - a luta corporal...*" (cf. GALVÃO, 1953 e OBERG, 1953). (grifo meu)

com muito poder, a reclusão não segue um ritmo certo e preciso. Ela às vezes pode ser flexível, no sentido de que o jovem pode entrar e sair várias vezes, até que seus familiares considerem conveniente. Ela é recomendada sempre e em certo sentido é obrigatória a todo jovem, mas pode ser interrompida e retomada a qualquer momento. Parece que há uma tendência muito forte para que seja um processo contínuo mas, nem sempre ocorre nesse sentido. Dependendo da linhagem paterna ou da posição cerimonial dos familiares dos jovens, a reclusão assume características especiais. Ou seja, se o jovem tiver alguma tradição xamanística. Se for filho de pajé ou de algum Tuxaua importante da Aldeia, a Reclusão tem um significado mais profundo, mais valor simbólico e com isto uma duração mais prolongada (GREGOR, 1982). Isto porque este jovem terá um treinamento mais elaborado, uma vez que a tendência natural, a tradição, é que o rapaz acompanhe seu pai nas atividades da Aldeia, que no futuro será administrada sob seu comando.

1.6. Atividade Física:

Atividade física é uma expressão utilizada constantemente no contexto de Educação Física, Esporte e Lazer na cultura urbano-industrial. No entanto, em outras culturas ela carrega atributos diversos com significados diferentes que da melhoria de saúde, de performance visando a defesa nacional, da participação em competições esportivas e das condições de trabalho. (ROCHA FERREIRA, 1991)

Salvo as diferenças culturais, pode-se considerar a atividade física como sendo um complexo simbólico. Não é possível destaca-la do contexto social e da cultura, como sendo simplesmente uma atividade biológica. É certo que a abrangência do seu significado varia intra e entre culturas, fato este que deve ser levado em consideração

ao se trabalhar com diferentes grupos culturalmente definidos. (ROCHA FERREIRA, 1991)

O termo atividade física foi definido pela autora como sendo o movimento humano intencional realizado pela pessoa para melhoria da sua integração mente/corpo/cosmos (ROCHA FERREIRA, 1991). Envolvendo atividades corporais diversas, tais como corrida, lutas, caminhadas, danças cerimoniais, exercícios físicos e outros.

A noção de atividade física e competição na cultura indígena assume características diferenciadas quando comparadas à cultura urbano-industrial, em virtude da ausência de competitividade. Em geral ela está inserida num contexto mais amplo, atua no universo sócio-religioso fazendo parte das festividades da aldeia (ROCHA FERREIRA, 1991).

A atividade física na sociedade tradicional indígena não é uma atividade desvinculada da visão cosmológica de totalidade. Ela é expressa de diferentes formas, com a participação de pessoas de idades variadas e quase sempre vinculada a rituais religiosos e prova de coragem. O espírito que antecede a fase pré-competição pode ser considerado quase um ritual religioso. Antes de uma competição empregam-se técnicas diferenciadas de treinamento, vigília, apelo espiritual, dietas e cuidados especiais para com o corpo (NABOKOV, 1981). No caso dos Kamayurá em especial, na véspera do Kwarup, os lutadores passam a noite toda acordados para não sonhar ruim e conseqüentemente não correrem o risco de sofrer uma derrota por ocasião das lutas. Ficam acordados também para aquecerem-se ao pé do fogo, esfregando com óleo de tabatinga e pequi, entre outros, os tornozelos, joelhos, canelas, para eventualmente não ocorrer uma fratura ou alguma contusão séria durante a luta, que implicaria conhecer o sabor de uma derrota, fato inconcebível para um campeão. Estas informações me foram passadas pelos próprios lutadores durante

longas inter locuções que mantivemos, à noite, na roda dos fumantes no centro da Aldeia.

A atividade física para o indígena é fator preponderante, no sentido de estar vinculada ao seu dia-a-dia, seja para caça, pesca ou coleta de gêneros alimentícios. Ela não tem um valor estético como na nossa sociedade, embora seja altamente valorizada, pois, o indígena preza profundamente o seu corpo e a ornamentação que o envolve. Assim, o estudo da atividade física com esse grupo, foi oportuno porque possibilitou vislumbrar os tipos de movimentos que desempenham e suas funções específicas na época da Reclusão. Optou-se pelo termo atividade motora por representar melhor a idéia de movimento integral.

CAPÍTULO II

MÉTODO DA PESQUISA

1. Objeto e Objetivo da Pesquisa: ⁽²⁾

O objeto desta pesquisa foi o estudo da Reclusão Pubertária sob o enfoque biocultural, em jovens submetidos a esse regime na Aldeia Kamayurá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, próximo ao Posto Leonardo Villas-Boas. Em função da breve e rápida estadia na Aldeia, para a coleta de dados, maior ênfase foi dada nas seguintes categorias: a). **Culturais**: normas, prescrições, duração, proibições, período de ingresso e saída da reclusão; b). **Crescimento**: aspectos maturacionais e performance motora. Procurou-se estudar a alimentação, atividade diária e atividade motora, num grau menor de prioridade em função, como já disse, do tempo mínimo disponível para o "fieldwork". O objetivo da pesquisa foi conhecer as fronteiras que dividem o conhecimento da sociedade urbano-industrial frente ao saber indígena, no tocante à puberdade. Conhecer mesmo como os Kamayurá trabalham esse momento na vida dos jovens, já que a puberdade constitui-se como uma época de transformações importantes na vida das pessoas. No caso Kamayurá é através do amadurecimento sexual, da possibilidade de reproduzir-se que o homem acende na estrutura social do grupo, podendo ser dono de roça, construir sua casa e desvincular em parte da tutela de seus pais. O respeito que os filhos guardam aos conhecimentos dos pais, faz com que aqueles mantenham vínculos estreitos com estes durante um período muito longo de suas vidas.

². Cabe ressaltar que os termos objeto e objetivos, tem como referencial a proposta de (PIOVESAN, 1979a.).

"... *The father has unquestionable authority over the entire family. ... After puberty, the father continues to exercise great authority over his sons. They cannot marry or leave the village without his consent and must return home after a given length of time. Young men fear the anger of their father and try not to break the rules of proper conduct*". (OBERG, 1953) (grifo meu)

A pesquisa tem um aspecto importante que consistirá em repassar aos índios e aos órgãos competentes os resultados do estudo. A mesma poderá fornecer subsídios e referencial teórico com embasamento biológico e cultural aos estudos de crescimento e desenvolvimento físico em grupos indígenas. Mesmo porque estudos desta natureza são escassos quando se trata de comunidade indígena no Brasil. O enfoque biológico estudado através da antropometria poderá dar importantes contribuições nas informações sobre o crescimento físico do grupo estudado. É importante mencionar que a antropometria na área antropológica no Brasil, tem sido muitas vezes visualizada de forma preconceituosa. Esta maneira de pensar tem desestimulado pesquisadores a desenvolverem pesquisas nesta linha. Esta postura metodológica corrobora consideravelmente para uma falta de conhecimentos e informações deste aspecto da vida, quer seja de grupos indígenas, bem como de outros seguimentos sociais. Inibindo sensivelmente, neste sentido, o desenvolvimento da ciência e, contribuindo muito pouco para um avanço científico significativo.

1.1. Relações com o Grupo escolhido - Considerações Gerais

O trabalho de campo foi extremamente bem aproveitado, embora os Kamayurá tivessem autorizado uma permanência de apenas dez (10) dias em sua Aldeia. A falta de domínio fluente da língua Kamayurá, fez com que o pesquisador perdesse, em parte, as riquezas das conversas e discursos públicos. As entrevistas e conversas foram traduzidas, quando o nativo não conhecia o português.

A escolha do grupo Kamayurá deu-se por vários motivos, dos quais o que mais

pesou na opção feita foram: 1. Existe uma quantidade razoável de material bibliográfico sobre os Kamayurá, fato que possibilitou um conhecimento mais profundo do sistema cultural do grupo. Além disso, pela praticidade do trabalho, a Aldeia de Ipawu localiza-se nas proximidades do Posto Leonardo Villas-Boas, o que contribuiu bastante para a locomoção dos equipamentos de pesquisa, uma vez que o pesquisador foi sozinho à área e com uma bagagem razoavelmente grande. Os meios de locomoção na região são precários, sendo fundamental aos nativos a utilização de bens culturais caraíbas, tais como a bicicleta para fazerem suas mudanças. E, na época das chuvas quando o volume das água é grande, utiliza-se fundamentalmente a canoa; 2. O pesquisador conhece, embora rudimentarmente, como funciona a língua Kamayurá, a qual tem sua raiz no tronco Tupi; e, 3. Outro motivo que levou o pesquisador a escolher os Kamayurá foi o fato de possuir alguns conhecidos naquela Aldeia, o que facilitou bastante o trabalho de campo.

1.2. Tipo da Pesquisa, Instrumentos e Técnicas: ⁽³⁾

A pesquisa proposta é empírica, com trabalho de campo. Os procedimentos etnográficos e a cineantropometria foram instrumentais utilizados para o desenvolvimento do trabalho, os quais envolveram aspectos da área de Educação Física, Antropologia Cultural e Física.

³. As Técnicas devem ser entendidas enquanto "procedimentos mais restritos e mais concretos que operacionalizam os métodos, servindo de instrumentos". (SEVERINO, 1977)

1.2.1. Cineantropometria:

É uma nova concepção do estudo do homem em movimento. O tema central da Cineantropometria é a mensuração do homem em movimento numa variedade de perspectivas morfológicas e as aplicações do movimento nestas variadas formas e os fatores que influenciam esse movimento (BEUNEN et alli., 1990). Existe na Educação Física uma forte tendência em substituir os termos biometria e antropometria por Cineantropometria, visto que trata-se de um conceito mais amplo e abrangente.

A Antropometria teve influência das artes plásticas na sua fase inicial de desenvolvimento e não só da medicina ou da biologia como é de se imaginar. Foram os escultores e pintores os primeiros a buscar o tipo ideal de corpo (TANNER, 1981: 122-141; BEUNEN et alli., 1990). Mais tarde, o conceito de antropometria foi incorporado ao acervo do conhecimento de outras áreas do saber. A antropometria tem sido de grande valia para os estudos do crescimento e desenvolvimento físico humano.

A coleta dos dados antropométricos envolveu os aspectos seguintes: peso, altura, circunferências (braço relaxado, braço tenso e panturrilha) e dobras cutâneas (bíceps, tríceps, subescapular, supra cristailíaca e panturrilha), sendo que esta última não foi possível aferir em todos os reclusos, devido à escarificação, que deixa a pele extremamente dura. E também por causa da atadura colocada neste local, que impossibilitou a aferição desta medida. Para esta seção da coleta de dados foram utilizados uma Balança Filizola e Toesa Metálica, de propriedade do Posto Leonardo Villas-Boas, Compasso de Dobras e Fita Métrica metálica. As medidas foram realizadas no lado direito do corpo e a padronização para a coleta dos dados antropométricos, seguiu as orientações de Matsudo (1987).

A avaliação da performance motora deu-nos a oportunidade de vislumbrar a condição física e atlética dos índios. Esta foi avaliada através da aplicação de testes específicos, que possibilitou processar tal observação. Os testes para avaliação da performance motora foram simples, mas aplicados com rigor.

Os testes envolveram os movimentos seguintes: corrida anaeróbica de 50 metros, corrida de agilidade, abdominais com duração de 30 segundos e dinamometria. Esta foi aferida em postura ereta, nos braços direito e esquerdo junto ao corpo dos reclusos. Foram registradas três tentativas para cada braço com um dinamômetro de capacidade de cinquenta quilogramas. Na bateria de testes foram utilizados basicamente cronômetro, dinamômetro e trena para demarcação da metragem. A padronização seguiu também as orientações de Matsudo (1987). Embora os testes de performance motora tenham sido criados tendo como referencial a sociedade urbano-industrial, o pesquisador notou que houve uma receptividade enorme por parte dos jovens Kamayurá, no sentido de realizar

os referidos testes, os quais empenharam-se bastante com vistas a obter o melhor resultado possível.

O impedimento em atingir este intento, ficou por conta do alto grau de sedentarismo ao qual os jovens estão submetidos por causa da Reclusão. Os nativos tiveram total liberdade de opção de fazer ou não os testes motores. Haja visto que as moças não aceitaram fazer os testes abdominais, cujo motivo não foi revelado por elas. Neste caso específico, os testes motores tiveram o sentido de indicar a condição física momentânea do indivíduo, ou seja, a sua condição física no momento específico da Reclusão Pubertária. Embora possamos reconhecer que o senso de competitividade entre os índios possa ser diferente do que a sociedade urbano industrial

concebe. Observamos no entanto, que este fato não interferiu absolutamente na participação intensa dos jovens.

1.2.2. Procedimentos Etnográficos:

"A função da etnografia é dar uma descrição analítica do comportamento que caracteriza uma cultura ou grupos sócio-culturais" (WALTERS, 1990).

"Chamo etnografia um instrumento reflexivo porque nós não chegamos a ele nem como a um mapa cognitivo, nem como a um guia para a ação, nem mesmo como passatempo. Chegamos a ele como o início de uma forma diferente de jornada" (TYLER, 1986).

Foi utilizado como recursos para coleta de dados, a observação participante e entrevistas/conversas, que possibilitaram um acesso ao conhecimento do grupo que foi estudado. Através da observação participante foi possível trabalhar os aspectos do cotidiano da vida na Aldeia, desde a busca diária por gêneros alimentícios, como o preparo dos mesmos, passando pela pesca, caça, até às conversas mais informais e as de caráter mais público, ou seja, na roda dos fumantes no centro da Aldeia no final da tarde, precisamente ao cair da noite.

Participar das atividades cotidianas na Aldeia Kamayurá significa penetrar na intimidade do grupo. Pois, esta técnica possibilita ao pesquisador conhecer e estar por dentro de todas as novidades que circulam no momento.

A outra técnica utilizada, a entrevista e conversas com os pais dos reclusos e com os líderes Kamayurá acerca da reclusão, foi importantíssima, na medida em que elucidou o ciclo completo da reclusão pubertária de forma globalizante. Além disso, esta técnica proporcionou vislumbrar, do ponto de vista nativo, o processo da reclusão em si, isto é, como está sendo trabalhada a puberdade naquela comunidade. As entrevistas não tiveram um roteiro padronizado, embora as perguntas fossem

baseadas em categorias pré-estabelecidas que nortearam o diálogo. Este tipo de técnica é interessante porque desvincula o entrevistado do questionário de perguntas fechadas, deixando que o mesmo fale à vontade sobre o assunto. As perguntas eram colocadas sempre em cima da fala do entrevistado. Este procedimento só foi possível, porque o pesquisador tinha um conhecimento prévio da cultura Kamayurá, oriundo de uma minuciosa revisão bibliográfica e de entrevistas elaboradas com especialistas no assunto. Neste aspecto o background adquirido acerca do sistema cultural Kamayurá, facilitou o andamento das conversas e das entrevistas.

Através da observação e entrevista foi possível também elaborar um roteiro dos hábitos alimentares dos jovens, evidenciando os mitos e tabus que cercam a alimentação na época da puberdade e as possíveis relações entre universo simbólico e o cotidiano da Aldeia no que tange ao tema alimentação. Além disso foram observadas as atividades diárias e motoras. (Ver depoimentos)

1.2.3. Revisão Bibliográfica:

A revisão bibliográfica foi desenvolvida através do levantamento inicial de textos e obras relativas aos termos-chave da pesquisa (Crescimento e Desenvolvimento Físico, Performance Motora, Alimentação e Rito de Passagem), em grupos indígenas, num enfoque biocultural.

Através da pesquisa bibliográfica foi possível elaborar um arcabouço teórico necessário para compreender a dinâmica da vida indígena, seus mitos, sua cosmologia, simbologia e cultura, no sentido de compreender como é a vida cotidiana do indígena no tocante à Reclusão Pubertária, saber como é o seu dia-a-dia, a sua alimentação, a atividade motora que desempenham e o engajamento na vida social da Aldeia, que possam retratar o sistema cultural do grupo.

A orientação bibliográfica foi importante também no sentido de dar subsídios às entrevistas, na medida em que possibilitou um conhecimento mais aprofundado da cultura Kamayurá.

1.2.4. Entrevistas de Apoio:

O sistema de entrevistas com especialistas no assunto foi utilizado para delimitar o problema, ou seja, para compreender como os índios trabalham a puberdade em seus jovens, através do relato das experiências de pessoas que já viveram por muito tempo nas Aldeias Alto Xinguanas, no sentido de captar as impressões que tiveram acerca deste problema. Os depoimentos coletados através das impressões vivenciadas, contribuíram para melhor conhecer o objeto estudado.

Foram entrevistadas pessoas (ver agradecimentos), que viveram e que desenvolveram trabalhos de pesquisa na região do Uluri, no sentido de reunir informações e experiências de vida. Este procedimento teve a intenção de captar sugestões para o desenvolvimento desta pesquisa. Este estilo de técnica foi muito útil, pois esclareceu pontos fundamentais para o andamento da pesquisa e do trabalho de campo.

1.2.5. RESUMO DAS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS:

DIMENSÕES MORFOLÓGICAS

VARIÁVEIS	SIGNIFICADO DAS MEDIDAS	MATERIAL/INSTRUMENTOS
Peso	Medida de Massa	Balança Filizola
Altura	Tamanho do corpo	Toesa Metálica
Dobras Cutâneas	Composição corporal - (gordura corporal)	Compasso de
Dobras Cutâneas		
Circunferências metálica	Musculatura relativa	Fita métrica

Alimentação

Alimentação Hábitos alimentares - através da observação e entrevistas.

Reclusão Pubertária - Visão Indígena

Categorias: duração; época de entrada e critérios para manter o jovem em reclusão; significado da reclusão para o grupo; conhecimento do processo como um todo.

Atividade Motora

Conhecimento Atividades motoras desenvolvidas durante a reclusão.

Performance Motora Avaliação através de testes de campo das seguintes variáveis: agilidade, potência anaeróbica e força.

Material e Protocolos: (em ordem alfabética)

Balança Filizola;
Compasso de dobras cutâneas (Holtain LTD, Crymych U.K.);
Cronômetro;
Dinamômetro (Lafayette Instrument Co.);
Fita métrica metálica flexível;
Toesa Metálica, acoplada à Balança Filizola.

Protocolo de Observação e Entrevistas:

Observação - Através de fotografias;
- Atividades motoras;
- Alimentação.

Entrevistas e Conversas - Familiares dos reclusos;
- Jovens reclusos;
- Pessoal de Apoio.

Ficha de Campo - Dados Antropométricos;
- Testes de Performance Motora.

CAPÍTULO III

PESQUISA DE CAMPO

1. Considerações Gerais:

As informações que serão descritas a seguir, foram baseadas na experiência do pesquisador em campo, através de conversas e observações.

A pesquisa de campo ocorreu no final de abril e início de maio de 1993, durante dez (10) dias de permanência na Aldeia Kamayurá, tempo máximo autorizado pelas lideranças daquele grupo indígena. Mas, nem tampouco a pesquisa ficou prejudicada nos seus aspectos qualitativos, visto que os objetivos propostos foram cumpridos, centralizando o foco do trabalho nos jovens submetidos ao regime de Reclusão Pubertária. Era princípio de inverno o que coincide com a estação seca, na qual os índios do Alto Xingu estão em preparativos para o Kwarup. Mas, na aldeia Kamayurá as atividades culturais específicas, que precedem o Kwarup _treinos da luta Huka-Huka e a dança Uruá_ não estavam em pleno vigor. Isto porque o grupo estava ainda muito ressentido com o falecimento da esposa de Takumã e com a morte repentina do filho de Sukuri, da Aldeia Kamayurá localizada no Morená. A época seca é marcada pelos grandes rituais, festas e celebrações. Por outro lado, a época chuvosa é reservada às viagens e visitas a outras aldeias vizinhas. Porque os problemas com transporte por entre os igarapés são facilitados, uma vez que a canoa é a forma mais habitual de locomover-se na região.

Geralmente nesta época do ano os índios começam os preparativos para o Kwarup, que ocorrerá sempre por volta de meados de agosto de cada ano, ocasião em que os mortos ilustres serão chorados. Em tempos normais, quase sempre à tarde, os

índios passam horas treinando a Huka-Huka ou dançando e tocando a flauta Uruá. A dança é sempre feita por músicos experientes e que têm o domínio amplo sobre o ritmo da dança e a harmonia da música ou do som da flauta⁽⁴⁾. No caso dos Kamayurá, durante a minha estadia na aldeia, somente numa tarde de quarta-feira Karautá e Tawaraku, tocaram e dançaram Uruá, acompanhados por duas jovens, sendo que uma delas Katiwá, era menina reclusa.

Durante os preparativos do Kwarup não se toca, por exemplo, a flauta Jacuí. Os índios disseram-me que ela estava descansando por ocasião da festa; só depois desta é que Jacuí pode ser cultivada, tocada mesmo, durante o ano todo. Jacuí é uma flauta de domínio difícil, apenas os Marakaup conhecem bem as técnicas de como tocar a referida flauta. Segundo informações locais é Tarakway quem sabe tudo sobre a flauta Jacuí. Talvez devido à dificuldade de se tocar Jacuí, as pessoas têm se aplicado pouco no aprendizado desse instrumento. Assim, Tarakway é um dos únicos, entre os Kamayurá, que dominam com fluência as técnicas de Jacuí, visto que é um grande Marakaup e Pajé de ervas.

Nos dias de Aldeia, tive a oportunidade de experimentar o pequi, que estava armazenado na água. Isto ocorreu numa tarde de muito calor, quando estávamos nos banhando na lagoa Ipawu, ocasião em que os índios serviram-me um delicioso suco de pequi com abóboras.

Como já disse, devido ao luto na Aldeia Kamayurá, os treinamentos da luta Huka-Huka estavam suspensos, sendo que foi possível observa-la mais de perto, na Aldeia Yawalapiti⁽⁵⁾ (grupo de língua Aruak, vizinhos dos Kamayurá), quando Aritana treinava seu filho. Neste dia foi possível observar também Piracumã, um dos irmãos

⁴. Com relação a música e instrumentos musicais dos Kamayurá, consultar a dissertação de mestrado de MENEZES BASTOS, R. J. de.

⁵. Ver a Dissertação de Mestrado de VIVEIROS DE CASTRO, E. B., sobre este grupo Alto Xinguano.

de Aritana e atual Chefe do Posto Leonardo Villas-Boas, treinar seu filho de nome Tatão. Um garoto muito forte e obstinado pela luta e pela idéia de ser um grande campeão.

As atividades motoras dos índios Kamayurá são basicamente: a caminhada, o ciclismo (meio de transporte eficiente), a natação, o futebol (amplamente difundido no Alto Xingu), a Huka-Huka⁽⁶⁾ e o Jawarí. Na puberdade, em especial, o recluso treina especificamente a Huka-Huka, já que o objetivo principal é ser um grande campeão nesta luta.

Geralmente, as mulheres não fazem atividade motora regular, a não ser as caminhadas, ocasião em que transportam água e mandioca para as malocas onde residem. As mulheres carregam muito peso durante quase toda vida. Foi interessante observar que as meninas jovens e as crianças em geral, brincam muito na água, onde nadam bastante. Por outro lado, este fato não é comum entre as mulheres maduras, que dirigem-se à lagoa, na maioria das vezes acompanhada de seus respectivos maridos⁽⁷⁾, apenas para banhar-se e pegar água, indo embora logo em seguida.

Como já dissemos, é através da luta corporal que o indivíduo consegue elevar o seu status, quando passa a ostentar o título de campeão e grande lutador, ganhando muito prestígio no seu grupo.

"No momento das grandes lutas intertribais, o jovem Kamayurá não age apenas em função de suas atribuições categóricas de "jovem", "iniciado", mas em função de qualidades de lutador, altamente individualizadas.... Todavia, o sucesso do lutador depende de seu empenho individual por ocasião dos treinos que precedem as grandes lutas e de suas qualidades pessoais (senso de oportunidade, vigor

⁶ "Húka-huka, como chamam os Kamayurá a luta corporal, é um esporte largamente difundido no alto Xingu. Sempre que um índio jovem visita uma aldeia estranha, é convidado a lutar. Na aldeia Kamayurá os jovens treinavam quase tôdas as tardes, preparando-se para a luta com grande apuro de pinturas corporais. As lutas são muito comentadas, e discutidas as possibilidades de cada lutador, via de regra jovens entre 18 e 25 anos." (CARVALHO, LIMA e GALVÃO, 1949) (grifo meu)

⁷ Um marido consciente e cumpridor de seus deveres conjugais, sempre acompanha a sua mulher para o banho matinal.

físico, etc.). *A afirmação de lutador se faz em termos do máximo de sua agilidade e força corporal nas lutas intertribais, que constituem formas positivamente sancionadas de violência física. Estas possibilitam ao jovem lutador a ruptura cerimonial do quadro rígido de suas atribuições tribais decorrentes da idade, do parentesco etc., ruptura que, em situações não-rituais, configuraria o seu desprestígio. Essas formas de violência representam, portanto, um meio institucionalizado de suspensão de certas determinações da tradição tribal, através do qual o jovem Kamayurá obtém uma consagração ritual momentânea como representante único de sua tribo". (VIERTLER, 1969) (grifo meu)*

1.1. Crescimento e Desenvolvimento

Sexo Feminino

Os resultados antropométricos estão na tabela 1. As idades cronológicas das jovens reclusas foram homogêneas, visto que elas entraram na reclusão logo após a menarca e a previsão é que permaneçam um ano nesta situação.

Existe uma certa variação de peso e altura entre elas, o que é de se esperar numa população. Observa-se que a jovem Lapykalw apresenta uma menor altura comparada às outras meninas.

As variações entre elas relativas à circunferência do braço, panturrilha __uma característica cultural muito marcante no status da mulher xinguana⁽⁸⁾__ e dobras cutâneas segue o mesmo padrão. Inclusive observa-se que os menores valores são atribuídos às jovens Maria Yakutá e Lapykalw. A dobra cutânea da panturrilha não foi obtida nas jovens em virtude delas estarem usando atadura. Esta e a escarificação provocam edema local, o que modifica significativamente a proporção da panturrilha. Este procedimento tem sido utilizado como indicador do crescimento durante o período de reclusão.

A média das dobras cutâneas triceptal, subscapular e suprailíaca, indicador do

⁸. A panturrilha é altamente trabalhada no Alto Xingu, no sentido de fabricação. É ponto importante no corpo feminino, lugar de beleza, onde são colocadas ataduras para deixá-las grossas. Local altamente ritualizado, sendo constantemente submetido à escarificação no sentido da incorporação e excorpoação de fluídos. Na panturrilha são aplicados todo um complexo de ervas que comunicam o mundo de fora e o mundo de dentro, situações constantes na Cosmologia Xinguana. Além de servirem também como tônico muscular e fonte de embelezamento da pele.

estado nutricional, entre as jovens tendeu à homogeneidade. A soma das dobras cutâneas dos membros (bicetal e triceptal) e do tronco (subscapular e suprailíaca), refletiu uma maior concentração da espessura de gordura no tronco.

No que se refere à performance motora (tabela 2) houve homogeneidade nos dados da dinamometria dos braços esquerdo e direito. Os testes de velocidade e agilidade foram feitos apenas por duas jovens, havendo diferenças significativas entre elas. Todas as jovens recusaram-se a realizar o teste abdominal, por motivo desconhecido.

O desenvolvimento sexual foi observado através de fotografia com a opinião de três especialistas. O estágio de desenvolvimento dos seios variou entre 4 e 5, o que demonstra que as meninas estavam numa fase semelhante de desenvolvimento biológico. O fato das jovens Lapyakalw e Maria Yakuta apresentarem uma característica de amadurecimento atrasado é fato esperado numa variação populacional (vide fotos).

É interessante observar que existe uma variação aproximada de um ano na idade da menarca entre as três primeiras e as duas últimas jovens, o que demonstra um atraso no desenvolvimento sexual destas últimas⁹ (tabela 3).

Sexo Masculino

Existe uma maior variação entre as idades cronológicas dos meninos comparada com as das meninas, uma vez que os critérios para entrada dos meninos na reclusão são diferentes. Embora haja influência do desenvolvimento biológico na determinação do início do ciclo pubertário, como o escurecimento da pele, sinais de virilidade, crescimento dos genitais, a mudança de comportamento, principalmente relacionada

⁹ É importante lembrar que a idade da menarca é aproximada, pois os pais não possuem um registro preciso da data do nascimento dos filhos.

ao sexo, são indícios possíveis que determina o ingresso no referido ciclo. Um menino que já conheceu sua iniciação sexual dificilmente consegue ficar por um período longo na reclusão.

Outro fator divergente e que influencia a variação na idade é o tempo de permanência na reclusão. A maioria dos jovens está recluso de um a dois anos. Apenas dois deles estão reclusos há três e cinco anos (tabela 3).

Havendo variação na idade, é de se esperar diferenças no peso corporal e altura. É interessante observar que o jovem Kanapwe é o mais velho do grupo e no entanto o de menor peso corporal e altura.

A circunferência do braço, como indicador da massa muscular, apresenta poucas variações no grupo. A maior variação ocorre nas dobras cutâneas, indicadores do consumo energético e vida sedentária. A época da reclusão representa um período de sedentarismo exacerbado para os nativos, embora eles tenham períodos de treinamento, quando praticam a luta corporal. Esta luta se caracteriza pela utilização da força e agilidade, principalmente dos braços e pernas, o que resulta numa maior utilização dos membros. Este fator reflete nas medidas de circunferências. É importante lembrar que a região do bíceps/tríceps e panturrilha sofrem intervenções constantes durante a reclusão, em face das escarificações e complexo emético que são aplicados nestes locais, fato que resulta num maior aumento.

Ocorreu uma variação na média das dobras cutâneas entre os jovens, existindo uma maior tendência a imputar os valores maiores aos mais pesados. A soma das dobras cutâneas dos membros (biceptal e triceptal) e tronco (subscapular e suprailíaca), indicador de distribuição de gordura corporal, demonstra que houve uma ligeira tendência de maior concentração de gordura nos membros dos reclusos mais novos e no tronco dos mais velhos.

As variações de performance motora estão perfeitamente dentro da normalidade

da população (tabela 2). Na dinamometria observou-se que a força esteve independente da idade cronológica. É importante salientar que a idade de desenvolvimento sexual, determinada através do estágio de desenvolvimento dos genitais, esta muito próxima. Isto reflete que o grupo tende a ser homogêneo na idade biológica. Neste aspecto notamos que o maior valor obtido pertence ao jovem que está mais anos recluso.

A grande variação nos resultados ocorre nos testes de velocidade e agilidade. Estes demonstraram a situação de inatividade dos nativos. O resultado mais deficiente pertence a Yawatwa, possivelmente pelo fato de estar há cinco anos recluso. Ele teve grande dificuldade em realizar o teste, conseguiu fazê-lo praticamente andando. As atividades motoras desenvolvidas durante o período de reclusão restringem-se exclusivamente à luta corporal. Os resultados do teste abdominal estão dentro do esperado.

Tabela 1 Valores absolutos antropométricos em jovens Kamayurá

Nomes	Idade	Peso	Altura	Circ. Braço	Circ./ Pant.
	(anos)	(kg)	(cm)	(cm)	(cm)
Yawy	14	46.9	146.50	23.0	33.0
Katiwa	14	45.9	144.00	23.5	37.5
Kamynayrw	14	53.2	148.50	24.0	36.0
Maria Yakuta	15	48.2	148.00	24.0	36.5
Lapyakalw	15	45.8	140.00	22.5	33.0
Ayua	12	54.7	152.00	27.0	35.0
Kayamory	13	50.5	158.00	26.0	35.0
Matu	15	57.9	161.00	26.0	30.0
Kamalca	15	59.8	151.00	28.0	37.5
Mayary	15	68.9	158.00	31.0	38.0
Uarítá	17	66.6	161.00	29.0	35.0
Yawatua	17	70.2	157.00	31.5	36.5
Kanapwe	18	61.7	158.50	—	—

Tabela 1 Continuação

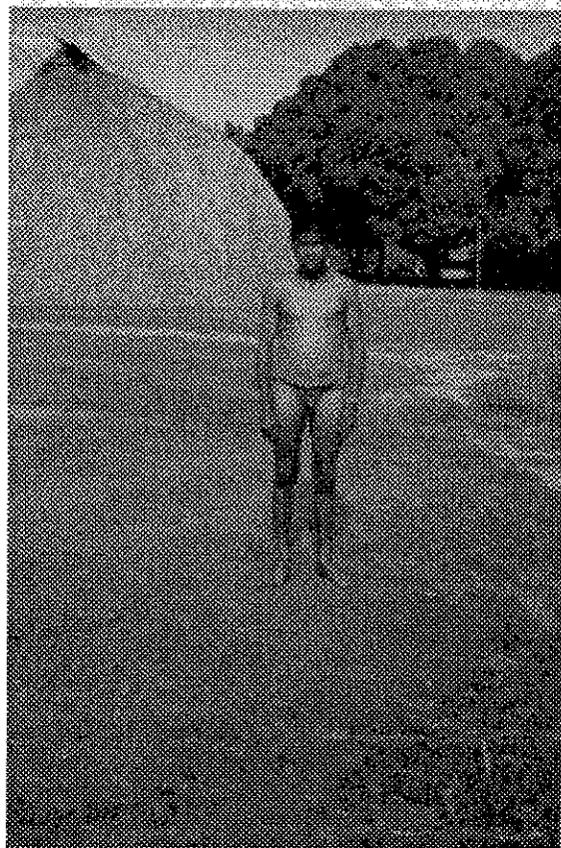
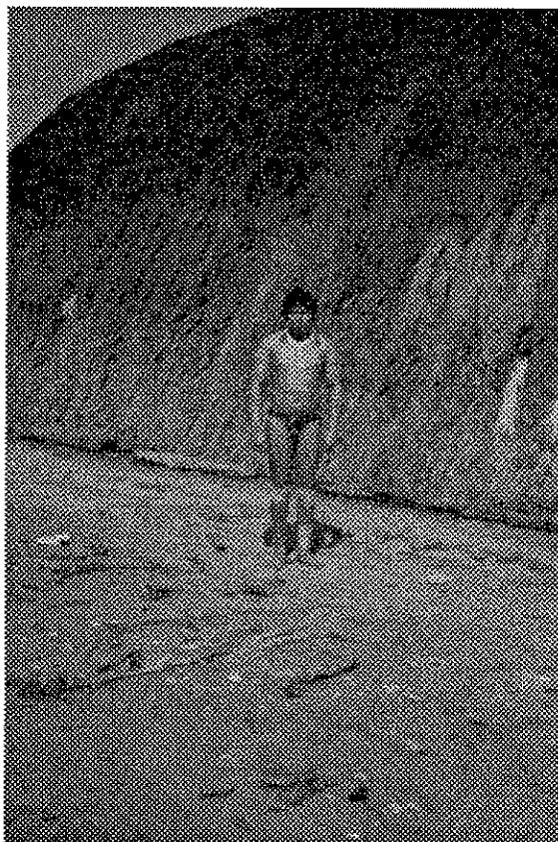
Nomes	D.C. Biceps	D.C. Triceps	D.C. Subesca- pular	Supra- crista- iliaca	D.C. Panturri- lha	Média DC - Tri/ Sub/Supr	Soma DC Bic e Tric	Soma DC - Sub e Supra
	(mm)	(mm)	(mm)	(mm)	(mm)	(mm)	(mm)	(mm)
Yawy	6.80	17.10	12.50	11.00	-	13.50	23.90	23.50
Katiwa	7.90	18.30	16.30	12.30	-	15.60	26.20	28.50
Kamynayrw	7.10	14.70	15.60	12.50	-	14.30	21.80	28.10
Maria Yakuta	7.30	12.50	15.50	10.20	-	11.70	19.80	25.70
Lapyakalw	5.00	13.90	13.80	8.50	-	12.10	18.90	22.30
Ayua	7.60	9.30	7.10	7.00	11.90	7.80	16.90	14.10
Kayamory	8.60	11.50	7.10	6.40	12.90	8.30	20.10	13.50
Matu	3.80	6.60	7.30	4.30	9.30	8.10	10.40	11.60
Kamalue	7.50	13.10	9.40	11.10	-	11.20	20.60	20.50
Mayary	9.90	13.70	16.00	11.10	-	13.60	23.60	27.10
Uaritá	8.00	10.10	12.30	10.50	6.00	11.00	18.10	22.80
Yawatua	6.80	9.70	13.10	6.90	11.10	9.90	16.50	20.00
Kanapwe	7.00	14.30	11.60	11.50	13.30	12.50	21.30	23.10

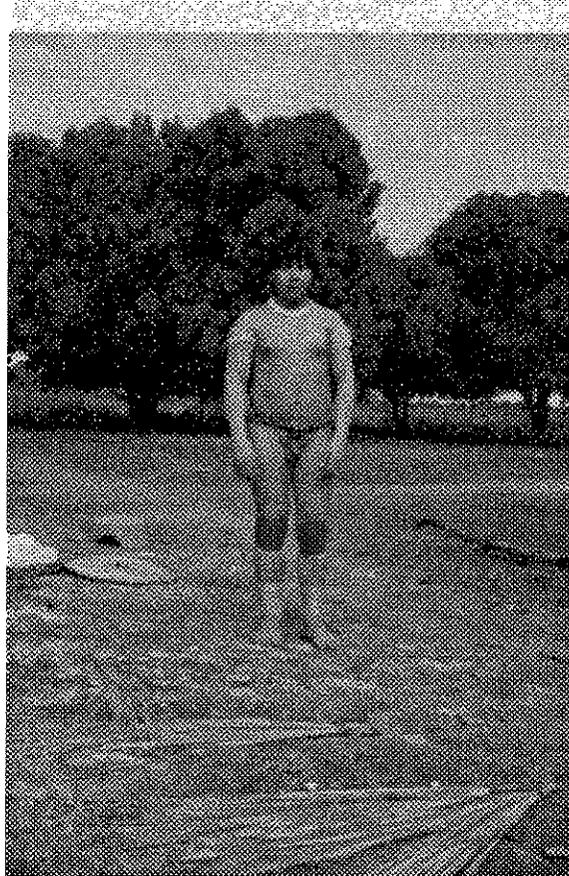
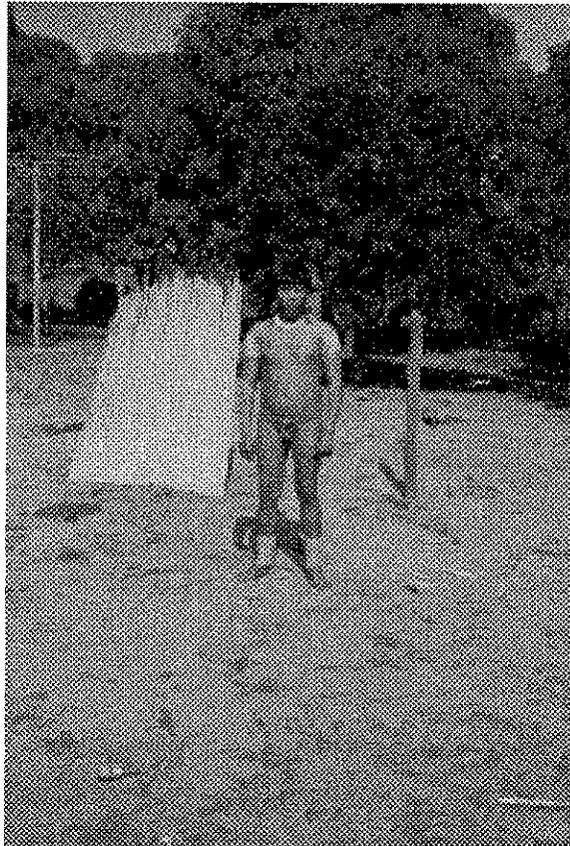
Tabela 2 Valores absolutos de performance motora em jovens Kamayurá

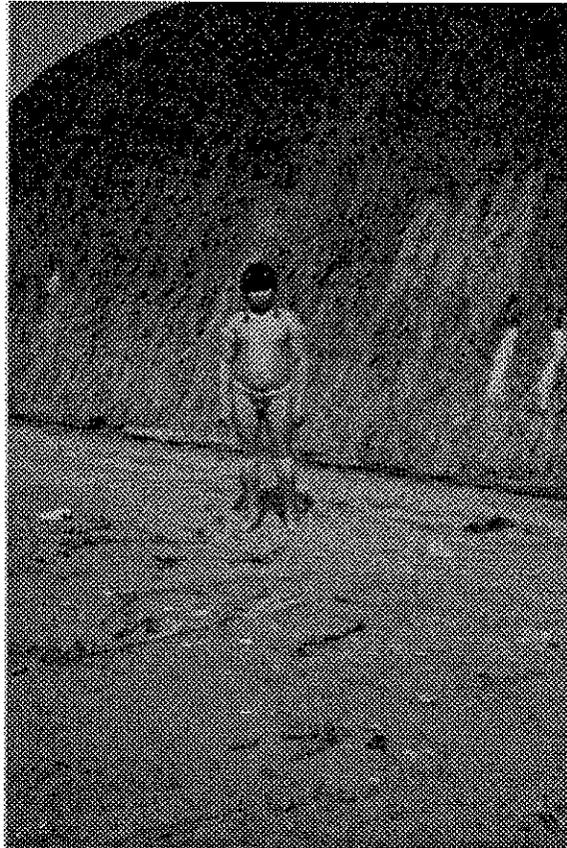
Nomes	Dinamo- metria Esquerdo	Dinamo- metria Direito	Veloci- dade 50 m	Agilidade	Abdomi- nal 30 seg
	(kg)	(kg)	(seg)	(seg)	
Yawy	27	27	—	—	—
Katiwa	31	29	—	—	—
Kamynayrw	32	35	15.06	21.25	—
Maria Yakuta	28	21	—	—	—
Lapyakalw	30	29	14.21	18.44	—
Ayua	41	45	—	—	—
Kayamory	34	30	8.47	11.28	18
Matu	37	38	8.72	12.59	16
Kamalue	43	42	9.53	13.13	12
Mayary	42	47	8.65	12.44	11
Uarítá	35	37	—	—	—
Yawatua	50	50	19.53	18.03	10
Kanapwe	40	43	7.60	11.53	17

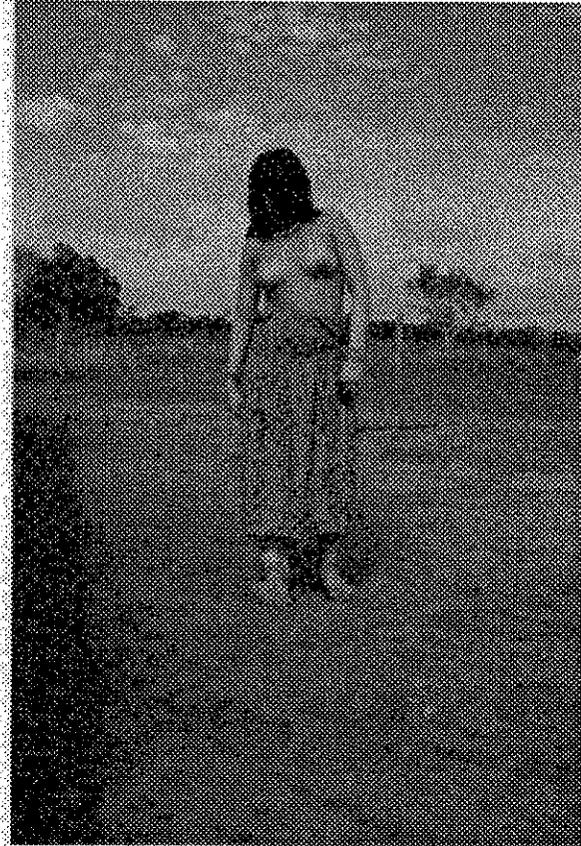
Tabela 3 Idade cronológica, estágios de desenvolvimento genital, desenvolvimento dos seios e idade da menarca em jovens Kamayurá

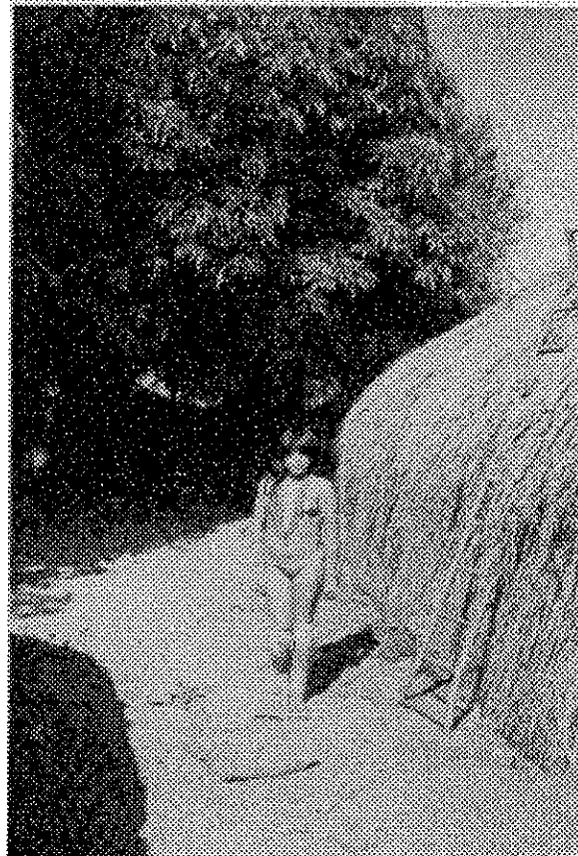
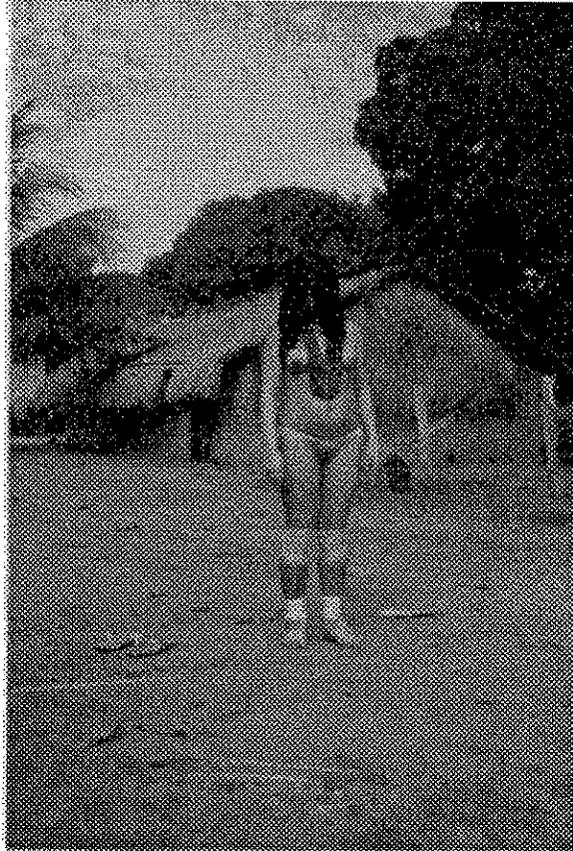
Nomes	Idade cronológica	Estágio Desenv. Genital	Estágio Desenv. Seios	Idade Menarca Aprox.	Anos de Reclusão	Previsão de Saída
Yawy	14	—	—	13	1 ano	1993
Katiwa	14	—	5	13	1 ano	1993
Kamynayrw	14	—	4	13	1 ano	1993
Maria Yakuta	15	—	5	14	1 ano	1993
Lapyakalw	15	—	4	14	1 ano	1993
Ayua	12	-	—	—	1ano	1997
Kayamory	13	3	—	—	1 ano	1996
Matu	15	5	—	—	2 anos	1996
Kamalue	15	4	—	—	1a 9meses	1996
Mayary	15	4	—	—	2 anos	1995
Uaritá	17	4	—	—	3 anos	1993
Yawatua	17	4	—	—	5 anos	1993
Kanapwe	18	4	—	—	2 anos	1993













1.2. TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS:

Depoimento Takumã⁽¹⁰⁾

Reclusão

Pergunta: Eu quero saber como funciona ficar preso (a reclusão) para menino e menina. Eu quero ver hoje como é ficar preso. E como era ficar preso no tempo do Sr. (Takumã).

Resposta: Resmungou (em Kamayurá), algo! E falou! "Eu fiquei preso, quê vê, fiquei! Quem vê isso é meu pai, quando eu era rapaz novo, com a idade desse menino (apontou garoto de (+/-) 13 anos), mais baixo, mais pequeno. Eu fiquei preso, aí fiquei preso (interjeição de pensamento - fiquei preso prolongado - pensou, mediu distância), fica (dois) 2 anos, depois eu saio. Pouco assim, né! Não saia assim, muito não. Eu fiquei, não ficava saindo assim toda hora. Ficava na casa, né! Depois! Depois que a tempo, a tempo. Meu pai marca, meu pai sabe, né! Aí meu pai falou pra mim, agora você vai preso! Eu levei (um) 1 mês só, um mês eu fui né. Quando ele saiu. Aí eu fiquei preso! Aí fiquei né, aí fiquei dois 2 anos, mesma coisa. (Dois) 2 anos eu fiquei né. Aí eu saio, não é? Aí eu fiquei aprendeu para fazer cesta, aprendeu para fazer flecha, aprendeu para fazer o cocar de coisa, o arco, o banco. Esse aí (o preso - Recluso) estuda, para fazer coisa, né! Para ficar aprendendo alguma coisa, não é? Aí depois eu fiquei (dois) anos, (dois) 2 anos depois aí eu saiu, não é? Aí eu fiquei (um) 1 mês, nem (um) 1 mês, ((cerca de (um) 1 mês)), (um) 1 mês fiquei e aí eu saí um pouquinho. Aí eu fiquei preso de novo! Pergunta: Mais quanto

¹⁰ Takumã é um Pajé Kamayurá, que tem por volta de mais ou menos, uns 60 anos de idade. Ele é tido como um dos melhores do Alto Xingu. Para o grupo ele é considerado como Chefe do Pessoal, isto é, conselheiro, mentor intelectual e autoridade máxima. É ele quem autorizada a entrada de pessoas (externas ao grupo), bem como a saída dos nativos da Aldeia Kamayurá.

tempo, depois?

Resposta: Quanto tempo depois?

Pergunta: É? É?

Resposta: Quanto tempo depois? Quando eu fiquei?

Pergunta: Mais. É, que o Sr. ficou mais preso?

Resposta: Há eu fiquei, primeiro eu fiquei, eu fiquei preso (dois) 2 anos? Depois eu saiu, saiu um pouco né, assim. Não é assim andando muito. Saiu só aqui na casa.

Fiquei (um) 1 mês. (Um) 1 mês fiquei só pouquinho andando. Aí fiquei preso, né!

Fiquei preso de novo. Aí fiquei (dois) 2 anos, fiquei preso não é?

Pergunta: Então o Sr. ficou (quatro) 4 anos preso?

Resposta: Fiquei 4 anos preso. Quatro anos eu fiquei preso. Depois eu sai. Depois mais eu fiquei mais 3 meses, não, 3 anos eu fiquei preso daí acabou.

Pergunta: Então ficou 7 anos preso em tudo?

Resposta: É 7 anos fiquei preso?

Pergunta: E nesse tempo foi aprendendo a fazer tudo?

Resposta: É! Aí sabe todas as coisas!

Pergunta: E quando é que o pai percebe que está na hora de por o filho para ficar preso?

Resposta: Quando ele percebe que tá na hora de ficar preso? Do tamanho desse, (e apontou para um garoto de mais ou menos 13 anos de idade). Como esse aí, não tem pai, ((ou melhor)), tem pai né, tem pai né, agora outro tá criando ele. Agora tamanho quem mando sou eu nesse menino. Já foi, já foi 2 anos já, 2 anos esse aí, aquele outro também, aquele outro e (chamou Mayaru), esse aí também faz 2 anos, esse menino aí.

Pergunta: Como é o nome dele?

Resposta: Desse aí é Kayamoru?

Pergunta: Kayamoru?

Resposta: É. Aquele outro Mayaru.

Pergunta: E aquele outro? Eu perguntei por Kanapue, mas Takumã apresentou-me seu neto Mayaru. Dizendo: Esse aí.

Pergunta: Como é o nome dele?

Resposta: Mayaru. Ele já esta a 2 anos preso. Agora ele vai ficar preso esse ano. Aí o outro ano, vai preso de novo, vai ficar mais preso. Ele vai ficar 4 anos, sem sair da casa.

Pergunta: (Quatro) 4 anos, Takumã?

Respostas: (Quatro) 4 anos. Tem que ficar forte, tem que treinar lutar também, para ficar campeão, ele tem que arranhar.

Pergunta: Arranhar bastante?

Resposta: É arranhar bastante para ficar forte. E tem que aprender para fazer alguma coisa, o pente, cesta e arco, flecha, todas essas coisas vai aprendendo, ele vai aprendendo. Aquele menino está aprendendo também, apontando para um garoto da casa.

Pergunta: E toma remédio ainda ou não toma mais?

Resposta: Agora hoje em dia, Sérgio (é Sérgio seu nome né), não toma mais direito esse coisa de remédio não.

Pergunta: Porque não Takumã?

Resposta: Porque muito tempo era, muito tempo, de rapaz ficar preso, muito tempo, tomar raiz é bom. Hoje em dia não é bom mais não. Aí vai dar reumative. É. Ele toma a coisa. Dá reumative.

Pergunta: Dá reumatismo?

Resposta: É, dá reumatismo. Fica assim (fazendo pose de aleijado), aleijado. Por isso hoje não tem nem jeito mais de rapaz ficar preso. Rapaz não é só daqui não, de todo

lugar tem Kuikuro, Capoto, Waurá, tudo, Yawalapiti, tudo que fica preso e toma raiz, não é muito bom não. Agora quando ele toma raiz pra ficar preso e come alguma coisinha, pronto fica aleijado com reumatismo.

Pergunta: Fica com a perna travada?

Resposta. É. Agora hoje em dia as pessoas não estão tomando remédio direito não.

Pergunta: E como é o nome da raiz que toma?

Resposta: A raiz se chama Kumanaum.

Pergunta: Kumanaum. E só toma essa raiz?

Resposta: É só toma esta raiz, Kumanaum e Moitisien, e tem outro Miaruiup, tem muito raiz para tomar.

Pergunta: E aqui tem bastante destas raízes?

Resposta: Tem. Tem.

Pergunta: O Sr. arruma um pouco para eu conhecer?

Resposta: Arruma, arruma, depois vamos lá.

Pergunta: Eu quero conhecer, quando eu for embora eu levo a raiz. Para eu ver lá o que tem na raiz. Para ver se a raiz é forte.

Resposta: Tá certo. Esse raiz, tem muito tempo ele tomava muito. Muito tomava. Hoje em dia não toma direito não mais.

Pergunta: Não toma mais. Mas porque não toma mais, porque acha que a raiz faz mal então?

Resposta: Porque acha que a raiz faz mal, não sei porque que esse é hoje.

Pergunta: E antigamente a raiz não fazia mal?

Resposta: Não fazia não, eu tomei Kumanaum, eu tomei outra raiz, eu tomei outra raiz, eu tomei não fez nada em mim, não fez nada, não fez nada. Aí não fez nem assim perna torto, dura, nada. Hoje em dia não é bom não. Olhe meu neto aquele lá, outro aquele, que também esta aqui Mayaru, também tomou remédio de

Kumanaum aí ficou aleijado, quase ele ficou aleijado.

Pergunta: Quase ficou aleijado?

Resposta: É.

Pergunta: Mas agora melhorou?

Resposta: É agora ficou melhorou, passava remédio.

Pergunta: E os meninos gostam de ficar preso?

Resposta: Gosta, gosta muito.

Pergunta: E lá está aprendendo a fazer bastante coisas?

Resposta: Lá está aprende a fazer bastante coisa sim.

Pergunta: E lá estão aprendendo para ser Pajé, grande Pajé assim como o Sr.?

Resposta: É lá está aprendendo para ser Pajé também.

Pergunta: Para ser líder também?

Resposta: Também.

Pergunta: Para ser lutador também. E o pessoal está lutando muito aqui no Kamayurá?

Resposta: Luta, luta bastante sempre. Todo dia. No Kwarup vai ter luta, você vai ver. Pode vir. Eu vou convidar você agora pode vir para Kwarup. Aqui agora tem casa nova, eu vou fazer outra casa agora também.

Pergunta: Então, mas parece que os meninos não gostam de lutar mais?

Resposta: Gosta, gosta.

Pergunta: Lá para baixo que os meninos não gostam de lutar mais?

Resposta: Qual?

Pergunta: No Kalapalo por exemplo.

Resposta: Kalapalo gosta também. Agora Kalapalo está gostando também. Kalapalo a muito tempo gosta de luta, agora diminuiu muito, bastante é. Esse aí que eu falo pro pessoal daqui. É esse aí que pessoal daqui tá pensando. Eu mesmo não quero

acabar com esse coisa a luta. Eu não quero acabar com isso. A dança, nós não quer acabar com a dança. E jacuí eu não quero acabar. O jawarí eu não quero acabar, tem que continuar para menino ver, com isso e para menino aprender com isso. A pintura não pode ficar assim sem, só toda hora de camisa, calça, calção não quero com isso não.

Pergunta: Tem que pintar todo dia?

Resposta: É, tem que pintar todo dia é bonito.

Pergunta: Eu também acho bonito, acho que tem que pintar todo dia.

Resposta: Pois é, é isso aí que eu quero. Mas esse aí ele não quer nem saber.

Pergunta: E antes, antigamente era diferente essas coisas Takumã, ficar preso? A luta o pessoal gostava mais antigamente, pintava mais?

Resposta: Pintava muito, gostava muito. Hoje em dia Sérgio, hoje em dia não tem mais rapaz que gosta. Hoje em dia não tem mais arranhadeira, não arranharam hoje (os netos dele). Não tem coiso daqui (braçadeira), colar não tem mais, brinco não tem mais, o cinto não tem mais. Aquele negócio daqui não tem mais (caneleira). Aquele também não tem mais (joelheira). Hoje em dia não tem mais nada disso. Só o pessoal quer usar é só calção e camisa. É esse aí que fiquei muito triste, sempre fala com pessoal lá no centro (da aldeia), sempre que eu fala com ele não pode acabar com essa nossa pintura. Tem que ficar mesmo igual nosso avó, tem que continuar com essa nossa pintura.

Pergunta: É! Porque daí eles (as crianças) vêem os mais velhos e continuam fazendo também, né?

Resposta: É. É. Tem que fazer. É esse aí.

Pergunta: E a comida Takumã hoje em dia. Para quem está preso, come comida diferente ou igual de todos da aldeia?

Resposta: Quem tá preso ele come o peixe cozido, ele não pode comer peixe assado.

Pergunta: Só peixe cozido?

Resposta: Só peixe cozido, ele não pode comer pimenta também, ele não pode comer sal, ele não pode comer esse caldo de mandioca. Ele toma só desse mingauzinho, esse beiju, peixe cozido, só. Carne ele não come, caça não pode comer. Só depois que fica preso ele pode comer tudo.

Pergunta: E quando vai ser Pajé é diferente.

Resposta: Ham, Pajé?

Pergunta: Quando vai ser Pajé ele fica preso diferente. Tem diferença ficar preso para ser dono da aldeia. Como funciona essas coisas, tem muita diferença ficar preso assim?

Resposta: Não, não. O Pajé, quando ele vai ficar para Pajé, ele fica preso, ele não leva um ano não, ele fica preso três meses só aí ele pode sair. Pode sair agora ele pode comer pimenta, só pimenta cozida. Depois ele sai ele come peixe assado, ele não pode comer também caça, carne essas coisas aí não pode comer.

Pergunta: Mel ele também pode comer?

Resposta: Não, não mel ele não pode comer, só pode comer depois que ele sai, senão fica muito fraco pra ele.

Pergunta: Ham, fica fraco! Então tem diferença para quem está preso para ser Pajé, de outro que vai ser chefe. Os meninos (os netos dele) estão ficando preso para ser chefe? E o que o Sr. fala para eles?

Resposta: Esse aí, esse menino porque ele fica preso, ele vai, ele fica, ele fica pra ficar forte, tem que treinar para luta. Ele tem que aprender tudo para fazer coisa. Depois e quando, depois, depois de Pajé, aí ele vai ficar chefe.

Pergunta: Ele é filho de Kotok. Os 3 são filho de Kotok?

Resposta: Os 3, são filho de Kotok. É. Não, não 2 só.

Pergunta: O outro é filho de quem?

Resposta: Aquele outro é filho de meu irmão Tarakway.

Pergunta: Ham, é filho de Tarakway? E ele já está aprendendo a Maraka, já está começando cantar?

Resposta: Quem?

Pergunta: O menino de Tarakway?

Resposta: Já, já sabe. O pai está ensinando ele.

Pergunta: Tarakway é grande cantor?

Resposta: Grande cantor, ele tá ensinando ele.

Pergunta: E o Sr. canta bastante também?

Resposta: Não, canta um pouco só.

Pergunta: O Sr. é Marakaup?

Resposta: Não. Não é Marakaup.

Pergunta: Tarakway é Marakaup?

Resposta: Tarakway é Marakaup.

Pergunta: Porque agora vocês não estão cantando Takumã?

Resposta: Eu não posso né. Eu to triste minha mulher faleceu né. Eu não posso nem sair lá fora, nem ficar no meio também só que quando que de noite vai sai um pouquinho de noite pra conversar o pessoal. Pergunta: Então o Sr. está preso também?

Resposta: Eu to preso também por isso.

Pergunta: De luto? Só que o Sr. pode comer todo tipo de comida? (Há restrição alimentar neste caso?)

Resposta: Pode comer qualquer coisa.

Pergunta: Não tem problema com alimentação, quando está de luto?

Resposta: Não, não, não.

Pergunta: E quando está de luto o que fica de diferente com quem está preso de

idade? (Reclusão pubertária)

Resposta: Qual luto?

Pergunta: Quando está assim que morre mulher.

Resposta: Ham! Tem assim que ficar preso. Eu posso ficar preso né, porque fica muito triste. Eu posso ficar na casa, não pode sair. Não pode ficar por aí assim. Quando alguém passa água ne mim né, da banho né mim, qualquer pessoal, ai ele pode pintar eu, aí eu posso sair né.

Pergunta: Depois quando acabar?

Resposta: Depois que acabar, depois sai.

Pergunta: Mas quando está preso, não pode sair. Só fica aqui na casa. E os meninos não podem pintar também, quando estão preso de idade (puberdade)?

Resposta. Pode pintar sim, mas não pode ficar saindo muito. Tem que ficar em casa, atrás da cerca de buriti. Não pode namorar. Não pode outra mulher chegar perto dele. Não pode ele chegar perto de mulher também, de qualquer mulher, a menos que seja sua mãe ou irmã, mulher da outra casa não pode. A outra quer namorar com ele, aí a mãe e o pai ficam bravo, assim fiquei bravo também. Porque não pode, o menino não está aí para namorar.

Pergunta: Quem entra aí são meninos que nunca namoraram ninguém? São virgens? Depois que namorou pode ou não ficar preso?

Resposta: É, só meninos virgens podem entrar para ficar preso. Porque se ele já namorou, o menino não vai agüentar ficar preso, só depois de ficar preso, depois de sair que pode namorar, quando ficar homem. Porque o menino que fica preso e namora, fica muito fraco, com as pernas mole. Agora depois que fica preso, aí sim pode sair para namorar. Ninguém liga, nem o pai, nem a mãe, ninguém liga mais.

Pergunta: E a menina é diferente do menino quando fica presa?

Resposta: Menina, quando assim, a menina fica presa assim, quando ela fica de

paquete. Sai sangue, aí o pai, já prende e fica presa. Não fica assim 1 ano ou 2 anos, ou mais, fica só 1 ano ou 1 e 1/2 ano e depois sai. Agora homem não, homem tem que ficar mais para ficar forte, para lutar. Agora mulher não, fica 1 e 1/2 ano e depois pode sair.

Pergunta: Agora todo mundo fica 3 ou 4 anos preso, ou só quem vai ser chefe, que fica bastante?

Resposta: Não! É tudo a mesma coisa para todo mundo.

Pergunta: Mas porque então tem uns que entra e sai mais cedo, outros que ficam mais tempo, se tudo é igual para todos?

Resposta: Não, assim oh! Quem sabe é só com o pai, para ficar preso né. Dai o outro entra é o pai que sabe o tempo que vai ficar preso. Daí o pai leva tirar remédio para tomar, aí depois ele fica preso. Aí outro também leva filho para pegar remédio para tomar para ficar preso. Aí o outro mesma coisa. Agora meu filho, o meu neto né já está a muito tempo que tá preso. Agora esse aí já foi 1 ano né, o pai falou para ele ficar preso, porque muito fraco. Aí o pai falou você tem que ficar preso, pra você ficar forte, você tem que treinar mais, senão você fica fraco, você tem que ficar forte para lutar. Essas coisas aí você tem que aprender essas coisa, aí o pai prendeu ele.

Pergunta: Então depois que o pai percebe que esta forte, bonito o que acontece? Porque tem gente que fica homem mais cedo uns que outros, como o Sr. entende isso?

Resposta: Aí o pai tira ele de ficar mais cedo. Tem outro que não fica preso tempo não. Fica assim preso pouco e depois sai.

Pergunta: Não será porque esse já ficou homem mais rápido?

Resposta: É porque ele já cresceu, é maior e ficou homem depressa, então sai logo. Agora aquele que está fraquinho e pequenino fica mais tempo.

Pergunta: E se ele for do tipo que vai ficar pequeno e não vai crescer muito, o que

acontece? Porque lá no caraíba, tem gente pequena (desse tamanho) que nós chamamos de anão.

Resposta: É que lá é outra coisa né. Aqui quando índio quer namorar logo, cedo, assim pequenino não fica nem preso, não fica. Porque não adianta, não cresce mais não. Fica pequenino, namorou, gostava de namorar mesmo, pronto não vai nem preso por isso. Aí fica pequenino, magrinho, feio. Serve para outras atividades (trabalhar, pescar, etc), mas fica pequeno. Você vai ver na outra casa tem menino que casou pequeno, está até agora pequeno sabe fazer tudo de trabalho, tem filho, mas ficou pequeno.

Pergunta: Quantos anos ele tem?

Resposta: Não! Casou a pouco tempo, ham!

Pergunta: Não! Quantos anos ele tem de idade?

Resposta: Ham! Não sei, você tem que perguntar para o pai dele.

Pergunta: E os meninos daqui tem mais ou menos que idade Takumã, 13 anos talvez?

Resposta: Não sei não, pode ser né. Esse aí, você pergunta para o pai deles hoje.

Daqui a pouco ele vai estar aqui, ele foi ao Posto. Você não encontrou com ele?

Pergunta: Não! Nós fomos pelo caminho do Campo de Pouso, do avião lá. Ele deve ter ido pelo caminho dos Yawalapiti, por dentro.

Eu acho bonito o ciclo da reclusão, Takumã. Como era antigamente a reclusão, diferente de hoje. Era mais difícil ficar preso naqueles tempos ou seria hoje em dia mais difícil? Os pais exigiam mais dos filhos? Não podia comer qualquer coisa, tinham que ficar mais quieto só preso atrás do buriti? Não podia nem sair na porta. Hoje parece que já pode conversar um pouco mais, já pode andar aqui pela casa? Como era isso ontem e como é hoje, fale um pouco sobre essa relação.

Resposta: Antes só ficava lá, só lá. Agora já andou (os netos dele), pode ver que já

andou. Quando toma remédio, aí não pode nem ver ele, só fica lá, quem da comida só mãe e pai. Quem faz comida só mãe. Agora quando alguém cozinha peixe não pode levar para ele. Só a mãe faz comida e leva para ele. Aí quando ele sai na luta, ele vai na luta, aí pode até nem volta mais. Aí outra vez vai lutar e aí pode ficar assim andando por aqui. Primeiro que começa, começa tomar remédio, ficar preso ninguém vê com isso. Só vai no cocô no mato, no banheiro, só de noite, cobre cabeça, ninguém vê com isso, nem fala com ele (caráter de invisibilidade).

Pergunta: Eles podem sair agora um pouco, ir lá (no centro). Ou só pode ficar aqui pela casa, andando. Eles podem ficar descoberto porque já passaram da fase do remédio. Só quando está tomando remédio que se precisa tomar essas precauções cobrir a cabeça, não pode conversar com qualquer pessoa e não pode ficar perto de mulher que está sangrando?

Resposta: Ele pode agora, está descoberto porque já passou da fase do remédio, só no remédio que cobre a cabeça, não fala, agora não precisa mais, isso mesmo, é isso aí mesmo. Quando alguém sangrando, esse mulher sai da casa e vai para casa de outro, um parente.

Pergunta: Eles já estão lutando? Mas só entre eles, meninos reclusos?

Resposta: Eles só estão lutando entre eles, mas homem velho também pode lutar com os pequenos. Não tem importância não. Antigamente também era assim, para ensinar ele para lutar, o pai e o vovô dele também ensina ele. Ele pode lutar lá na festa, agora outra tribo não vem lutar ele aqui não. Quando na festa a gente vai lá e luta na festa.

Pergunta: Então é só com pessoal daqui da aldeia é que ele pode lutar aqui. Os Yawalapiti não podem vir para treinar a luta aqui. Mas homem grande daqui da aldeia pode ensinar outro pequeno também. Se ele é campeão, pode passar seu conhecimento para os mais moços, mesmo que não seja parente?

Resposta: Só daqui pode treinar aqui. Só na festa é que vai lutar lá todo mundo. Yawalapiti só treina a luta lá na aldeia deles. Kamayurá só pode lutar aqui, Waurá só pode lutar lá. Kuikuro, Kalapalo, Mehináku, tudo lá. Mas daqui o campeão ensina à tarde no centro, só os meninos daqui.

Pergunta: E o que o Sr. fala para os netos, na Reclusão. Qual é o discurso? É a mesma coisa que o Sr. fala para o pessoal lá na praça ou é diferente. O que o Sr. passa de mensagem para o pessoal lá na praça e para os netos aqui na casa?

Resposta: Eu conta que, primeiro conversa com ele, não pode ficar contra outro. Você tem que trabalhar, você tem que fazer roça, pra você ajudar seu pai. Você tem que pescar para sua mãe e sua irmãzinha pequena. Quando você sair no centro você pode levar comida para o pessoal comer, você não pode ouvir fofoca, você não pode ligar quando falam mal de você. Sempre eu falo isso, sempre. Então meu neto está ouvindo essa conversa, você tem que conversar direitinho, você não pode gritar com ninguém. Quando outro gritar com você, você não liga para isso. Então você só ouvindo, você não vai responder ele, tem que ficar calado. Eu falo sempre isso, para meu neto. No centro eu mostro a conversa para eles né, conversa com o pessoal bastante, mas só no centro. É só no centro que a gente conversa calmo manda ele trabalhar. A conversa do centro é a do centro, a da casa é a da casa.

Pergunta: E isso o Sr. fala todos os dias para os netos presos, levanta cedo e fica conversando, aconselhando?

Resposta: Mando ele sentar e conversa com ele. Amanhã manda levantar e conversa com ele. À tarde conversa com ele, você tem que lutar. Você não pode perder, você tem que ficar campeão. Se você não vai ficar campeão, então tem que trabalhar na roça, tem que fazer alguma coisa. O seu vovô era campeão. Eu foi um pouquinho campeão, mas meu pai foi grande campeão. Todos os avós foram tudo campeão. Hoje em dia não tem mais luta. Hoje em dia não tem mais campeão. Hoje em dia não tem

mais arranhadeira, não tem mais nada disso.

Pergunta: Mas os seus netos que estão presos o Sr. arranha sempre? Resposta: Sempre. Eu arranha e depois passa remédio. Você leva depois um pouco do remédio.

Depoimento de Juca⁽¹¹⁾

Pai de Maria Yakutá

Pergunta: Eu gostaria de saber um pouco mais como funciona isso de ficar preso. Então eu estou conversando com os pais das pessoas que estão presas, para saber um pouco o que eles pensam de ficar preso. Se é importante ficar preso. Quanto tempo fica preso. Quando entra ficar preso e quando sai. O Sr. fale à vontade, o que o Sr. pensa sobre tudo isso, de como é ficar preso, se o Sr. ficou preso também, como foi?

Resposta: Esse negócio de mulher tem que ficar preso para aprender as coisas, peneira. Pra aprender fazer peneira para depois fazer beiju. Pra aprender fazer rede. Tem mais coisas que vai aprendendo. Todas essas coisas tem que aprender fazer fio para fazer rede, tudo isso. Ela tem que ficar um ano assim por aí.

Pergunta: Quanto tempo faz que sua filha está presa? E nesse Kwarup ela vai sair?

Resposta: Já está com um ano, neste Kwarup ela sai. Tem festa daí sai, daí corta o cabelo e pronto acabou.

Pergunta: Tem coisas que ela pode comer e outras não quando está presa? O que ela

¹¹. Juca é um senhor que aparenta estar na faixa etária sexagenária. É um excelente pescador, profundo conhecedor das técnicas pesqueiras. Não ocupa cargo de destaque no universo cerimonial Kamayurá. Fala, compreende e se comunica muito bem na língua Portuguesa.

pode e o que não pode comer?

Resposta: Tem. Ela tomou raiz no começo.

Pergunta: Isso no começo né? Que raiz ela tomou? Ela ainda está tomando raiz ou não toma mais? E que jeito que prepara a raiz?

Resposta: É só no começo né que tomou raiz. Ela já tomou tudo, não toma mais não. A raiz que toma chama Aputatamai. Raiz que chama assim, primeiro que ele tomou assim. Ele tira a raiz e coloca na água e põe para ferver, depois tira até ficar frio assim, até quando ficar pouco frio depois toma. Toma e depois vomita, e sai aquele água, toma aquele água e sai.

Pergunta: E é ruim de tomar a raiz, tem gosto ruim?

Resposta: Acho que gosto ruim. Muito bom não, acho gosto ruim.

Pergunta: Qual a finalidade da raiz?

Resposta: É para ficar forte, para crescer um pouco.

Pergunta: (Comentário) Então ela vai ficar presa até agosto deste ano (Kwarup). Depois ela vai sair. E o Sr. acha muito importante ficar preso, ela gosta de ficar presa?

Resposta: Ela gosta. Sempre a mulher faz isso, mas gosta de ficar.

Pergunta: E o Sr. gostou de ter ficado preso, fale um pouco?

Resposta: Eu preso, acho que foi quatro anos por aí assim.

Pergunta: Antigamente era mais difícil, mais duro ficar preso?

Resposta: É piriga ser.

Pergunta: Agora é um pouco mais fácil ficar preso? Tem um pouco mais de liberdade? Pode andar um pouco mais dentro de casa? No tempo do Sr. ficava mais atrás do buriti. Como era?

Resposta: É isso aí, não podia nem sair.

Pergunta: Tomava remédio mais tempo e arranhava com mais constância?

Resposta: Tomava remédio bastante e passava arranhadeira, do dente do peixe cachorra.

Pergunta: E ela arranha sempre?

Resposta: É a mãe dela que arranha ela sempre.

Pergunta: E o Sr. acha muito importante ficar presa. Todas suas filhas ficaram presas? Quanto tempo em média elas ficaram presas? Resposta: Acha bom. Aí por aí tem muita menina que fica presa. É fica sim, até mais de um ano. Aqui na casa todo mundo ficou presa.

Pergunta: Qual é o remédio que coloca na perna depois que arranha? Lembra o nome da raiz?

Resposta: Depois que passa a arranhadeira? Raiz, raiz também. Lembra sim ela tá passando raiz que chama Mapopita, é esse o nome de raiz.

Pergunta: É todo mundo que passa Mapopita? Ou as outras meninas passam outra raiz?

Resposta: Não só ela que passa Mapopita, as outras passa outro remédio não sei. É o pai delas que sabe.

Pergunta: E a outra erva que toma (Aputatamai), a outra raiz que bebe, o outro remédio, todo mundo toma o mesmo remédio?

Resposta: Outra coisa assim aí também.

Pergunta: E como é o efeito do remédio? Deixa mole, de pernas mole, ou fica firme não fica com a perna mole?

Resposta: Acontece só hoje essas coisa de perna mole. Antigamente não acontecia disso não.

Pergunta: Takumã acha que hoje em dia não se fica mais preso certo, como antigamente.

Resposta: É hoje em dia qualquer raizinha dá perna mole. Hoje em dia acontece

tudo esse. É da um reumatismo.

Pergunta: É Takumã falou isso mesmo para mim. Fica com reumatismo. Será que não estão ficando preso certo hoje em dia? Deve estar comendo alguma coisa diferente, ou está ficando muito nervoso. Porque não pode ficar nervo né? Tem que ficar quietinho deitado na rede. Quanto mais quietinho fica melhor o efeito do remédio.

Resposta: É só hoje que tem isso aí, antigamente não. Eu acho que hoje em dia não é bom não. Cada tribo tem isso de ficar com a perna mole agora. Antigamente não tinha isso não, eu tomei muita raiz e não fiquei desse jeito, nem deu esse de perna mole assim, nem reumatismo.

Pergunta: E o Sr. acredita bastante nisso de ficar preso?

Resposta: Acredito, é muito bom.

Pergunta: Parece que ficar preso é bom mesmo, porque a gente nota que o pessoal que fica preso aqui, fica viçoso, bonito, forte. É sobre este assunto que eu quero conversar com o Sr., a gente vai conversar também com outros pais para ver as diferenças entre menino e menina no caso de ficar recluso.

Pergunta: E quando o Sr. percebeu que ela tinha que entrar para ficar presa? O Sr. conversou com a filha, e daí o Sr. falou agora você entra para ficar presa. Como foi?

Resposta: Não, o negócio é o seguinte, a mulher quando a mulher tá com. No começo é assim. O índio é assim na moça, sai sangue, depois é a mãe que vai fazer isso. Pega a filha, por exemplo, quando ela foi banhar, ou passear assim lá aquele sangue, daí a mãe trouxe de lá, e coloca na rede, pra deitar. A menina deita. Leva um dia só deitada, não faz nada, aí tem mulher que leva três dias na rede. Agora tem outra mulher que leva só um ou dois dias na rede. Depois levanta e toma raiz, pronto aí fica presa.

Pergunta: (Comentário) Então é quando sai sangue, aí vai para ficar presa. Se

acontece de sangrar fora de casa então, volta para casa e fica presa. Só deitada não faz nada durante uns três dias?

Resposta: É isso mesmo. É assim que é mulher.

Pergunta: E pode parar (interromper) de ficar preso, ou pega ficar preso direto? Ela ficou direto? É o homem que pode entrar e sair várias vezes? Mas parece que só depois que toma remédio, daí fica com um pouco mais de liberdade. Mais tarde começa a lutar também, daí já vai trabalhar, e pronto logo acaba a reclusão (de ficar preso)?

Resposta: É mulher fica direto. Ela ficou direto. Agora homem não! Homem fica preso depois que toma raiz pela primeira vez. Depois sai um pouquinho, só um pouquinho, assim por aqui só. Depois entra de novo, homem que é assim. Agora mulher que é assim entra direto. Homem não, entra e sai um pouco, depois começa lutar, vai na roça com o pai. É assim de pouquinho, devagar. Mas não pode pintar para sair. Ela também não pode pintar, só depois do Kwarup, depois que corta cabelo, pra dançar Uruá. Ela vai dança primeira vez Uruá na festa. Agora já não, ainda não.

Pergunta: A dança, Uruá, vai começar cedo e vai até o Sol esconder. Uruá só encerra quando o Sol vai embora ou não? Como é a dança? Ela é para agradar mamaé ou esse aí não tem nada haver com o mamaé? Resposta: Não a dança vai começar às 8 hs.. Não, não vai começar às 9 hs. mais ou menos e só termina quando o Sol vai embora. Ela não tem nada haver com mamaé. É esse aí é só na festa mesmo.

Pergunta: (Comentário) Esse aí então não tem nada haver com mamaé. Esse aí é só na festa mesmo. E ela está gostando de ficar presa?

Resposta: Ela está gostando sim de ficar. No começo não gosta muito não, fica querendo sair, fica triste, quer passear com a amiga, sair pra banhar. No começo

não acostuma muito. Tá querendo sair, eu falo não calma, vai dar tudo certo, fique mais um pouco! Do conselho bastante.

Pergunta: Então no começo não acostuma muito. E como o Sr. percebe que está na hora de terminar (a reclusão) de ficar presa. Quando o Sr. percebe que já está bom, que já chega de ficar presa. Que o Sr. diz, agora já está bom de ficar presa, agora pode sair. Quando é que o Sr. percebe isso?

Resposta: Eu não sei, não percebe nada não. Ham! A mulher, é a mãe que vai conversar ela pra ela sair.

Pergunta: Ham, é a mãe então que fala que pode sair. E a mãe conversa bastante com a filha? O que a mãe fala nas conversas para a menina? Fala para trabalhar, para fazer artesanato, esse tipo de coisa que ela fala. E a que horas conversa de manhã, à tarde?

Resposta: A mãe conversa sempre, bastante. Dá bastante conselho. A mãe fala sempre pra não conversar com os outros, nem homem nem nada. Ela tem que ficar quietinha assim e tal. Quando alguém entra na casa, ela não pode nem sair de lá da cerca de buriti. Fica lá mesmo presa. Fala para trabalhar bastante, aprender fazer bastante coisa. Conversa de manhã, de tarde, de noite também sempre conversa. Conversa para filha obedecer, ser boa mulher casada, cuidar bem do filho e do marido. Não ficar saindo muito. Fala pra ajudar a mãe dela trabalhar.

Depoimento de Karuanã¹²⁾

Pai (fazedor) de Lapiakalw

Pergunta: Eu quero saber como funciona isso de ficar preso. Então eu estou conversando com os pais das pessoas que estão presas, para saber um pouco o que eles pensam de ficar preso. Se é importante isso. Quanto tempo fica preso, quando entre e quando sai de ficar preso. Pode falar à vontade o que você pensa de tudo isso. E se você ficou preso também, fale um pouco da sua experiência.

Resposta: Meu nome é Karuanã, minha filha também é Lapiakalw. Porque ela está presa. Porque ela sangrou e ficou presa, né. Tomou raiz, ficou dois dias sem levantar ainda, até à tarde. De manhã também até à tarde de novo. Amanhã 10 hs., a vovó dela deu remédio, raiz para ela beber né. Porque ela tomou e depois levantou para conseguir andar um pouco. Bom, depois ficou presa, até agora. Minha filha ficou presa até um ano agora. Vai sair na hora de sair, vai sair nesse julho ou junho agora vai sair. Vai fazer casamento agora, minha filha.

Pergunta: E ela já tem marido escolhido assim para casar. É daqui da aldeia mesmo?

Resposta: Tem. É da aldeia do Morená.

Pergunta: O noivo é filho de quem. É do pessoal de Sukurí. Se for então é filho de chefe. E isso é importante na hora do casamento, casar com pessoa filho de líder?

Resposta: Já tá tudo preparado já. É filho de Makari. É do pessoal lá de Sukuri. Ser

¹² Karuanã é um jovem de mais ou menos 34 anos de idade. Ele não é o pai biológico de Lapiakalw, mas sim o pai social. É ele quem está criando a jovem. Karuanã fala, compreende e se comunica muito bem em Português. É irmão de Karautá, o campeão Kamayurá. Ele compõe a nova geração de lideranças Kamayurá, disposta como promessa pois, congrega predicaos tais como, compreensivo, calmo, sicerro e inteligente.

filho de chefe é bom pra casamento. É isso é importante sim pra casar.

Pergunta: (Comentário) Então sua filha entrou para ficar presa, quando ela sangrou. No dia em que ela sangrou já logo ficou deitada, até melhorar o sangue. Daí levanta pra tomar raiz depois ficou presa. E como é o nome dessa raiz?

Resposta: É ficou deitada dois dias para melhorar o sangue. Depois toma raiz. A raiz chama, essa aqui eu não sei o nome não. É meu pai que sabe o nome.

Pergunta: Não sabe o nome, né. É o seu pai que sabe. E é possível conversar com ele. Ele fala bem português.

Resposta: Ele não fala português bem não. Ele saiu agora, vai ficar fora uns dias.

Pergunta: E qual é o significado de ficar preso para você? Para que é importante e bom ficar preso?

Resposta: Porque! Bom esse preso nós ficamos para ficar forte né. Para saber para trabalhar também. Porque preso é para estudar né. Igual o de vocês também, tá vendo o de vocês, estudar, ter aula pra vocês aprender também né. Pra saber fazer esteira, igual né. Tem que fazer a rede, porque é jeito de mulher. Beiju tem de fazer, mandioca tem de fazer, porque tem que saber né. Aí quando vai casar sabe tudo né. Sabe cuidar da casa dos filhos.

Pergunta: A sua filha entrou e não saiu mais, ficou presa direto? Ou ela saiu um pouquinho?

Resposta: Ela ficou presa direto, até hoje. Vai sair um pouquinho só em julho. Depois ela vai sair para sempre.

Pergunta: Hoje ela já pode sair um pouquinho, mas só por aqui pela casa.

Resposta: É só aqui. Só depois de julho que vai sair.

Pergunta: Mas ela não dançou Uruá nenhuma vez.

Resposta: Já dançou sim, dançou Uruá já, há muito tempo ela dançou. Em fevereiro ela dançou.

Pergunta: Ham! Já dançou Uruá, mas faz muito tempo.

Resposta: É um pouquinho aquela vez.

Pergunta: Só saiu um pouquinho então depois voltou. Isso foi no Kwarup passado que ela saiu. Mas naquele outro Kwarup, do ano passado que ela saiu?

Resposta: Ela vai sair no Kwarup agora. Naquele outro Kwarup antes não saiu não, nem um pouquinho.

Pergunta: Então no último Kwarup ela não saiu nada. Ela só saiu no Kwarup que ela ainda não estava presa.

Resposta: É isso mesmo aí.

Pergunta: E porque que tem algumas pessoas que podem entrar para ficar preso, depois sai um pouco depois entra de novo? Fica entrando e saindo várias vezes?

Resposta: Porque homem é que é assim. Menina não pode sair, quando sai, sai de uma vez, não pode mais voltar não. Não pode ficar entrando e saindo sempre de ficar preso. Quando saiu, saiu pra sempre. Homem pode sair vai para roça, depois volta. Pode lutar, depois volta pra casa. Então quando antes de sair né, sai primeiro o homem então não saiu ainda até agora, pra andando por aqui bastante. Então depois ele volta toma raiz também, nunca saiu ainda, ficou preso ainda. Até quatro meses ele pode sair também pra luta, para ir para roça também, pra ajudar o papai dele. Assim homem também ficou assim. Mulher não, sai de uma vez. Saiu, saiu. Não volta mais não.

Pergunta: Mulher quando sai, sai para sempre. É o homem então que pode sair um pouco para ir para roça, depois volta. No outro dia sai para lutar, depois volta. A mulher saiu, saiu não volta mais. E só entra para ficar preso, menino e menina virgem, que nunca fez sexo que não conhece essas coisas?

Resposta: É só menino e menina virgem, que não sabe nada disso.

Pergunta: Depois que sai de ficar preso, como é que ficam essas coisas, tem

liberdade para fazer sexo? Quem quer casar pode, quem não quer casar pode namorar à vontade, o pai não fica bravo. Não tem importância. Ele não liga? Como funciona isso?

Resposta: Não, não. Ele não liga não. É saiu, ficou. Saiu quem quer casar casa. Quem não quer casar não precisa não. Quem quer casar logo pode casar também, logo mais cedo né. Quem não quer casar fica com a mãe, namorando depois na casa. O pai não fala nada não.

Pergunta: E como você entende essa passagem de menina para mulher, e de menino pra homem. Como você entende isso dentro de ficar preso. Tem alguma ligação?

Resposta: É preso é assim, nós sabemos né. Ficamos assim na hora de tomar remédio. Os velhos tão sabendo isso né, e falam bom tá na hora de ficar preso de tomar remédio, pra ficar forte né. Pra crescer né, pra virar homem. É assim, é só dentro de ficar preso que isso pode.

Pergunta: Então a relação entre esse momento que o caraíba chama de puberdade. Esse momento que o pessoal daqui fica preso, lá no caraíba chama puberdade, é esse é o nome lá. Então essa relação entre puberdade e raiz, aqui é mesmo para ficar forte e crescer, ficar bonito é para isso que serve?.

Resposta: Serve pra isso também para ficar forte, bonito. Mas serve pra aprender também. Eu fiquei três meses e depois saí. Depois eu volto de novo igual três meses, depois sai outra vez. Depois eu fico, que vê, eu vomitei nove meses, eu vomitei. Eu fiquei acho que dez anos eu fiquei preso, até os dezoito anos eu fiquei.

Pergunta: Bastante tempo?

Resposta: Bastante sim. Com dezoito anos eu saio. Arranhei todo dia, eu lutei todo dia. Porque meu pai também era lutador, por isso ele marcou pra eu lutar né. Meu pai era muito lutador, por isso meu irmão ficou campeão maior do que eu né. Campeão maior do mundo. Esse meu irmão aí, ele é campeão.

Pergunta: E quem é mesmo seu irmão?

Resposta: É Karautá, ele é meu irmão. Ele é campeão.

Pergunta: Karautá é grande campeão. Ele nunca perdeu luta? Onde é a casa que ele mora mesmo?

Resposta: Ali, a casa dele é ali atrás! Ele tem aquele filho preso que a perna tá ruim. É meu irmão. Nunca perdeu nem uma luta. Aritana já perdeu dele. Tem Kalapalo também, mais forte ainda, Karautá já ganhou dele. Tem Waurá também Karautá ganhou dele. Tudo mundo ele ganhou. Karautá não perdeu ainda, nunca, nunca. Karautá é campeão aqui. Ele treina os meninos que tão preso. Acho que dia quinze vai ter luta aqui, treino, até no Kwarup. É tem treino esta semana também, dia quinze está perto né. Então, começa agora e vai até perto de agosto no tempo da festa.

Pergunta: E quando o pai percebe que já está na hora de sair. Que já está pronto, que não precisa mais ficar preso. Que já está bom de ficar preso?

Resposta: Não precisa ficar preso. Porque já vomitou, está forte agora. Daí o pai fala: "bom você vai sair, porque está muito forte agora. Você não precisa ficar preso mais, você muito forte agora pode sair". Quando não ficou forte ainda não, aí continua ficar preso.

Pergunta: Então ele percebe isso olhando para a pessoa? Quando está com o braço forte ou a perna forte, que cresceu e que sabe fazer bem artesanato então pode sair?

Resposta: É quando cresceu, ficou forte, sabe bem lutar. Quando sabe fazer as coisas, sabe coisas sobre as festas, flecha para saber fazer. Porque eu sei tudo pra fazer, eu sei esteira, eu sei tudo pra fazer coisa. Fazer artesanato também. É, tem que saber fazer tudo.

Pergunta: Ficar preso então é bom para o corpo e também para a cabeça, no sentido do aprendizado para a vida adulta?

Resposta: É bom pra o corpo, pra cabeça também. Pra ficar calmo, educado, pessoa bom. Tem outro também que não sabe né. Não treina não sabe, ficamos preso né, mas não sabe. Porque não treinou. Você tá vendo estas pessoas, tudo misturado, alguns sabe muito bem fazer essas coisas, artesanato, outras pessoas não sabe. Daí o outro pergunta: "Então como que é você não sabe, você não ficou preso"? "Fiquei, mas não sei". Você vê, chefe daqui sabe tudo. Tudo, tudo, porque ficou bastante preso. Chefe daqui é campeão mesmo, sabe tudo porque ficou bastante preso.

Pergunta: E quem não fica preso perde com isso? O pessoal perde o respeito por ele? Essa pessoa fica mal vista (marginalizada) pelo grupo? O que o pessoal fala de quem não fica preso?

Resposta: Quem não fica preso, não sabe fazer nada disso, perde de aprender a fazer bastante coisas. Então, enquanto que aquele que ficou preso tá sabendo pra fazer tudo. Quem não ficou não sabe nada. Alguma coisa que ele quer fazer, artesanato, tudo, ele não sabe. Daí fica pedindo para o outro fazer isso ou aquilo para mim. Perde mesmo! Perde muito, é feio né.

Depoimento de Pari⁽¹³⁾

Pai de Yawatua

Pergunta: O que é para o Sr. ficar preso? Para que serve, gostaria que o Sr. falasse da experiência do Sr. que ficou preso também e do filho do Sr..

Resposta: Porque pra ficar gordo, por que nós toma raiz né, para ficar forte entendeu. Para fazer ficar forte, ficar gordo.

Pergunta: E como é que o Sr. sabe que pode sair?

Resposta: Quando ele vai sair, eu que sabe para vai sair. Eu que sabe. Vai ficar, porque vai sair neste Kwarup, vai sair agora pra vai lutar né. E vai lutar agora né, quando terminou a luta, pra vai sair.

Pergunta: E uma vez que já ficou preso, não volta mais?

Resposta: Não volta mais, agora vai sair neste Kwarup. Para quanto terminar o Kwarup né, aí vai sair, daí acabou preso né. Eu que sabe agora pra vai sair, aí vai sair né.

Pergunta: O Sr. percebe no corpo dele que já pode sair? Que ele já cresceu tudo. Que já está forte. Ele pode sair quando o Sr. percebe que ele já está forte, gordo, grande, bonito, daí ele não precisa mais ficar preso?

Resposta: É não precisa mais. Agora já engordou, agora forte, já tá pronto já.

Pergunta: Daí já está pronto então. É isso que mostra o final de ficar preso? E porque uns tem que ficar preso direto não sai e outros podem sair. Depois volta pra ficar preso, depois sai de novo? Por favor explique isso?

Resposta: Não pode agora não né (com tradução do Kamayurá para o português por Karuanã). Ele ficou cinco anos agora né, ficou fora só uma vez né. Ele ficou três

¹³. Pari é um senhor sexagenário. Compõe junto a Takumã, Pirarué, Tarakway e outros, a liderança mais antiga dos Kamayurá. É uma pessoa muito boa e, um profundo conhecedor da cultura do grupo.

anos ainda, ele saiu um pouquinho a muito tempo ainda. Ele voltou, o pai dele mandou que ele ficasse cinco anos. E que ficasse até agora. Antes do Kwarup, agora ele vai sair, neste Kwarup que vai ter agora, daí o pai dele vai saber. Tá sabendo agora, bom ele vai sair neste Kwarup. Ele falou como que ele falou que neste Kwarup, ele vai sair agora. Vai andando, vai na roça agora. Depois vai trabalhar na roça, vai fazer tudo.

Pergunta: Daí ficou homem então?

Resposta: É agora ficou homem. Já ficou homem já.

Pergunta: Então ele saiu e voltou um pouquinho.

Resposta: Não, não voltou mais não.

Pergunta: Ele ficou preso, depois saiu um pouco e depois voltou e ficou cinco anos preso?

Resposta: É ficou preso até cinco anos agora.

Pergunta: No tempo do Sr. era mais fácil ou difícil de ficar preso? Resposta: ((aqui sem tradução)) É mais difícil ficar preso agora. Antes era mais fácil.

Pergunta: Ele gosta de ficar preso?

Resposta: Gosta, agora ele gosta de ficar preso. No começo não gosta, agora acostumou ficar. Agora gosta de ficar preso.

Pergunta: Então ficar preso é bom para que? Pra ficar forte, e para o que mais?

Resposta: É pra ficar forte, pra ficar lutador né. Já conhece tudo artesanato, pra trabalhar né. Pra trabalhar artesanato, alguma coisa pra trabalhar né, pente, fazer cocar, penacho, fazer tudo. Já conhece tudo. Já sabe tudo, colar, cinto, conhece tudo.

Pergunta: Então é só arrumar uma namorada e casar?

Resposta: Só namorar. Eu que sabe pra arrumar namorada pra ele.

Pergunta: E o Sr. tem alguma coisa em vista.

Resposta: Já tem é daqui da aldeia mesmo. Quem que é mãe que vai pra saber

namorada dele. Quando mãe não sabe aí fico brabo, mãe ficou brabo com ele.

Pergunta: É a mãe dele que vai arrumar uma namorada para ele, para casamento?

Porque ele nunca namorou ainda?

Resposta: Ainda não vi ainda não. (intervenção do tradutor na pergunta, não na resposta) Quem vai arrumar namorada para ele, é a mãe que vai arrumar, para casamento né. É, nunca namorou ainda.

Pergunta: Então ele já está pronto para casar?

Resposta: Agora já.

Pergunta: Então ele nunca namorou ainda, vai namorar agora? O Sr. está procurando uma namorada para ele. E de preferência ela tem que ser daqui da aldeia mesmo, Kamayurá mesmo. Mas se ele quiser casar com Kalapalo, ou com Kuikuro, pode ou não?

Resposta: Nunca namorou, vai namorar agora. Quando ele sai agora, vai namorar agora. Tá procurando, tá procurando. Não pode, só pode daqui da aldeia mesmo. É Kamayurá que quero mesmo, casa com ele. Waurá não pode, nem Kalapalo, nem Kuikuro, nem Awetí, só aí mesmo. Morená também não pode, não pode. Só aqui. Não acostuma estar em outra aldeia. Não sabe, não acostuma estar. Só acostumou aqui.

Pergunta: (Comentário) Então já tem cinco anos que ele está preso. Com a idade de treze anos mais ou menos, _ele entrou para ficar preso, e está ficando até agora. É, ele ficou forte mesmo.

Resposta: (intervenção do tradutor na resposta) "Ele ficou desde treze anos preso. É ficou, com treze anos ele ficou preso, até agora. Vai fazer cinco anos agora. Ficou forte, é ficou sim".

Pergunta: Ele ajudou o Sr. na roça enquanto estava preso. Ou só ficou preso, não saía nem para ajudar na roça?

Resposta: Quando vai sair preso, pra ajudar eu, pra trabalhar na roça. Não quando preso, só ficou preso. Não sai para ajudar não, só ficou preso. Foi.

Pergunta: E furar a orelha, ele furou bem antes de entrar para ficar preso ou furou agora. Quando vai furar orelha tem alguma Lua certa (cheia, nova, crescente) para fazer isso? Ou a Lua não tem importância nessas coisas?

Resposta: (resposta do tradutor) Pra furar orelha, ficou dois semana pra furar orelha, ainda quando nasceu. Quando nasceu depois de dois semanas fura a orelha. Pra furar orelha bom de manhã quando sete horas, com agulha né. Tem Lua cheia, também é bom para furar. Depois de dois meses fura a orelha.

Pergunta: (Comentário) O menino chega no final de ficar preso, quando o pai vê que ficou forte, bonito, grande, daí chegou no fim. Depois já pode sair, começa a treinar, casa e vai ser campeão. Está bom. Obrigado Sr. Pari.

Depoimento da Vó de Aywa⁽¹⁴⁾

Traduzido por Karuanã

Pergunta: Por favor o nome da Sra. e de seu neto.

Resposta: Aywa. (com tradução) Ela falou, que o neto ficou preso porque ele quer namorar né. Então a mãe dele não quer que ele namore, né. Então ele ficou preso, até agora para ficar forte né, para conseguir a luta também. Por isso a vó mandou ele ficar preso agora. Entendeu. É fica fraco, feio, não cresce, não sabe lutar. Ele não quer fazer isso tudo mais, pra ficar forte, pra conseguir a luta também.

¹⁴. Não foi possível saber muito sobre a Vó de Aywa, em virtude de que as mulheres se comunicam pouco. E ainda mais, quando essa comunicação é com pessoa do sexo masculino. Embora, ela tenha me passado, por ocasião da entrevista, ser uma pessoa conhecedora da cultura do grupo, dispostanto em seu grupo doméstico como liderança.

Pergunta: E se namora antes de ficar preso fica fraco, não cresce, fica feio. Como é isso?

Resposta: É queria namorar mais cedo. É para prender ele, pra crescer e não namorar. Ainda é criança né!

Pergunta: Então Aywa, queria namorar muito cedo. Daí a vó e mãe colocaram ele preso. Daí Anayirú (mãe), prendeu ele pra não namorar antes da hora. E ele está aprendendo a fazer bastante coisas?

Resposta: É tá começando agora a aprender artesanato agora. Quem ensinou ele é o tio dele.

Pergunta: Ele vai ficar bastante preso?

Resposta: Vai ficar até quinze anos agora, pra frente.

Pergunta: Vai ficar então mais uns três ou quatro anos preso. Ele só ficou um ano até agora. E ele vai sair no Kwarup?

Resposta: É, vai ficar mais. Ele já ficou quase um ano. Não sai, vai sair só um pouquinho. Vai lá luta um pouco, depois volta.

Pergunta: Então ele sai luta um pouquinho e volta. Ele só pode lutar com menino que está preso. Ou pode lutar com campeão também?

Resposta: Só pode lutar com menino, não pode lutar com campeão. Porque tá aprendendo ainda. Agora pra treinar pode com campeão.

Pergunta: Ele pode lutar com homem que já trabalhou mulher? Ou só com menino virgem ainda, que está preso também da mesma idade dele? Resposta: Não ele ainda não pode lutar com homem que trabalhou mulher, só com menino virgem igual ele. Ele ainda é fraco, tá criança ainda, perde a luta fácil para homem grande porque ainda não tem força.

Pergunta: Então ele está aprendendo fazer coisas? E como a vó vê o fato dele estar preso. O que ela acha de tudo isto, como ela percebe essas coisas, se é bom ou ruim?

Resposta: Ela falou que vai sair só quando ficar igual ao tio dele. Só depois que ficar igual, é que pode sair. Agora ele está novo agora. Quando ele ficar mais forte um pouco, igual o tio dele, daí pode sair. Agora eu não vou mandar sair não. Foi isso que ela falou.

Pergunta: Só quando ficar forte igual ao tio, daí pode namorar.

Resposta: É para ficar igual ao tio daí pode sair. Vai sair, vai trabalhar, vai saber tudo de artesanato. Daí pode namorar à vontade ninguém liga com isso.

Pergunta: Está bom, obrigado!

Depoimento de Piraruê⁽¹⁵⁾

Pai de Kamaluc

Pergunta: Por favor o nome do Sr. e de seu filho.

Resposta: (com tradução do Kamayurá/português por Karuanã) Bom ele falou que filho dele é Makaulacan chamado mãe esse é mãe pra chamar. O pai Kamaluc. Isso aí Kamaluc. Bom ele falou, meu filho tá aí. Nunca, nunca tem filho assim. Tem filho aí, esse aí é meu último filho, esse filho último. Eu queria conseguir a lutador. Por isso que eu mandei preso aqui oito anos, eu mandei preso. Até no final, até no fim né, eu posso mandar sair. Se eu acho assim né esse a luta tá quase acabando, tá acabando esse lutador, esse campeão tá quase acabando, tá acabando. Era avós dele, antigamente os avós deles né, tudo era campeão tudo forte lutador. Nesse

¹⁵. Também é um senhor que está na faixa etária dos 60 anos. Ele é considerado pelo grupo como o Chefe da Aldeia, isto é, uma espécie de administrador. Ocupa uma posição diferente de Takumã mas, junto a este e a outros líderes, delibera sobre as questões do grupo. É pessoa importante no cerimonial Kamayurá. Quando da minha chegada na Aldeia, foi Piraruê quem distribuiu os presentes que levei para o grupo.

tempo agora quase tá acabando esse lutador, por isso eu mandei ficar preso esse meu filho, para ensinar esse aí, para conseguir esse luta aí. Bom, nesse ano eu vou dar raiz pra ele, nesse ano ou junho/julho eu vou dar raiz pra ele até agosto/setembro, eu posso mandar sair um pouquinho ainda, também depois eu vou dar raiz de novo. Até o outro ano. Todo ano que vem eu posso dar raiz pra ele. Até outro ano eu posso dar raiz pra ele, se ele vai conseguir ser campeão eu posso mandar sair. Ele falou, eu posso mandar sair para fora. Se ele quer casar logo, mais cedo eu posso mandar casar, ele vai saber pra casar. Eu posso mandar sair pra casamento mais cedo. Se ele não quer casar, eu vou segurar ele preso pra meu filho pra lutador. Se ele não quer eu vou mandar sair logo pra casamento. Isso ele falou.

Pergunta: Então parece que ele vai ficar bastante tempo preso, né? A intenção é que ele fique bastante tempo preso.

Resposta: Ele mandou ficou muito bastante viu. Nesse ano vai sair primeiro pouquinho né, depois volta de novo, vai ficar de novo.

Pergunta: Já faz mais ou menos uns dois anos que ele está preso, ou menos?

Resposta: (Karuanã perguntou em Kamayurá p/ Pirarue e respondeu) Ele faz só um ano ainda. Um ano aqui ainda. Agora vai ficar bastante, cinco anos vai ficar, até mais. (Pirarue falou em Kamayurá) Bom ele falou, que um ano aqui ainda. Eu mandei preso um ano. Bom eu vou fazer assim, eu vou conseguir nesse ano também dar raiz pra ele. No outro ano ele vai dar outro raiz também. Vai sair um pouquinho ainda, vai ficar de novo também, vai continuar preso. Aí no outro ano vai sair pouquinho ainda também, vai sair pode ser por aqui em volta da casa ainda. Depois vai de novo, vai mandar preso de novo. Vai dar raiz também. No outro ano vai ter Kwarup também, né, aqui. Daí pode mandar sair. Se ele não quer sair pode continuar preso né. Mas se ele quer sair, então pode sair. É isso que ele falou.

Depoimento de Kotok⁽¹⁶⁾
Pai de Kayamory e Mayaru

Pergunta: Nós vamos ouvir agora o depoimento de Kotok. Um dos líderes Kamayurá, filho de Takumã _Pajé e dono do pessoal (chefe) da Aldeia. Kotok tem dois filhos preso e vai dar o seu depoimento sobre o assunto. Nós vamos ouvir a opinião dele.

Pergunta: Kotok qual é o significado e o sentido de ficar preso para você, a importância mesmo. Eu quero que você fale um pouco sobre isso, para nós caraiabas podermos aprender um pouco disso com vocês? Do nosso ponto de vista ficar preso parece ser muito importante. Para vocês também parece que é igualmente.

Resposta: Sim! Bom no meu caso assim né. Eu fiquei 4 anos preso né, quase 5 anos eu fiquei preso. Bom como meu pai falou pra mim né, nós temos que usar esse de ficar preso. Que meu pai, meu avó ficava também, nós temos que lembrar isso pra não esquecer de ficar preso. Nós temos que lembrar sempre. Daí ele falou pro neto dele também. Pro Mayaru, pro Titiquinho também _ eles estão presos. Nós colocamos eles porque já tava com idade pra poder ficar preso. O irmão dele já ficou preso também ano passado. O irmão dele está com três anos agora preso.

Pergunta: E qual é esse momento de entrar para ficar preso, como é que você percebe que esse momento chegou?

Resposta: Ah! Bom esse aí a gente sabe a idade dele também, a gente sabe o corpo do menino também né.

¹⁶. Filho de Takumã, hoje com idade por volta dos 35 anos. É sem dúvida forte candidato na sucessão do pai, no comando da Aldeia. Tem o domínio fluente da língua portuguesa. Conhece como poucos a cultura do grupo, compondo com outros parceiros de idade a nova liderança Kamayurá.

Pergunta: E o que no corpo do menino?

Resposta: No corpo do menino, assim, no corpo do menino, assim rapaz novo assim pra gente saber a gente vê no corpo. O corpo fica diferente né.

Pergunta: Então mas o que no corpo fica diferente?

Resposta: Bom a gente vê no corpo dele assim. Como se for, fala assim a gente sabe o rapaz quando tem idade pra poder ficar preso, a gente sabe pelo corpo assim quando fica, assim quando as crianças fica assim toda pele branco né. Quando fica dez ou quinze anos a pele dele fica um pouco escuro, a gente sabe pelo isso. Então a gente sabe pra poder colocar ele, pra ser assim pra ficar preso. Também que a gente pensa assim também, se deixar ele ficar até quinze anos fora, aí já vai querer pegar menina, namorar né.

Pergunta: E o órgão sexual é um indicador desse momento? O tamanho, por exemplo, quando está crescendo serve como referência, como base para ficar preso ou não tem nada haver?

Resposta: É tem também a gente sabe pelo pinto do menino. Tem o pinto, olhe tem essa criança aí. Olhe a "pica" dele tá pequeno ainda. Se começa grande a gente sabe que está na hora. A gente conhece por isso também. A gente vê, tá na hora de ficar preso, o seu pinto tá crescendo tá na hora de ficar preso. Se passa ~~aquele~~ já pensa pegar mulher, daí só pensa né mulher. Só pensa em namorar direto. Aí você coloca a pessoa para ficar preso, ele não fica, não agüenta. Não agüenta nem ficar um mês ou três meses, já quer sair. Já acostuma namorar, daí não tem jeito da pessoa ficar mais de um ano preso né.

Pergunta: E porque tem pessoa que pode entrar e sair de ficar preso (reclusão) de vez em quando. E tem outro que fica direto preso, entra e não sai mais. Isso depende do pai como é que é isso?

Resposta: Não esse daqui. Ham, sim! Não, esse daqui. Sim, agora sim porque tem

pai dele que fala você vai fazer um pouco isso mais só para fazer isso lá e pronto. Termina lá a roça, de plantar um pouco. Outro dia eu levei meu filho Mayaru, Titiquinho pra roçar na minha roça, nós saímos de casa sete horas. Até oito e trinta horas ficamos lá, depois viemos embora. Para não pegar muito Sol forte. Não pode queimar o corpo para não ficar morena a pele. Você vê meu filho está branco e o outro também. Mas para lutar ele sai duas horas da tarde só para treinar a luta só. Mas três e trinta horas ele entra em casa de novo. Banha na casa mesmo, não sai. Pra gente deixar ele à noite pra sair sozinho, também ele não sai porque se ele sai sozinho assim, bom ele pega outro rapaz assim aqui e leva ele pra namorar pronto está tudo perdido.

Pergunta: Pra ir na roça então ele pode ir? Para participar do Kwarup ele pode também mas para outras atividades não pode?

Resposta: Ah, sim! Isso aí se a gente deixar ele andando sozinho solto à noite, andar por aí tem feiticeiro também talvez o cara joga feitiço nele também. Quem sabe o que pode acontecer. Tem o mamaé também, se ele vai no mato, tudo raiz que eles estão tomando né, tem dono que chama Muaruiaup, nome do raiz Muaruiaup, dono do raiz né. Se esse remédio muito forte se ele anda sozinho, tem que mostrar pra ele como gente "(Mamaé encarnado em forma de gente falando) "o que você está fazendo andando. Por isso que você esta tomando raiz? Só para você andar solto por aí". Pronto o cara chega e morre. Ninguém sabe qual feitiço que pegou ele, só o Mamaé que matou ele. Muita gente já morreu aqui agora na Aldeia, rapaz novo. O filho do meu tio agora, Sukuri, tomou raiz, então ele tomou raiz que tem no Morená, é muito forte demais viu. Se fizer alguma coisa diferente, proibida, você morre ou fica aleijado, não anda mais.

Pergunta: E a pessoa que fica aleijada, como fica a situação dela dentro da aldeia, se ele não pode trabalhar, quem sustenta ele?

Resposta: Ah! Tem isso também, o menino, a pessoa que fica aleijado, tem o seguinte se a mulher está com menstruação, não sei como fala, menstruação. Se a mulher fica com menstruação não pode ficar na casa enquanto o rapaz está preso não pode, se ficar com menstruação à noite, na mesma hora ela pode sair e ir para outra casa. E tem que avisar antes o menino para não banhar com água, se não avisar e o menino banha com aquele mesmo água, que já foi passada. Então o menino fica tudo aleijado. O menino do meu tio Pari, ficou um ano tudo aleijado. O pai dele mesmo deu mingau, a mãe dele deu comida, ele mesmo carrega pra fazer cocô. Agora tem remédio pra isso também, tem que colocar muito raiz para ele poder ficar bom.

Pergunta: Como prepara o remédio, põe raiz na água quente e com aquele vapor vai suando bastante até ficar bom? Como funciona explique por favor?

Resposta: Não, não, põem na água quente, tampa ele sem sair aquela fumaça. Tampa direito quando está fervendo, aí coloca em baixo da rede onde o menino está. Ele (o menino) fica na rede né. Coloca em baixo e tira a tampa um pouquinho para sair aquele fumaça. Sai tudo, daí você tem que tampar tudo assim também só para poder chegar no corpo. Passa, passa até pra poder, até a fumaça acabar e tirar aquela panela também pra colocar no fogo de novo.

Aí você sua, porque a fumaça esquenta daí a gente sua. Porque se você não passa bem, daí você não sua não. Se esse remédio passa bem em você daí você sua, sente melhor né. Agora, só que a gente não morre dessas coisas não.

Pergunta: Não morre, mas e o filho de Sukuri. Não foi disso que ele morreu. O que aconteceu com ele então?

Resposta: Bom filho de Sukuri morreu, porque é assim: Ele tomou raiz, e irmã dele ficou com menstruação. Aí tomou e ficou quase aleijado, daí pai e mãe passou remédio nele e aí ficou bom. Problema é assim ele foi cagar sozinho, sozinho, em vez

de pessoa ir junto. Você vê o preso não pode ir cagar sozinho, tem que ter acompanhante com ele a mãe ou o irmão né. Então ele foi, Mamaé diz que jogou pau, aí ele correu, caiu, aí ele levantou virou para olhar, tinha gente. Mas na hora que ele foi gritar, desapareceu. Aí ele chegou na casa o pai perguntou o que aconteceu? Ele falou, eu vi um parece gente lá em baixo do banana. Foi assim que ele falou. Daí, o pai dele procurou, mas não era gente não, era mamaé. Daí levaram pra lá e morreu. Levou para cidade, ele falou, disse pro pai "você vai me levar para cidade, mas não vai adiantar eu vou morrer mesmo". Aí ele morreu. É assim que acontece né, se mamaé fica muito bravo morre. Agora pra poder ficar aleijado não morre não. Porque esse aqui tem remédio pra isso.

Pergunta: Então! Mas eu perguntei, quando acontece de ficar aleijado, se ficar aleijado, quem cuida dessa pessoa. É o pai e a mãe que vai cuidar para sempre daquela pessoa, se ficar aleijado? Resposta: Ah! Sim se a pessoa ficar sempre aleijado que você está falando? Quem cuida? É a mãe. Se ele tiver irmão, o irmão também ajuda a cuidar. Se a mãe vai pra roça o irmão pode ajudar. É a gente é assim.

Pergunta: Então como vocês entedem essa passagem de menino pra homem dentro de ficar preso? Como é que você vê essa passagem? Como algo bom, interessante, importante? Fale um pouco disso.

Resposta: Como assim que você está falando? Assim para menino ficar preso, que você está falando? O que eu estou vendo, pra menino ficar preso? Bom pra mim eu acho que é bom eles ficar preso. Pra ele poder saber fazer alguma coisa. Pra ele poder fazer, pra ele poder ficar forte também né. Ele não pode ficar assim a pessoa ficar fraco. O Titiquinho está começando agora pra poder ficar forte. Mas, ano que vem nós vamos, ano que vem não, no final do ano agora, nós vamos dar outro raiz agora. No outro ano que vem vai tomar outro raiz ainda. Daí o corpo dele vai

começar a virar diferente né. Que estou falando de corpo, mas eu não estou falando de corpo não. Eu estou falando a força dele, pra poder aumentar mais a força dele né. Quando tomando raiz. Agora o Mayaru tem que tomar mais ainda agora né. Pra poder, ele pode se preparar mais ainda pra ver se ele fica lutador. Se ele fica alguma coisa né, o pessoal está em preparação pra isso.

Pergunta: Eles gostam de ficar preso?

Resposta: Agora Mayaru está gostando de ficar preso, irmão dele também. Ele nunca assim reclamou comigo. Ele gosta de ficar preso, ele nunca chega e fala "eu não vou ficar preso. Eu quero sair agora, eu quero comer alguma coisa assim". Ele nunca falou assim para mim. Nem com a mãe. Nunca brigou, nunca discutiu assim com a mãe. Eles são quieto aí. Eles falam entre eles mesmo com Titico e o irmão dele. Agora nunca discutiu com nós, assim. Nem a gente assim que é grande fica triste, porque ele está aí porque quer ficar mais. Agora meu filho Mayaru, vai entrar com dezessete anos aqui agora, e eu não posso mais assim brigar com ele né. Eu, meu pai, nunca nós, eu e meu pai, nós índios nunca briga, a família nunca briga. Agora tem gente que reclama entre eles. Agora nós não. Minha mãe morreu, ela nunca brigou comigo. Meu pai até agora nunca brigou comigo. Nunca falou assim ruim comigo. Imagina se meus dois filhos, nunca eu vou chegar e reclamar com ele. Se ele falar eu quero sair de ficar preso. Eu falo está bom, problema dele né. Se ele quiser sair tudo bem, se ele quiser ficar mais, ele fica. Se Mayaru quiser ficar maior que cinco anos, ficar mais de cinco ou seis anos, pode ficar não tem problema. Então que ele vai se preparar pra poder ficar lutador né.

Pergunta: Eles fazem alguma coisa a mais de ginástica ou física quando estão presos, ou só treina a luta?

Resposta: Não, não. Bom eles estão aqui, entre eles mesmo com o Titico e irmão dele. Entre eles mesmo estão treinando aqui dentro da casa mesmo. Fazendo treino

lá no centro, aí chega na aqui na casa e descansa um pouco. Esfrega o corpo com óleo para descansar. Pra poder acabar, com aquele cansado né (cansaço). Ele vai lutar no centro, pra treinar né. Aí amanhã ele acorda tudo cansado, esse aí que é pra poder acabar com tudo isso aí. Esfrega bem o corpo e acaba com todo esse cansativa assim. É só fazer isso, eles tem que preparar bem para a luta.

Pergunta: Agora quando a mulher está presa é diferente do menino né? Você não tem filha presa ou já teve alguma filha que ficou presa aqui?

Resposta: Não tenho, mas é diferente sim. A mulher fica presa quando aquela, menstruação, não sei como fala essa palavra, o pacote sai. Quando a mulher tem isso pronto já fica presa. Quatro dias deitada, sem comer nada, nada mesmo. Quatro dias sem mexer nada também. Aí dorme quatro dias pronto, no dia certo aí dá raiz pra ela toma dois dias também. Fica sem comer. Aí toma mais dois dias.

Pergunta: Fica sem comer quando está tomando raiz?

Resposta: Aí mulher fica um mês sem comer peixe. Um mês ainda, na primeira menstruação da menina, fica um mês sem comer peixe. Aí na segunda vez quando fazer menstruação só fica cinco ou seis dias, conforme a mulher quando acaba o sangue. Aí come logo, mas na primeira vez demora pra comer peixe.

Pergunta: E o menino pode comer qualquer coisa quando está preso? Ou nesse tempo também fica sem comer?

Resposta: O menino é assim, o menino quando toma raiz aí já fica preso, toma cinco dias raiz, normalmente toma cinco dias. Toma hoje, amanhã, amanhã, amanhã, até acabar. Nesse tempo fica sem comer nada, nem mingau, nem nada. Tomando raiz direto, toma oito horas. Essa hora agora três horas, daí acaba. Amanhã mesma coisa, amanhã mesma coisa. Quando acaba raiz aí pode comer peixe.

Pergunta: Só pode comer peixe, outra comida não pode?

Resposta: É, só come peixe, beiju e mingau só. Nem sal, nem nada. Pimenta

também não.

Pergunta: Agora e quando vai ser Pajé ou vai ser chefe é diferente ficar preso para isso?

Resposta: Aí esse aqui já é diferente. Agora essa situação desse aqui, eu não sei nada ainda dessas coisa aí. Quem sabe sobre isso é meu pai né. Que faz isso né. Agora pajé eu não sei ainda dessas coisas não.

Pergunta: Você não sabe como é que fica preso para virar Pajé. Mas para ser líder você sabe, porque você é líder e seus filhos possivelmente no futuro venham a ser líderes também? É diferente a reclusão nessa situação?

Resposta: É, aqui é diferente. Mas pajé também é diferente. Eu não sei não. Quem sabe é meu pai também. Pajé é mais perigo ficar preso, por isso é que não fica. O Pajé é que nem raiz também. Mas eu não sei pra rapaz fazer isso, se é só com o cigarro mesmo. Se pegar mulher e fazer "minon" (copular) pronto já acabou. Vai aleijar tudo. Aqui (tornozelo), aqui (cotovelo, joelho) tudo.

Pergunta: Então Kotok, como é que você percebe quando está pronto? Que já acabou? Que já pode sair? Que já cumpriu o tempo de ficar preso? Quando é que você percebe isso?

Resposta: Bom eu percebe isso. Não, é o seguinte a gente percebe isso, não é eu que vou perceber. Ele é que vai decidir, falar né. Vai falar "bom eu não vou ficar mais preso. Eu quero sair ou eu quero ficar". Porque a gente percebe também, quando a gente vê ele se ele está forte né, tudo forte pra poder sair tranquilo. Já pode pegar mulher e fazer "minon", não tem problema ninguém liga mais né. Vem cá, é isso aí a gente não liga mais né. A gente deixa ele ficar livre né. Daí já sabe tudo a luta, ele já sabe tudo pra fazer alguma coisa né. A gente percebe pra isso aí também. Só que ele não pode casar assim que ele sair. Não é para casar. Ele pode ficar assim mais uns três ou quatro anos, daí ele pode casar né. Se casa muito cedo não é bom não.

Esse aí é contrário também Sérgio. Esse aí é assim, se você fica dois anos preso. Bom se você tem primeiro filho, você passa um ano ainda preso também com a mulher. Um ano é contrário, se alguém fica cinco anos preso, leva cinco meses pra sair também do primeiro filho. Aí leva só cinco meses. Agora quem tiver passado só dois anos preso, quando tem primeiro filho fica um ano preso, pra completar três anos. É assim.

Pergunta: Fazer minon é trabalhar mulher?

Resposta: É fazer "Minon" é trabalhar mulher sim. Enfiar no buraco. Pergunta: O que você conversa com eles, com seus filhos que estão preso? Você fala bastante com eles? O que você passa de mensagem pra eles nas conversas?

Resposta: Eu aqui converso com meu filho, fico explicando pra eles, vocês tem que lutar, vocês tem que saber pra fazer alguma coisa. Assim se você vai casar pra você fazer cesta pra sua mulher, pra você fazer arco e flecha pra seu sogro, porque a gente tem que dar presente pro sogro. Porque a gente tem que fazer tudo, porque senão seu sogro vai gozar você, vai fazer sacanagem com você. Porque você não sabe fazer nada. Aí ele vai falar pra você, "meu genro não sabe de nada, ele não sabe fazer nada". Ele, o seu sogro, vai sacanear você. É isso que eu falo pra ele. Tem que vocês estão preso pra poder preparar tudo pra fazer alguma coisa. Eu sempre fala isso. Eu também fala pro meu filho, eu e meu pai né, conservando eles, se eles vão ser um cacique depois para não criar problemas para o povo dele. Tem que ser sempre unido e conversar bastante com o pessoal, não adianta ele falar pra pessoa assim mal do outro, reclamar do outro. Você tem que ser sempre reunido pra pessoa. Se outra tribo chega conversa com ele pra falar mal de outro. Ele não pode falar nada, porque senão ele vai falar que você é ruim, que você não presta. Você não pode dar ouvido pra fofoca. Você tem que mostrar da sua cabeça o que você pensa. Nós tem que explicar tudo isso para o menino. Pra não sair de casa quando tá preso,

e ir reclamar do outro falando "você não presta". Pra ele nunca falar isso também, é feio. Pra não fazer isso, ele tem que ter coisa boa na cabeça dele né. Quando chegar pessoa receba bem na sua casa. Quando chegar não falar que não cuida dessa pessoa bem, porque não é do meu pessoal. Pra não falar isso, então a gente tem que forçar ele pra preparar pra isso também.

Pergunta: Então ficar preso é um momento de construir não só o corpo _ porque ele vai ficar forte, bonito. Mas também de construir a cabeça, a personalidade, o comportamento dele amanhã, depois que ele terminar de ficar preso e assumir as atividades sociais da aldeia, na liderança, para ser chefe?

Resposta: É isso aí nós tem que deixar ele fazer tudo isso. Tudo esse pessoal que está preso, pensa as coisas tudo certo. Tem muita gente que não fica preso, não entende nada, quer dizer ele entende a pessoa né. Que tou falando que ele não entende uma coisa boa na cabeça né porque não tem ninguém que conversou ele né. Mesma coisa eu, se eu não ficar preso vou reclamar com qualquer pessoa, vou brigar com o outro tal assim né. Porque não tem na minha cabeça coisa boa. Oh, no dia que eu fiquei preso meu pai conversou muito eu. "Você tem que fazer isso, você tem que entender, você tem que saber tudo. Não adianta você explicar sem você saber, é esse que é ruim. Tem que pensar primeiro, para não dar problema pra você depois". É isso que a gente fala pro Mayaru, a gente explica pra Mayaru, pro Titiquinho. Meu pai também conta história de faz tempo pra ele ficar sabendo também essas coisa, aprender tudo. Aprender coisa boa na cabeça, pra gente poder colocar tudo de coisa melhor na cabeça dele. Pra não esquecer quando meu pai morrer, ele já sabe, meu pai já passou pra ele. Se eu morrer cedo, ele já sabe também tudo o que eu passei pra ele. Pra cuidar do pessoal dele, pra cuidar da família, pra cuidar de todo mundo. Por isso que as crianças tá aí pra isso também, não é só para ficar forte não, pra a gente ensinar pra poder colocar as coisas boas na cabeça dele né. É por isso que essa

criançada está presa.

Pergunta: Tem diferença de quem fica preso para quem não fica? Quem não fica é assim meio inferiorizado entre os outros?

Resposta: Ham, sim! Bom é como eu falei né, quem ficou preso entende as coisas né, entende tudo né, entende. Quer dizer ele é assim fica calmo. Ele nunca chega e goza, ri de você na sua frente. Quem ficou preso é mesma coisa daquele que estudou bem né, é como menino da cidade que estuda bem sabe tudo. Aquele que não estudou ficou assim como pobre que não faz nada e não sabe de nada, mesma coisa é a gente também quem ficou preso, ele respeita a pessoa. Ele nunca chega e fala, fica gozando você, rindo né. É isso que a gente fala se você vê uma pessoa assim feio, ruim, não adianta você ficar rindo na frente dele. Você sai num lugar longe, daí você pode gozar dele lá, na frente não. Por isso a gente tem que explicar bem pra eles. Pra que eles fiquem sabendo bem. Agora aquela pessoa que nunca foi preso é ruim porque o pessoal não sabe respeitar os outros. Por isso que meu filho, outro, tem mais oito meninos ainda, tudo esse meu filho vai ficar tudo preso. Não vou deixar que nenhum não fique preso, todos vão ficar preso. Assim que cresceu vai ficar preso, o outro vai ficar preso, o outro também. Para ele poder ter coisa boa na cabeça, pra ele entender alguma coisa também. Eu não vou deixar ele sem ficar preso. Eu vou deixar tudo preso. Pra ele entender alguma coisa assim. A conversa que a gente passou para Mayaru, nós foi passando tudo para os outros meninos, pra eles pensar direito. Se alguém chegar reclamando neles pra ele não brigar, porque brigar não resolve nada, não é bom. Nós tem que ficar sempre reunido né, mesmo que a pessoa chega reclamando você não pode já ir brigando. Você tem que saber porque você está brigando. Porque não adianta chegar e brigar. A gente explica tudo essas coisas pra eles. É nesse aqui que a gente erra, a pessoa que não fica preso, fala muito palavrão, até pra gente eles falam. Nunca que o pai dele vai conversando

com ele, não conversa com ele. O filho fica criado, quando fica grande só fica andando por aí, então não tem jeito pra poder explicar, conversar né. Só à noite que fala, é pouco, não tem tempo pra poder conversar bastante. Amanhã de manhã ele sai de novo, vai pra outro lugar e acaba não dando tempo. Agora a pessoa que fica preso tem o direito de conversar muito com eles, de explicar pra poder pegar a cabeça nossa né.

Pergunta: A que horas você conversa bastante com eles, de manhã cedo, à tarde?

Resposta: Ham, criançada! Nós começamos conversar oito horas da noite, porque esses meus filhos não deita cedo não. Eles esquentam no fogo, Titiquinho aqui e do outro lado Mayaru, pra poder esquentar o joelho, pra poder torcer o dedo, a mão dele, eles tem óleo para fazer isso. Sabe porque? Para não quebrar na luta. Passa óleo aqui, aqui, porque eles tem que preparar pra luta, pra assim na luta ficar bom. Como assim vocês fazem física, aquece primeiro para depois jogar bola né, mesma coisa o pessoal daqui. Daí quatro horas da manhã o pessoal acorda e é a mesma coisa, enquanto isso a gente vai conversando. A gente também acorda às quatro horas. A gente conversa com a criançada, depois das oito horas, não sete horas da noite volta a conversar com eles, pra poder entender bem essas coisas aí.

Pergunta: Que óleo é esse que passa? Óleo comum de fazer comida ou algum óleo especial do mato?

Resposta: É óleo de pequi, óleo de pequi e tem óleo de cabaíba também, né. É bom esse também. O óleo de cabaíba é bom para passar no olho também. Só que é como pimenta, esse aqui pra gente ficar acordado. Pra nós esse óleo, pra passa no olho é bom para acordar cedo e para não dormir cedo também. Então esse daqui é pra isso esse óleo. Então meu filho, não é sempre que usa, passa hoje depois passa daqui a cinco dias de novo né, pra que ele não fica assim dormindo até seis e meia horas, até sete horas, pra não ficar preguiça. Normalmente pra criança que está preso tem que

acordar quatro horas da manhã. Pronto ele dorme também às nove ou dez horas da noite, ele dorme também né. Porque a pessoa que está presa ele não tem jeito de ficar dormindo até mais tarde, não tem isso não. Eles tem que acordar cedo, tem que aquecer o joelho, tudo isso que nós que tá preso precisa fazer.

Pergunta: Tem que pensar na luta pra ficar campeão?

Resposta: É tem que pensar muito na luta. Tem gente que só pensa na luta. Tem que passar muito remédio pra ele ficar campeão?

Pergunta: Que remédio que passa, é algum tipo de óleo também?

Resposta: Não! É raiz que passa. Tem raiz do mais bom mesmo tem Timukuvi, tem Timó, tem Kumanum também. Essa daqui (as raízes) tem que passar sempre no corpo pra ser lutador, só que esse remédio arde muito. No corpo, passa arranhadeira para poder passar né.

Pergunta: E depois que passa arranhadeira que folha que põe para cicatrizar?

Resposta: Depois que arranha tem que passar folha do algodão, é esse que a gente passa pra poder fechar o corte.

Pergunta: E como é o momento assim antes da luta? O pessoal dorme bastante, fica repousando? Como é que ficam os lutadores?

Resposta: Bom agora você está falando sobre o lutador né? É o seguinte no Kwarup, tem lutador, quem não perde ainda na luta não pode dormir, fica acordado a noite toda. Só dorme depois da luta, depois que termina a luta aí ele dorme, porque para não sonhar né. Diz que no sonho, a gente sonha se você escorrega no sonho aí na luta você vai cair, ou você torce no pé, ou você pode rachar aqui na testa não é, tem isso também. Por isso o lutador não pode dormir. O lutador tem que ficar sempre assim sentado e aquecendo, que é pra preparar pra luta amanhã não é. Esse aqui o pessoal faz, mesmo os meninos você vai ver se você vem no Kwarup, você vai ver todas pessoas não vai nem dormir. A maioria dorme, outro pode dormir porque não

sabe lutar, os que não sabe lutar também não preocupa nada, não vai lutar mesmo. Agora como estou falando pra você, lutador não pode dormir pra não sonhar com coisa ruim.

Pergunta: Kotok, e o menino que está preso, com quem ele pode lutar e com quem ele não pode lutar?

Resposta: Sim! Na luta se chegar da outra tribo, bom o menino pode escolher com qual pessoa que ele vai lutar né. Ele pode lutar também com qualquer pessoa, até o menino ficar cansado, ele né. Por exemplo, se eu vou lutar, eu vou lutar assim seis ou sete vezes por aí, até eu cansar né, até a gente ficar cansado daí não pode mais lutar, porque não tem jeito mais, aí você tem que parar mesmo.

Pergunta: Mas ele pode lutar com homem que já trabalhou mulher, ou só pode lutar com menino que está preso também?

Resposta: Não, não, ele pode lutar com qualquer pessoa, com velho com rapaz novo, com qualquer pessoa.

Pergunta: Mas isso só quando ele já saiu de ficar preso? Agora quando ele sai só para ir no Kwarup, mas vai voltar ficar preso, mesmo assim ele pode lutar com qualquer pessoa?

Resposta: Não, não tem isso não. Não tem isso não. Porque a gente, o meu filho Mayaru no Kwarup vai lutar com qualquer pessoa, que tem mulher, quem está velho, vai lutar com qualquer pessoa. Rapaz aqui a gente não tem isso não.

Pergunta: Aqui no Kamayurá, não é assim. Porque parece que eu já li num livro que em outras aldeias eles (os meninos presos) só podem lutar entre eles mesmo, não pode lutar com homem adulto.

Resposta: É aqui não tem isso não. Aqui pode lutar, se meu filho vai lutar, vai treinar amanhã ou depois, meu filho vai lutar com qualquer pessoa amanhã. Porque meu filho tem que lutar com pessoa que é mais forte, e não com quem é mais

fraco. Meu filho tem que lutar com aquele que é mais forte, para meu filho preparar com ele como é na luta né. Oh, tem muita gente que não sabe a luta, qualquer pessoa Mayaru pode lutar amanhã aí, ele ganha de todo mundo, ganha de todo mundo. O único que ele não ganha é o tio dele, o cunhado. Então ele pega qualquer pessoa pra lutar, pra aquele poder treinar ele como é a luta. Ele vai explicar para ele, "oh, você luta assim, a luta é assim. Você tem que segurar a pessoa assim". Pra poder explicar tudo isso para ele. Desde criança a gente tem que saber lutar com lutador campeão.

Pergunta: Então ele só perde para seu cunhado Karautá?

Resposta: É ele só perde com ele, porque esse cunhado é maior lutador aqui na aldeia, do Xingu ainda. Ele ganhou do Aritana, ele ganhou do Pira, ele ganhou do campeão Kalapalo, que derrubou Aritana no chão fora ainda.

Pergunta: Como se chama o campeão do Kalapalo, você sabe o nome?

Resposta: Kalapalo? Eu não sei não, eu não sei qual é não.

Pergunta: Então Karautá já ganhou dele?

Resposta: Lutou um pouquinho não custou nada pra lutar, já pegou e já levantou. Todo mundo que perdeu com ele (para o campeão Kalapalo) pulou de alegre quando ele perdeu. Cunhado ficou diante dele assim pegou na mão, virou assim e depois jogou. Mas o pai dele ficou bravo. Meu cunhado nunca perdeu. Tem um Matipúhy, que chama Krané, Arinata já perdeu com ele, mas cunhado já ganhou com ele. Esse cunhado ainda nunca perdeu, vamos ver esse ano agora no Kwarup, como vai ficar. Esse cara do Kalapalo está doido para ganhar dele, quer pagar. Diz que se o Kalapalo ganha dele, vai fazer a mesma coisa que fez com ele, vai carregar que nem ele fez. Para pagar o que ele fez. Porque o pessoal é assim, porque nós é assim né, o cunhado é grande lutador. Então ele que está treinando meu filho como é a luta, mostrando né a luta é assim, assim. Vai contando como é a luta. Você vê é a mesma

coisa o professor de Judô, de Karatê de vocês, mesma coisa né, o lutador tem que ser isso e fazer isso.

Pergunta: É o cunhado que ensina a criançada aqui? É ele quem dá aula para o pessoal daqui?

Resposta: O cunhado, meu cunhado lá quando meu filho sai para treinar, é ele sim que sai pra treinar todo mundo, criançada, rapaz novo. Pra poder treinar com ele. A luta é assim, tem de derrubar. Só que pra derrubar, ele não bate devagar não, ele o cunhado bate forte mesmo. Ele pega, ganha de você é pra valer mesmo, pode até ralar aqui, onde quiser, pode fazer tudo. Faz tudo isso, porque diz que o cunhado está dando a força pra ele pra poder aprender, pra rapaz novo poder pegar a força dele. É assim que é o nosso jeito. O cunhado ensina todo mundo. Porque ele tem que mostrar tudo que ele fez na luta. Porque ele tem prática para fazer tudo, assim como que derruba, como que entra, que vai na luta. Ele faz tudo né, mostra tudo né.

Pergunta: É a luta, os treinos vão de quando a quando? Quando começa e quando termina. É o ano todo, sempre ou só na época do Kwarup?

Resposta: A gente luta, não a gente treina, uma parte de maio por aí. Se a gente treina no maio, se a gente treina no maio, junho, julho acabo. Agosto não precisa mais lutar, nós temos que esperar a festa agora. Tem que preparar, que esperar só a luta agora. Agora se continuar lutar direto até o final do Kwarup não é bom não. Talvez rala aqui e não sara logo, talvez você destronca no dedão e não sara logo também, isso que é problema. Por isso que a gente luta maio, junho, até no começo de julho daí acabo a luta, daí pode ficar só tranqüilo né. Só na recuperação.

Pergunta: E não faz outro tipo de exercício fora a luta. Por exemplo correr? Não faz preparo físico _caraíba chama de preparo físico o treino_ aqui não faz?

Resposta: Não, não aqui a gente não faz não. Mas dentro de casa faz, a criançada faz. Esses que tão preso, aí faz esse aí que você está falando.

Pergunta: Então em casa aquece no fogo com óleo. Quando não está preso anda bastante de bicicleta, à pé, nada também. Mas fora isso não tem outro tipo de ginástica. Então o treino é na luta mesmo. É a luta que vai deixar forte. E também no dia-a-dia do trabalho, de andar bastante, de pescar? Fale um pouco sobre isso Kotok.

Resposta: É isso sim, nada bastante, anda bastante de bicicleta, é. Anda bastante à pé, é isso aí mesmo. Não, não tem não. É a luta que vai deixar forte. É, é isso aí mesmo, você já aprendeu tudo.

Pergunta: Esse ensinamento então passa de pai para filho sempre?

Resposta: Essas coisas que eu estou falando é o que eu entendo que meu pai tá falando. Meu pai que colocou tudo isso na minha cabeça. Meu pai sempre fala isso pra mim, no tempo que eu estava preso. Falava tudo isso, "você tem que lutar. Tem que procurar lutador para aquele que pode ensinar você como lutar". Ele sempre falava isso, então até hoje eu estou falando pro meu filho, pra poder lutar como o tio dele, com essas pessoas que sabe a luta. Isto que eu estou explicando pra você aí. É isso aí mesmo, é esse mesmo que meu pai está traduzindo o que o pai dele falo pra ele também. Então o que meu pai falou pra mim, eu estou traduzindo pra meu filho também agora. Pra que se Mayaru ter filho, pra ele poder traduzir tudo pra ele também. A gente usa tudo a cabeça de nosso pai né. Eu estou usando a cabeça de meu pai, assim né. A flecha que meu pai deu pra mim, eu estou até hoje usando. A flecha que eu vou dar pra Mayaru, vai usando também aquele né. Pra não ficar, pra ele não errar essas coisas aí. Ele tem que entender tudo isso. Desde criança nós conversa isso.

Pergunta: Kotok, por favor me explique tudo que você sabe sobre as raízes. O nome delas, como prepara e para que serve.

Resposta: Sérgio, raiz é bastante! Mas eu vou falar de algumas pra você. Tem raiz

de **Kumanawm** (raiz brava, amarga) - (Finalidade) - Serve para a pessoa que está presa beber. Toma bastante raiz e depois vomita tudo, para limpar bem o estômago. Só homem toma a raiz de Kumanawm, para ficar forte, bonito e bom lutador, campeão. (Modo de preparo) - Socar a raiz no pilão até ficar bem moída, em seguida coloca-se na água fria, levando a fervura até a planta eliminar todas as suas substâncias. É servido frio ao recluso.

Lepotisin (raiz forte, amarga) - (Finalidade) - Serve para vomitar, amigo do Kumanawm. É bom para ficar forte, crescer e também é indicado em casos de destroncamentos e torções. (Modo de preparo) - Raspa bem a casca da raiz e coloca esse pó na água fervendo. Espera esfriar a fusão e em seguida bebe bastante do remédio vomitando imediatamente o caldo, seguindo o mesmo processo do Kumanawm, visto que os dois são da mesma linha de eméticos, remédio amargo ou de gosto ruim (Kawá)⁽¹⁷⁾.

Porrwoin (Goiaba do mato) - (Finalidade) - Serve para falta de apetite do preso quando este está na fase dos eméticos amargos. (Modo de preparo) - Coloca a planta em água fervente, servindo ao recluso quando o caldo estiver frio. O suco é ingerido em quantidade elevada, sendo expelido logo em seguida. É bom para limpar e eliminar do estômago as toxinas dos remédios amargos.

Wyarupu - (Finalidade) - Serve para mulher e homem magro, que não conseguem engordar na época da reclusão. (Modo de preparo) - Raspa e espreme bem a casca da planta. Em seguida coloca-se esse extrato na água fria, que será escorrida extraindo-se da fusão uma espécie de "borra" que deverá ser aplicada no corpo da pessoa presa.

Yepoan - (Finalidade) - Serve para engordar a pessoa que fica muito fraca na

¹⁷. Ver Viveiros de Castro, E. B., sobre os Yawalapiti e Gregor, T., sobre os Mehinakú, dois grupos aruakes que trabalham a idéia do conceito de Kau'á.

reclusão. Serve também para passar na pele quando da escarificação. (Modo de preparo) - Socar no pilão e passar a planta bem amaçada no corpo do jovem preso.

Amuniyw (Folha de Algodão) - (Finalidade) - Serve para fechar corte de escarificação, como cicatrizante. (Modo de preparo) - Esquenta a folha da planta na água até murchar. Depois espreme o caldo na ferida e aplica a folha amaçada no local ferido.

Tiranu - Serve em caso de corte grande e profundo, como agente cicatrizante, quando da coagulação do sangue. Também em casos de dilacerações devido a prática da escarificação constante e intensa. Tem poderes místicos especiais, agindo na pontaria do rapaz, sendo bom para acertar peixe e pássaros com flecha. (Modo de preparo) - Raspa a casa e amaça o miolo do caule da planta, aplicando esse extrato na pele do indivíduo. É bom para mulher passar na panturrilha no sentido de engrossá-la.

Moltesen - (Finalidade) - Serve para passar na pele depois de arranhar, para ficar forte também e, quando se quer engordar. (Modo de preparo) - Esquenta na água bem. Depois espera o caldo esfriar e bebe bastante, vomitando em seguida. Este processo é no sentido de engordar. Para ficar forte esfrega a planta na mão até amassar bem a mesma. Em seguida aplicar a folha amaçada pelo corpo do indivíduo, principalmente onde foi escarificado e onde se quer fortalecer. No sentido de tratamento localizado.

Timon - (Finalidade) - Serve para o rapaz passar na pele depois que arranhou. Arde muito a pele quando da aplicação do remédio. Este faz parte dos remédios que ardem, que são muito ruim. É indicado em casos quando o recluso está muito cansado, depois de ter treinado bastante a Huka-Huka, no sentido de diminuir a fadiga muscular, o cansaço; e, após a escarificação. (Modo de preparo) - Socar no pilão e esquenta em seguida a planta amaçada. Retira-se a "borra" da água quente

para em seguida banhar-se em água fria.

Morototoup - (Finalidade) - Serve para curar a tontura do preso, quando sai pela primeira vez para treinar a luta na praça. (Modo de preparo) - Raspa bem a casca da planta e mistura com o **Morototouvi** (descrita a seguir). Amaça em pouca água e aplica nos olhos e na testa do recluso.

Morototouvi - (Irmão do Morototoup) - Serve igualmente para casos de tontura. (Modo de preparo) - Raspa a casca e misturando-a com o Morototoup em pouca água. Amaça bem e banha os olhos e a testa do recluso.

Depoimento de Kari-Kari⁽¹⁸⁾

Pai de Katiwá

Pergunta: Nós vamos ouvir o depoimento de Kari-Kari, pai de Katiwá. Então Kari, eu quero saber como o Sr. entende qual o significado de ficar preso? Como o Sr. vê toda essa passagem de menina para mulher? Se é bom e para que serve? Se o Sr. acha importante ficar preso? Por favor fale sobre o que o Sr. pensa dessa passagem.

Resposta: Não foi eu que mandei ficar preso não. Foi minha mãe. Meu pai disse você vai preso, pra ficar assim até na festa. Minha mãe escolhe esse aí (a menina) pra ficar preso até na festa, pra depois a gente corta cabelo né. Minha filha agora ainda vai ficar preso até depois do Kwarup né. Eu estou pensando que antes do Kwarup eu quero cortar cabelo pra poder ajudar a minha mãe e a mãe dele né. É pra trabalhar né. Agora minha mãe não deixa que eu corte antes do Kwarup não. Minha mãe quer que minha filha saia só depois da festa. Mas eu ia cortar cabelo

¹⁸. Kari-Kari tem aproximadamente 35 anos de idade. Parece-me não ocupar lugar de destaque na vida cerimonial Kamayurá.

antes do Kwarup, mas minha mãe não deixa não. Nem minha mãe e nem meu pai. Meu pai não está aí não, está em Brasília, em tratamento. E eu tenho que conversar com meu pai, se ele deixa eu corto antes da festa. Se meu pai não deixa aí eu vou até tempo de Kwarup, daí eu vou cortar o cabelo dela. Pra trabalhar, ajudar minha mãe trabalhar.

Pergunta: Então, vindo a festa, passando o Kwarup ela vai sair de uma vez de ficar presa?

Resposta: Vai, vai sair de uma vez de ficar preso. Teve homem que passava cinco anos preso. Agora mulher não, é só dois anos ou um ano. Daí vai sair.

Pergunta: E ela vai sair e já vai casar?

Resposta: Eu não sei, se tem homem pra ele casar daí casa né. Mas não tem homem pra ela casar, olha aí a irmã dela está aí solteira. Não tem homem pra ela casar não.

Pergunta: É obrigado sair e casar ou ela pode ficar sem casar. Só casa quem quer? Como é isso?

Resposta: É quando. Bom não tem não, se tem noivo aí faz casamento. Quando tem festa aí poder casar. Mas se não tem noivo, daí fica na casa da mãe, até quando tem homem pra ela casar.

Pergunta: E ela já tomou bastante (o suficiente) de raiz ou vai tomar mais?

Resposta: Ele já tomou, mas quando teve sangue. Ela já tomou raiz, tomou raiz quando eu estava em Brasília. Tem meu tio aí, ele trouxe raiz pra ela do mato. Diz que já tomou até acho que semana passada já tomou raiz. Agora não pode tomar mais, já tomou duas vezes, agora não pode tomar mais.

Pergunta: E o Sr. acha bom ficar preso porque?

Resposta: Ah, sim tá aprendendo fazer fio de rede né, esteira, esse negócio aí pra pegar peixinho, ela sabe fazer. Tá aprendendo muita coisa aí, minha mãe e a mãe dela tá ensinando coisas pra ela fazer.

Pergunta: Quando é o momento da mulher entrar para ficar presa?

Resposta: Olha esse mulher entra quando tem sangue né. Aí fica deitado e passa sem comer né. Se sair cedo, fica na rede sem comer nada até amanhã. Amanhã seis horas, oito horas por aí a minha mãe vai lá e levanta, dá um banho. Minha mãe dá raiz pra ela beber. É só esse aí né. É minha mãe só que sabe tudo isso de ficar preso né. Mas eu não sei desse aí não, só minha mãe que sabe né. Minha mãe, meu pai sabe tudo né.

Pergunta: E a raiz não deu efeito nela. Ela ficou normal, não endureceu a perna nada? Porque o filho do campeão (Karautá) teve problemas com a perna talvez por causa da raiz?

Resposta: Não, isso aí não. Esse aí é outra raiz forte. Raiz de homem muito forte mesmo. Bom a mulher toma o raiz bom né. Mas não é assim outra raiz não. Mas homem toma outro raiz ainda. Eu fiquei assim também, no joelho, no pé, no braço, aí passei remédio e miorei né.

Pergunta: (Comentário) É ficou bom mesmo, hoje você está bom né?

Resposta: É hoje está mior, mas quando era novo não, estava ruim. Fiquei muito ruim.

Pergunta: E dói muito?

Resposta: Dói! Não dá nem pra conseguir andar, fiquei febre. Fiquei um ano sem sarar isso aí mesmo. Fiquei passando remédio direto, até passar esse aí, até miorá né. Aí fiquei bom.

Pergunta: E hoje não dói mais nada? Não tem mais problema nenhum, não trava mais a perna? (Não ficou seqüela)

Resposta: Não esse aí não. Meu filho também ficou né assim, igual eu também. Aí minha mãe, meu pai passa remédio. Todo dia tem que arranhar, aí no joelho e onde dói. Aí vai passando remédio até sarar.

Pergunta: Porque existem pessoas que podem entrar e sair um pouco da reclusão. E existem outras que ficam preso direto sem sair? Por ventura existe alguma diferença nestes casos entre mulher e homem?

Resposta: Eu não sei viu. Não sobre esse aí. Sabe quando eu fiquei assim preso também, eu fiquei cinco anos sem sair né, sem sair nem fora, nem assim andar um pouquinho. Só tem que ficar só aqui na prisão né, onde a gente fica. Tem que ficar direto né. Bom esse aí sabe, o pai e a mãe não deixa sair fora antes do tempo. Se ele sair, então ele vai namorar com a menina. Então por isso o pai não deixa ele sair. Só pode sair quando ele fica grande né, quando fica rapaz grande. Daí pode sair um pouco né. Daí o pai deixa namorar um pouco. Depois entra de novo. Tem pessoa que depois que sai logo já faz casamento. É por isso que o pai não deixa sair antes.

Pergunta: Quando é que o pai percebe que já está bom de ficar preso?

Resposta: Esse aí é quando eles aprende tudo. Daí os pais deixam sair né. Aí pode deixar sair e casar né, quando tem gente pra casar. Quando casa né daí a mulher precisa muita coisa né. Fazer um cesto, um negócio aí pra fazer alguma coisa. Nós tem que aprender muita coisa. Aí tem que aprender muita coisa. Mas quando sai aí pode casar. É bom aprender alguma coisa porque quando você casa, a mulher sempre precisa de alguma coisa um cesto, um negócio aí, ele não aprendeu nada. Daí a mulher fica brabo com ele, e a mãe também, mãe de mulher também fica brabo.

Pergunta: O Sr. conversa bastante com ela, quando está presa? O que o Sr. fala para ela? Ou é a mãe que conversa, que dá conselho?

Resposta: Sabe, eu mesmo não conversa. Só minha mãe que conversa com a minha filha, vai ensinar ela né. Ela manda fazer todas coisas né. Meu filho também, meu pai ensina ele fazer um cesto, fazer outra coisa, outra coisa aí. Fazer flecha, essas coisa aí. Mas eu mesmo, eu não ensina não, só meu pai né. Agora minha mãe ensina

minha filha. Agora meu pai, quando meu filho fica preso, meu pai ensina né. Agora eu mesmo quase não sabe pra ensinar. Porque meu pai sabe mais, sabe tudo daí pode ensinar melhor do que eu. A mãe da minha filha ensina ela também. Quando ela faz alguma coisa errada minha mulher fica brabo com ela. Quando ela não faz direitinho. Tem que aprender bem certinho. É igual seu pai né quando você não vai para escola. Quando você não vai para o colégio, sua mãe fica brabo com você não é mesmo. Então, é a mesma coisa aqui também.

Pergunta: A mãe dela também conversa, dá conselho. O que a mãe fala nas conversas?

Resposta: Fala coisa bom, pra ela trabalhar, pra não conversar com homem. É isso aí. Acho que é a mesma coisa de vocês. Essa minha filha vai ficar pra crescer também né, pra ficar bonita. Depois da festa ou antes da festa, eu tira ela, corta cabelo e vai ajudar minha mãe e a mãe dela também. Porque minha mãe está aí trabalhando sozinha e outra irmã dela não quer ajudar. Por isso então que eu quero cortar cabelo, pra poder ajudar minha mãe pra trabalhar. Fazer alguma coisa, beiju, alguma coisa aí. E se meu pai não deixa eu cortar o cabelo dela, então eu vou esperar até tempo de festa. Aí já pronto, aí já pode sair e ficar aqui né, ajudando né.

Pergunta: (Comentário) Então ficar preso é mais ou menos como ir à escola. Serve para aprender a fazer coisas. Serve para crescer o corpo, ficar bonito, forte, com bastante saúde. E também para criar personalidade, a cabeça da pessoa, o comportamento dela.

Pergunta: Ela já dançou Uruá?

Resposta : Já, já dançou um vez agora, esta semana. Eu não vi não, estava pescando né. Estava pescando, por isso eu não vi não.

Pergunta: (Comentário) Foi na quarta-feira desta semana que ela dançou?

Resposta: Foi sim. Naquele dia de tarde.

Pergunta: (Comentário) Ah! Então eu vi ela dançando com Karautá e Tawaraku.

Obrigado Kari pelas informações.

Depoimento de Emaná⁽¹⁹⁾

Pai de Uriatá

Pergunta: Agora nós vamos ouvir o depoimento de Emaná, pai de Uriatá, sobre o que ele pensa da reclusão. Então eu quero saber do Sr., como funciona essas coisas de ficar preso? O que o Sr. acha disso? Para que serve, quando entra pra ficar preso e quando sai? Qual o momento que o Sr. acha bom pra entrar ficar preso e o momento de sair? Essas coisas em geral. Pode também falar um pouco da experiência do Sr. que também ficou preso. Se hoje é diferente daqueles tempos antigos. Eu quero que o Sr. fale um pouco tudo que o Sr. sabe deste momento. De tomar raiz, de tudo isso. Por favor fale à vontade!

Resposta: Pra ficar preso? Ficar preso até dois anos, e vai saiu de novo. Lutar, depois lutar bastante. Eu quero que ele fique lutador. Depois fica preso mesmo. Aí luta mais de novo, luta mais, pronto. Aí vai saiu de novo, aí vai dançar, dançar, dançar, até dois mês, aí fica preso também. Aí não tem mais, vai sair lá fora. Ele vai pescar, ele vai trabalhar mandioca, vai fazer roça. Ele pode casar. Depois ele vai casar mesmo, mulher. Aí procurar peixe. Depois saiu de novo. Mulher fica preso também, fica preso, até um ano. Aí vai dançar também, dançar, dançar mesmo. Dançar, pronto aí fica preso também. Aí não pode sair

Pergunta: E quando o Sr. percebe que está na hora de começar a ficar preso?

¹⁹. Também é integrante das lideranças Kamayurá. O homem sexagenário, grande conhecedor da cultura Kamayurá. Não se comunica com fluência no português.

Resposta: Pra fazer coisa né. Pra fazer esteirinha, pente, o carregar mandioca.

Pergunta: Isso é o que ele aprende ficando preso né? O que eu quero saber é como o Sr. decide que está na hora de ir preso? O Sr. olha para o menino e fala, agora está na hora desse menino ficar preso. Como o Sr. decide sobre isso?

Resposta: Pra ficar preso é o corpo dele mesmo. É sangra fica preso.

Pergunta: E o que no corpo? Porque a menina quando sangra fica presa? E o menino o que o Sr. percebe que está chegando a hora de por o menino pra ficar preso?

Resposta: Fica preso, memo, assim memo.

Pergunta: Então mas o que mostra no menino que está na hora dele entrar ficar preso.

Resposta: Não! Fica preso pra aprender pra fazer coisa né. Pra fazer coisa. Ele fica preso pra fazer coisa. Pra fazer flecha, arco, o cocar, brinco, aí ele fica preso. Aí ele sabe muita coisa pra fazer isso, só isso mesmo. É assim mesmo. Mostra assim, o vomitar, o olhar dele. Tá olhando nele mesmo. Tá vomitando, aí fica preso, fica gordo mesmo. É aí fica forte mesmo.

Pergunta: E para isso toma bastante raiz?

Resposta: É isso mesmo. Toma bastante, todo dia mesmo. E toma todo dia, e toma todo dia, e toma todo dia.

Pergunta: E o que o pai fala quando o menino está preso? Conversa bastante com o menino?

Resposta: Conversa mesmo. Tem que trabalhar, conversa pai dele né. Conversa pra trabalhar,

fazer roça, fazer pescar, fazer pra pegar peixe, fazer pra socar anzol, o procurar peixe, trabalhar roça mesmo. Assim mesmo.

Pergunta: Então o que eu não consigo entender é como saber a hora certa de entrar para ficar preso. Olhe por exemplo esse menino aí, ele está ou não na hora de ficar

preso? Então que jeito que o Sr. percebe que o menino está na hora de ficar preso?

Resposta: Não, não, não tá não. Ficar preso é igual esse aí mesmo, meu filho, igual esse mesmo. Criança pequeno não pode ficar preso não. Não guenta não. Ele não guenta ficar preso. Ele ainda quer brincar, porque é pequeno ainda. Quando cresce um pouco aí fica preso.

Pergunta: Mas quando começa querer namorar, daí o pai coloca para ficar preso.

Resposta: Tem que ficar preso na hora de ficar mesmo. Quando começa namorar, não pode mais não. Tem que ser antes de namorar. É daí tá na hora de ficar preso mesmo.

Pergunta: E quando o órgão sexual se desenvolve?

Resposta: Quando cresce muito aí não adianta mais não. Aí não pode mais não. Já tá homem. Quer namorar, não guenta mais não ficar preso.

Pergunta: (Comentário) Às vezes pode passar também a hora de ficar preso. Quando o pai descuida com o crescimento do adolescente e o jovem cresce e se desenvolve rapidamente, nestes casos a Reclusão perde o sentido e não adianta mais investir neste sentido. Com isso perde-se de ficar preso. Não pode mais, porque o indivíduo não irá mais suportar o rígido e complexo esquema da reclusão.

Pergunta: Treina-se bastante a luta?

Resposta: Pra lutar bem e ser bom lutador tem que ficar forte, muito forte. Tem que ficar forte quando fica preso. Fica muito forte mesmo. Até oito anos tem que ficar preso né. Ou qualquer ano mesmo, aí fica forte. Muita luta, luta, luta, aí fica forte né.

Pergunta: E no tempo do Sr. como era ficar preso, é diferente de hoje ou é igual?

Resposta: Diferente mesmo, diferente igual mesmo. É.

Pergunta: Era diferente é! Com era então quando o Sr. ficou preso?

Resposta: Fica preso é bom pra luta mesmo, pra luta mesmo. Toma raiz e vomita

bastante também. Fica dentro da casa, na rede, atrás do buriti mesmo. Não pode sair né. Fica só lá.

Pergunta: É. O Sr. lutava bastante no seu tempo de rapaz novo? Como é a luta hoje em dia?

Resposta: Hoje não luta mais não. Rapaz novo num gosta mais luta né. Eu fica triste assim, com esse lutador que tá acabando. Hoje lutador tá acabando. Tá no fim de lutador. É com isso que fico triste. Muito triste mesmo.

Pergunta: Mas o Sr. treinou bastante?

Resposta: Bastante, treino muito, luta muito, todo dia mesmo. Aí fica preso mesmo. Fica forte, fica gordo mesmo.

Pergunta: E o menino do Sr. que vai lutar na festa, só pode lutar com quem está preso igual ele, ou pode lutar com qualquer campeão?

Resposta: Qualquer campeão mesmo. Qualquer pessoa mesmo. Pra ajudar mesmo. Pra ele aprender com o campeão.

Pergunta: Karautá é bom? Campeão mesmo, sozinho. Ele é o maior campeão daqui do Xingu? Ganhou de todo mundo com quem ele lutou?

Resposta: Karautá é bom, campeão mesmo, sozinho mesmo. Já ganhou de todo mundo, sozinho. Já ganhou de Kalapalo, Kuikuro, Yawalapiti. De Aritana, o Pira né. Tem o irmão dele, tem três campeão. Aritana, é campeão mesmo. Acima deles é nós mesmo, pra lutar. Só nós mesmo.

Pergunta: Kalapalo também perdeu aqui?

Resposta: Ele perdeu. Tem Kalapalo campeão também, forte mesmo. Karautá ganhou dele mesmo, do campeão Kalapalo.

Pergunta: Como é quando está na véspera da luta? Como ficam os lutadores?

Resposta: Ah! Não dorme não. Quando dorme sonha né, sonha ruim, aí derruba ele, perde luta mesmo.

Pergunta: Dizem que é bom lutar com sucuri para treinar para a luta. Matou a sucuri, daí você pega a força dela, é verdade?

Resposta: Treina só sucuri. Aí fica forte mesmo, quando você fica preso mesmo, fica sucuri. Quando sonha aí ele amarra braço, aqui a perna, aqui o colar, brinco. Aí fica forte mesmo, igual a sucuri.

Pergunta: Então não pode dormir. Tem que ficar acordado a noite inteira. O que faz para passar o tempo, já que fica a noite inteira acordado?

Resposta: É não pode dormir não. Campeão não pode dormir. Ele fica pintando o corpo com urucum, jenipapo e carvão, a noite inteira, pra ficar bem bonito no outro dia.

Pergunta: Qual a pintura que faz?

Resposta: Pinta cor de jawate, diauarum. Pega força dele, aí fica campeão mesmo, maior do Xingu.

Pergunta: O Sr. aprendeu com quem tudo isso?

Resposta: Vai aprende com o pai também, quando pra luta. Pra depois ajudar o papai, pra ajudar o vovó, pra ajudar a mãe também. Vai aprende tudo, daí fica forte, fica gordo mesmo.

Pergunta: E quem ensinou o avó de vocês?

Resposta: Aprende com Mavutsinin né. Ensinou tudo mundo.

Pergunta: (Comentário) Está bom. Então a coisa vem de longe. Aprende com o pai, com o avó. E foi Mavutsinin quem ensinou todo mundo.

Depoimento de Tawaraku⁽²⁰⁾

Pai de Yawí e Matu

Pergunta: Agora nós vamos ouvir o depoimento de Tawaraku, pai de Yawí e de Matu. Um menino e uma menina que estão presos. O menino tem quinze anos e a menina tem catorze anos de idade. Vamos saber a experiência dele, sobre a questão da reclusão. De como ele vê e entende este longo e difícil processo.

Então eu quero saber com você, Tawaraku, qual o significado de ficar preso. Porque é bom ficar preso?

Resposta: Porque que eu acha, pra ficar pra crescer um pouco. Pra ficar forte um pouco também. Pra ficar, igual uma pessoa campeão de luta. Isso que eu estou achando. Por isso eu mandei preso meu filho né. Pra ficar gordo, pra crescer um pouco também né. Então, esse meu filho vai ficar um pouco ainda preso. Tem que ficar mais ainda. Talvez fique ainda um ano, dois anos ou até quatro anos se ele agüentar. Agora ele ainda vai ficar um pouco mais. Não pode sair lá fora ainda não. Vou mandar tomar raiz mais um pouco ainda. Vou mandar tomar mais raiz ainda né. Pra ficar mais preso, pra crescer um pouco, pra ficar forte. Eu vou arranhar ele também pra ficar forte. Tem raiz pra arranhadeira também né, pra ficar forte, pra ficar forte, com pele grossa né. Pra ficar campeão.

Pergunta: E nesse tempo aqui você percebeu que eles (Matu e Yawí) cresceram um pouco, ficaram mais forte do que quando eles entraram?

Resposta: Quando estava o rapaz pequeno, eu mandei fica preso né, pra crescer, pra ficar forte um pouco né.

Pergunta: E quando você percebeu que estava na hora de colocar seus filhos para

²⁰. Tawaraku é um homem na faixa etária dos 40 anos. Comunica-se muito bem na língua portuguesa. Faz dupla com Karatuá, na dança Uruá, ficando a cargo deles dois tocar as flautas.

ficar preso. Quando você olhou para eles e disse, agora está na hora de colocar para ficar preso? Como foi isso?

Resposta: Quando na hora né, eu vi na hora quando estava crescendo um pouco, quando estava crescendo um pouco né. Então na hora eu mandei pegar raiz pra vomitar, pra ficar preso um pouco, pra ficar né. Daqui até quatro anos. É como ele vai ficar agora. Eu não vi ainda pra namorar agora porque é menino ainda né.

Pergunta: E a menina quando foi pra ficar presa?

Resposta: Sangrou daí já foi pra ficar presa. Quando sangrou então eu mandei dar raiz pra ela também. Descansou só um dia. Descansou, depois tomou raiz e vomitou, ficou sem comer é esse aí. Sem comer nada ainda, mas depois pode procurar um pássaro pra ela também pra comer né. É pássaro sim, o Jacu, o Mutum ou uma Pomba.

Pergunta: (Comentário) Então ela não comeu peixe, mas pássaro sim. Pergunta: O que mais não pode comer, só peixe? E outras coisas pode comer?

Resposta: Pimenta não. Nem sal. Nem perereba também.

Pergunta: Como é a Perereba mesmo?

Resposta: Perereba é do mandioca.

Pergunta: De que forma ela comeu o pássaro, assado, frito?

Resposta: Só pássaro assado, só isso mesmo?

Pergunta: E o menino foi diferente, ele podia comer peixe, pimenta, sal, perereba, beiju? Como é isso no menino?

Resposta: O menino não, rapaz não. Pode comer peixe, sem pimenta e nem perereba. Só peixe, sem sal ainda. O beiju pode. E o mingauzinho de mandioca também né.

Pergunta: Matu já está treinando para luta? Ele vai lutar neste Kwarup?

Resposta: É já está treinando pra lutar no Kwarup.

Pergunta: Ele vai lutar no Kwarup mas volta depois para ficar mais um pouco preso?

Resposta: Vai na luta mas volta ficar preso ainda mais? Ficou pouco ainda agora né.

Pergunta: Quando ele for lutar pode ser com qualquer pessoa, inclusive com campeão de luta? Ou só luta com menino igual ele?

Resposta: Pode lutar com campeão mesmo. O campeão daqui do Kamayurá está ensinando o pessoal na luta, de como é a luta agora.

Pergunta: (Comentário) Isso é bom né? Porque quando luta com campeão o menino aprende melhor a luta?

Pergunta: Nesta situação ele pode pintar, quando está preso?

Resposta: Até pode pintar. Mas agora não é bom ele pintar ainda não. No Kwarup ele pode pintar, mas só no Kwarup depois não é bom. Porque ele vai voltar ficar mais um pouco preso e vai tomar mais raiz de novo. Por isso que não é bom pintar. Porque senão o dono do remédio vai ficar bravo com ele.

Pergunta: E porque tem pessoas que podem entrar e sair de ficar preso? Outros ficam direto sem sair nem um pouquinho? A sua menina está presa direto? Ela ainda não dançou nem uma dança (Uruá)? Então, ela não dançou. Agora porque o menino pode sair um pouco e a menina não?

Resposta: Ela não dançou nenhum Uruá ainda. Ela vai ensaiar agora, pro Kwarup. Porque Matu tá saindo um pouquinho lá fora ainda. Porque tá lutando um pouco, tá treinando. Porque a gente ficou triste ainda. Por isso aí a gente não luta ainda agora né. Agora menino pode entrar e depois sair, por causa da luta né. Agora é menina que fica preso sempre sem sair.

Pergunta: Ficou triste por causa da morte da mulher de Takumã _Curimatá e do menino filho de Sukuri? Por isso que o pessoal ainda está triste, de luto e sem dançar?

Resposta: É isso aí mesmo, tá triste. Agora vai começar na luta agora. Junho agora, julho por aí vai começar a luta.

Pergunta: O menino pode sair um pouquinho, mas a menina não pode sair nada?

Resposta: É isso aí, mas a menina não. Porque não dançou ainda. Porque ela não pode sair ainda nunca ainda, porque não dançou ainda né, nem uma vez, nem dois. A filha do meu cunhado (Kari), meu sobrinha aí, primeira vez que ela tá dançando. Ela dançou ontem aí com nós. Agora pode sair fora um pouquinho na areia, andando assim, mas só perto, não pode ir longe. Mas minha filha sempre fica lá ainda, não saiu daqui de dentro da casa, da sala. Nem lá fora ainda, nenhum ainda. Só fica lá quieta no buriti.

Pergunta: Então mas porque o menino pode sair e ela não?

Resposta: É pra treinar um pouco. Para ajudar um pouquinho eu na roça também.

Pergunta: O filho deve ficar sempre perto da casa. Só pode ir mais longe quando ele vai trabalhar na roça. Assim mesmo sempre vai acompanhado por alguém?

Resposta: É bom não ir longe. Mas já pode ir pra roça agora, mas só um pouquinho, porque não tá tomando remédio. Agora é bom ter acompanhante.

Pergunta: Matu já pode sair um pouquinho porque ele já está treinando?

Resposta: É! Mas pode pra ajudar um pouquinho eu também.

Pergunta: É Matu está forte, está crescendo. Ele está aqui agora? Resposta: Não ele foi um pouquinho na roça agora. Agora nesse mês que vem agora, eu vou mandar ele tomar raiz de novo também. Mas só um pouco. Ele vai ficar um pouco até agosto. Agosto ele pode sair pra festa agora, pra lutar, pra treinar. Aí depois pode voltar para ficar um pouco mais ainda na casinha né.

Pergunta: Agora veja bem, você falou que ele vai tomar raiz de novo antes do Kwarup não é?

Resposta: É vai tomar de novo.

Pergunta: Então e se a raiz atacar a perna dele. Porque a raiz às vezes não faz muito bem para a pessoa não é? Aí ele pode perder a luta. Você já pensou na possibilidade dele tomar a raiz depois do Kwarup? Ele vai pro Kwarup, luta e depois quando voltar preso ele toma mais raiz de novo.

Resposta: É pode acontecer isso mesmo. E desse outro jeito dá certo assim também. Eu vou pensar ainda desse jeito.

Pergunta: Porque por exemplo, o menino de Karautá, ele tomou raiz e não fez muito bem a ele, ficou com a perna ruim. E, se eventualmente acontecer isso com Matu, ele vai perder a luta.

Resposta: É o menino do campeão ficou sim, o menino não tá bom não. É acho que vou pensar nisso também.

Pergunta: Não é melhor garantir a luta, já que ele está forte e bem treinado. Porque Matu está forte, lá no teste de corrida que eu fiz ontem com ele, Matu apresentou-se muito bem, mostrou que está forte e ágil. Você já pensou se ele tomar a raiz e ficar com a perna bamba com certeza ele vai perder a luta. Ele fica sem condição de lutar e vencer, de ser campeão. O bom é que ele treine bastante a luta de agora até o Kwarup, para ficar melhor ainda.

Resposta: É isso é bom mesmo, tem que treinar bastante mesmo. Ele tá treinando bastante. Se tomar raiz agora e ficar ruim daí tá tudo perdido.

Pergunta: E quando você está pensando tira-lo de ficar preso?

Resposta: Quando eu vou tirar? É vai demorar um pouco agora ainda né.

Pergunta: Você quer que ele fique bastante preso?

Resposta: Ele vai sair só quando ele ficar forte e gordo que ele vai sair.

Pergunta: E você Tawaraku ficou preso também no seu tempo de rapaz novo?

Resposta: Eu fiquei um pouco, dois e quatro anos. Cinco anos eu fiquei um pouco.

Pergunta: Cinco anos preso, é bastante né. Mas ficou cinco anos direito preso, ou

saia às vezes pra ir à roça como era?

Resposta: Saia um pouquinho, mas só aqui. Ia pra roça, voltava, mas só ficava aqui na casa, igual meu filho né.

Pergunta: E como é antes da luta, como os campeões ficam? O que eles ficam fazendo?

Resposta: Porque a gente fica, porque eu não posso dormir também no Kwarup. Aqui na Aldeia é direto, a noite inteira. Amanhã só ao meio dia que pode dormir.

Pergunta: Como assim porque fica sem dormir? Fale um pouco sobre isso para mim.

Resposta: Senão a gente sonha. No sonho mesmo que a gente escorrega, no sonho, então quando tem sonho ruim, escorrega, aí a gente perde na luta.

Pergunta: E o que faz sonhar ruim?

Resposta: É esse é mamaé que tá no sonho sim, fazendo sonhar ruim.

Pergunta: E o que é bom para treinar, pra ficar campeão, pra ficar forte?

Resposta: É só lutando, treinando na luta mesmo. Tem o sucuri também.

Pergunta: (Comentário) É Tarakway me falou que é bom lutar com sucuri. Porque ela enrola no menino preso e nessa luta, para escapar da sucuri o menino fica forte. Tarakway me falou que quando ele estava preso lutou com cinco sucuri. Falou que ele matou cinco sucuri antes de lutar no Kwarup. Penso que Tarakway tenha sido um bom lutador. Acho que foi campeão também.

Resposta: É campeão sim.

Pergunta: Tarakway é grande pajé de ervas. Ele sabe tudo não é?

Resposta: É porque que ele sabe de todas as histórias de antigamente de Kamayurá.

Pergunta: Matu já lutou com alguma sucuri?

Resposta: Não eu ainda não encontrei nada de sucuri ainda. Quando eu encontrar sucuri, eu vou mandar pegar. Vou mandar filho pegar ela pra lutar.

Pergunta: Aqui em Ipawu tem muita sucuri?

Resposta: A gente encontra alguma por aqui sim?

Pergunta: Sério mesmo! Mas nós vamos banhar lá à noite, será que não tem perigo?

Resposta: Mas não tem perigo não, fique tranqüilo. Por aqui perto não tem, só lá do outro lado, lá tem. Tem grande, tem menor.

Pergunta: E depois que mata a sucuri faz o que com ela?

Resposta: Corta a ponta do rabo dela. O rabo da sucuri serve de enfeite na dança.

Pergunta: O rabo serve de enfeite, e para o que mais?

Resposta: Pra que esse aí (o rabo da sucuri), serve pra enfeitar, pra dançar. Esse é bom, o rabo quando a gente pega sucuri pra ficar campeão mesmo. Porque que ele (o rabo) deixa mais forte. No sonho mesmo que a gente sonha (com a sucuri) pega força dela pra ficar campeão mesmo.

Pergunta: Diz que o pessoal pinta o corpo assim igual a jawate e a diauarum. Porque isso?

Resposta: Pra pegar a força dele. Pra ficar esperto igual ele.

Pergunta: (Comentário) Pra pegar a ligeireza do diauarum.

Pergunta: E você acha que isso funciona mesmo? Você acha que quando pinta o corpo igual o da onça pintada você pega a esperteza e a ligeireza dela? Você tem a impressão que isso dá certo?

Resposta: Funciona sim, dá certo isso aí sim.

Pergunta: Com que tinta que pinta o corpo?

Resposta: Pinta com o urucum, com o jenipapo, com tabatinga. Tem bastante tinta. Daí pinta cor de onça, jawate. Pinta com tinta, tem uma terra mais branca que é bom também para pintar. Passa bem branco, daí a gente pega o carvão pra pintar igual da onça. De cima né pra ficar bem bonito até em baixo.

Pergunta: Depois fica a noite inteira acordado pensando na onça? No outro dia cedo, na luta, a onça vem? Daí fica forte e ligeiro igual ela?

Resposta: Ham, ham, é esse aí. Daí a onça vem no sonho, mamaé né. Você sabe bem as coisas!

Pergunta: Aqui tem muito jawate? E diauarum tem bastante também?

Resposta: Aqui tem oh, oh. Aqui tem muito sim. Em março Manoel, vaqueiro nosso, matou uma. Tem couro de onça aí também. Venha ver eu mostro pra você?

Pergunta: Esse couro de onça foi Manoel quem matou?

Resposta: É foi esse aí mesmo. Deu tiro nela porque ela queria comer o nosso gado.

Pergunta: Você está usando ele para que, para dançar Uruá?

Resposta: Tou usando ele, vou usar.

Pergunta: É aquele couro que você estava usando ontem no Uruá?

Resposta: Não era eu não, era o cunhado (Karautá) que estava com couro de onça. Essa onça é de outro lugar.

Pergunta: E no caminho daqui ao Posto tem jawate?

Resposta: A gente encontra também no caminho do Posto. Mas eu encontrei uma vez lá no caminho, é grande.

Pergunta: O que tem mais aqui em Ipawu, jawate ou diauarum?

Resposta: Tem, tem também. Aqui tem tudo também.

Pergunta: Onde tem mais onça preta aqui ou lá no Diauarum?

Resposta: Lá em baixo, isso tem. Tem muito mais onça preta lá.

Pergunta: (Comentário) Lá é mais diauarum do que jawate. Esse tipo de caça chama minhara? Está certo?

Resposta: Não! É minhate?

Pergunta: (Comentário) Então você acha que ficar preso é algo muito importante. Quantos filhos você tiver vão todos ficar preso. Seus netos também, quando você tiver netos. Você vai falar para Matu e para Yawí prender seus netos.

Resposta: É eu vou mandar ficar preso sim. Vai ser pra todo mundo filho, neto

também, tudo.

Pergunta: E o que você fala pra eles quando eles que estão presos? Você conversa bastante com eles?

Resposta: Conversa sim. Eu sempre conversa ele, que não pode ficar fora ainda porque você tá preso. Pra ficar, pra crescer um pouco né como que a gente antigamente, antigamente mesmo. Mesma coisa igual Kamayurá fica preso faz tempo né.

Pergunta: E aí você fala o que para ele?

Resposta: Você tem que trabalhar bastante, tem que ser pai bom, homem bom também. Tem que respeitar os outros. Não pode falar mal do outro. Só fala coisa bom pra ele. É isso que fala. Pra trabalhar bastante, pra trazer comida pra mulher dele, pro filhinho dele. É tudo isso, que fala. Só fala coisa bom pra ele, viu Sérgio.

Pergunta: Então ficar preso é bom para o corpo para ficar forte, bonito. Mas, é bom para cabeça também para trabalhar a personalidade da pessoa na vida adulta. Fica um moço trabalhador, um moço que tem responsabilidade com a família. Não deixa os filhos precisando de nada.

Resposta: É isso mesmo viu Sérgio. É bom pra cabeça também. É que nem escola. Agora a menina é mãe dela que conversa ela. Fala meio igual, pra casar, pra aprender fazer beiju, artesanato esteira, rede, tudo esse aí. Coisa de Kamayurá, coisa de antigamente.

Pergunta: (Comentário) Bom eu acho que ficar preso é bom mesmo. Então era isso que eu queria saber. Obrigado.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

1.1. CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO

Os resultados referentes ao crescimento e desenvolvimento físico e motor foram comparados com dados de escolares de São Caetano do Sul (MATSUDO, 1992) do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS). A escolha destes dados foi baseada nos seguintes critérios: a). o grupo representa uma população heterogênea de escolares que moram numa região de alto índice de migração, o que possibilita traçar um perfil do jovem "brasileiro"⁽²¹⁾; b). possuem referência para a maioria dos resultados da presente pesquisa: c). a padronização para a obtenção das medidas foi a mesma em ambos estudos.

Nas tabelas 4 e 5 estão apresentados os dados antropométricos e de performance dos jovens Kamayurá e a média do grupo de referência de São Caetano do Sul (MATSUDO, 1992). Foi calculado o Z escore⁽²²⁾ para melhor comparação individual dos jovens estudados com o grupo de referência (MATSUDO, 1992). No cálculo do índice Z, o valor absoluto é transformado em unidade de desvio-padrão,

²¹. Uma das maiores dificuldades no Brasil constitui-se em estabelecer curvas de crescimento e desenvolvimento, pela extensão territorial do país, alta população, profundas diferenças sócio-econômica, entre outras razões. Portanto, o que existe até o momento, são curvas regionais que nem sempre refletem a população brasileira, isto devido o alto grau de miscegenação ocorrente no país. Uma das regiões de alta densidade e migração é o ABC. Nesta região tem-se realizado estudos importantes relativos ao crescimento e desenvolvimento humano, possivelmente pela característica da população (MARQUES et alli, 1975 e 1982; MARCONDES et alli, 1982 e 1983).

²². Obter um Z igual a zero significa que o valor absoluto é igual ao da média dos dados de referência, Z igual a 1 significa que o valor se afasta 1 desvio padrão da média e assim por diante.

através da fórmula:

$$Z = \frac{(X - \bar{X})}{S}$$

Onde:

Z= perfil do indivíduo em unidades de desvio padrão;

S= desvio padrão na população;

X= resultado do indivíduo;

\bar{X} = média do grupo

SEXO FEMININO

Ao se comparar os dados das jovens nativas com a média do grupo de referência (MATSUDO, 1992), observa-se que duas das jovens possuem peso abaixo da média e três delas acima. Entretanto todas estão dentro de 1 desvio padrão, o que indica uma variação esperada no grupo (tabela 4 e figura 1).

A altura, no entanto, apresenta valores inferiores à média do grupo de referência, inclusive alguns deles estão mais de 1 desvio padrão abaixo, o que indica uma baixa altura das meninas. Os valores do peso alto pode ser uma indicação de obesidade (tabela 4 e figura 2).

A circunferência do braço, indicador de muscularidade, apresenta valores inferiores comparados com o grupo de referência, inclusive mais de 1 desvio padrão abaixo da média (tabela 4 e figura 3). A circunferência da perna apresenta característica diferente, possivelmente em função das escarificações (tabela 4 figura 4).

As dobras cutâneas apresentam valores superiores à média do grupo de

referência. O que indica uma tendência à obesidade, como foi comentado acima (tabela 4 e figura 5).

A força estática manual, medida através da dinamometria, tem sido sugerida como indicador da força do corpo, por ter alta correlação com a força de diferentes partes do corpo. Os resultados da presente pesquisa mostraram que os valores tendem a estar próximos à média, exceto duas jovens que tiveram mais do que 1 desvio acima e abaixo da média (tabela 5 e figura 6).

Os resultados dos testes de velocidade e agilidade, como era de se esperar, estiveram abaixo da média, em função possivelmente do estilo de vida sedentária que estavam tendo durante a reclusão (tabela 5 e figuras 7 e 8).

O fato das jovens estarem próximas a nível de desenvolvimento sexual, como foi observado pelo desenvolvimento dos seios e pelo fato de todas já terem tido a menarca (indicador do amadurecimento sexual), caracteriza o grupo como homogêneo em termos do amadurecimento biológico. As diferenças no crescimento físico podem ser explicadas principalmente pela influência genética dos ancestrais, pelo fato delas terem estilos de vida e, primordialmente, a alimentação semelhantes.

A tendência de terem valores do peso maior do que o grupo de referência e maior acúmulo de gordura é uma indicação de obesidade. É importante lembrar que neste período a mulher tende a engordar, principalmente numa fase anterior à menarca. No caso das jovens nativas, existe a implicação de ficarem reclusas, período este de pouca atividade motora. Se notarmos o tipo de alimentação ingerida pelas pessoas do grupo nativo, principalmente durante a reclusão, ela é caracterizada por baixo teor energético e alto teor proteico. Entretanto, quando existe baixo teor energético na alimentação, a proteína passa a exercer a função energética em detrimento da função de construção de tecidos. Portanto, a baixa

altura e maior acúmulo de gordura pode ser explicada nesta perspectiva.

A tendência a maior concentração de gordura no tronco possivelmente possa ser explicada pela necessidade de proteção aos órgãos vitais, principalmente visando a procriação. Parece que o processo de adaptação biocultural na mulher dirige-se nesta direção, como estímulo à procriação.

A característica da idade da menarca pode ocorrer dos treze aos catorze anos de idade, refletindo uma tendência propícia ao amadurecimento biológico tardio. Este fenômeno pode estar sendo influenciado pela alimentação, clima, condições de saúde. Maturação tardia pode ser adaptativa para as mulheres vivendo em sociedades subdesenvolvidas, onde existe escassez de alimentos. Este retardo no amadurecimento propicia maior tempo para a mulher adquirir reserva de gordura antes da primeira gravidez, o que a beneficia para ter uma gestação com sucesso (WEISS and MANN, 1981, p. 420).

SEXO MASCULINO

Os jovens reclusos apresentam peso corporal acima da média do grupo de referência, inclusive, dois deles estavam acima do 1º desvio padrão, o que retrata um componente de obesidade (tabela 4 e figura 1). A altura, no entanto, esteve abaixo da média de referência, com exceção de dois jovens que estavam acima. Este quadro reflete uma tendência do grupo ter menor tamanho corporal relacionado com a idade, cuja característica também ocorre nas meninas (tabela 4 e figura 2).

Os valores da circunferência do braço e perna apresentaram-se acima da média do grupo de referência, o que reflete maior muscularidade entre os nativos. Os treinamentos para a luta corporal e as escarificações podem ser fatores importantes explicativos desta diferença (tabela 4 e figuras 3 e 4).

A espessura das dobras cutâneas apresentou-se superior relativo à média do

grupo de referência. Este fato sugere uma tendência à obesidade do grupo, como sugerido acima (tabela 4 e figura 5).

A força muscular estática, medida através da dinamometria, esteve, na sua maioria, acima da média, mas dentro de 1 desvio padrão, com exceção de um dos casos. Ayawa apresentou valor próximo a 3 desvios padrões (tabela 5 e figura 6).

Os resultados mais baixos foram dos testes de velocidade de cinquenta metros e agilidade. A maioria dos jovens apresentaram valores abaixo de 1 desvio padrão. Este quadro reflete o estilo de vida que estavam tendo, isto é, o sedentarismo (tabela 5 e figuras 7 e 8).

Embora as idades cronológicas dos jovens reclusos variassem de doze a dezoito anos, o desenvolvimento sexual observado através do estágio de desenvolvimento dos genitais variou principalmente entre 4 e 5 (tabela 3). A altura, outro indicador do amadurecimento biológico, também teve pouca variação entre eles. Estes indicadores mostram uma tendência homogênea do grupo em termos de amadurecimento biológico.

O início da puberdade pode ter variado entre eles, visto que entraram na reclusão em épocas diferentes; Ayawa entrou com onze anos, Kayamory com doze 12 anos, Matu com 13 anos, Kamalue com 13 anos, Mayary com 13 anos, Uarítá com 14 anos, Yawatua com 12 anos e Kanapwe com 16 anos. De acordo com depoimentos dos familiares, utilizaram categorização para determinar a entrada do período da reclusão. Os indicadores mencionados foram: escurecimento da pele, sinais de virilidade, crescimento dos genitais e interesse sexual, os quais têm fortes características biológicas. A variação do amadurecimento biológico observada neste grupo está de acordo com a variação encontrada em populações de maneira geral (TANNER, 1959 e 1981; MALINA, 1991).

Tabela 4 Valores absolutos antropométricos em jovens Kamayurá e Grupo de Referência de São Caetano do Sul (CELAFISCS)

Nomes	Idade	Peso	Peso/ Ref.	Altura	Altura/ Ref.	Circ. Braço	Circ./ Braço/ Ref.	Circ./ Pant.	Circ./ Pant./ Ref.	Média DC - Tri/ Sub/Supr	Média DC Ref.
	(anos)	(kg)	(kg)	(cm)	(cm)	(cm)	(cm)	(cm)	(cm)	(mm)	(mm)
Yawy	14	46.9	49.4	146.5	156.8	23.0	26.2	33.0	33.8	13.5	07.7
Katiwa	14	45.9	49.4	144.0	156.8	23.5	26.2	37.5	33.8	15.6	07.7
Kamynayrw	14	53.2	49.4	148.5	156.8	24.0	26.2	36.0	33.8	14.3	07.7
Maria Yakuta	15	48.2	52.6	148.0	160.5	24.0	26.1	36.5	34.3	11.7	08.4
Lapyakalw	15	45.8	52.6	140.0	160.5	22.5	26.1	33.0	34.3	12.1	08.4
Ayua	12	54.7	37.9	152.0	146.9	27.0	23.5	35.0	30.1	07.8	07.6
Kayamory	13	50.5	42.8	158.0	155.0	26.0	23.9	35.0	31.0	08.3	07.5
Matu	15	57.9	53.8	161.0	165.1	26.0	26.5	30.0	33.2	08.1	08.3
Kamalue	15	59.8	53.8	151.0	165.1	28.0	26.5	37.5	33.2	11.2	08.3
Mayary	15	68.9	53.8	158.0	165.1	31.0	26.5	38.0	33.2	13.6	08.3
Uaritá	17	66.6	64.2	161.0	174.8	29.0	28.4	35.0	35.5	11.0	08.6
Yawatua	17	70.2	64.2	157.0	174.8	31.5	28.4	36.5	35.5	09.9	08.6
Kanapwe	18	61.7	61.5	158.5	172.3	—	29.2	—	35.8	12.5	08.0

Tabela 5 Valores absolutos de performance motora em jovens Kamayurá e Grupo de Referência de São Caetano do Sul (CELAFISCS)

Nomes	Dinamo- metria Direito	Dina/ Direito/ Ref.	Veloci- dade 50 m	Velocida- de/50m Ref.	Agilidade	Agilidade Ref.
	(kg)	(kg)	(seg)	(seg)	(seg)	(seg)
Yawy	27	28	–	–	–	–
Katiwa	29	28	–	–	–	–
Kamynayrw	35	28	15.06	9.67	21.25	12.26
Maria Yakuta	21	29	–	–	–	–
Lapyakalw	29	29	14.21	9.66	18.44	12.36
Ayua	45	26	–	–	–	–
Kayamory	30	29	8.47	9.00	11.28	11.22
Matu	38	40	8.72	8.11	12.59	11.03
Kamalue	42	40	9.53	8.11	13.13	11.03
Mayary	47	40	8.65	8.11	12.44	11.03
Uaritá	37	42	–	7.69	–	–
Yawatua	50	42	19.53	7.69	18.03	10.55
Kanapwe	43	44	7.60	7.64	11.53	10.46

Figura 1. Z score referente ao peso corporal entre os Kamayurá e Grupo de Referência

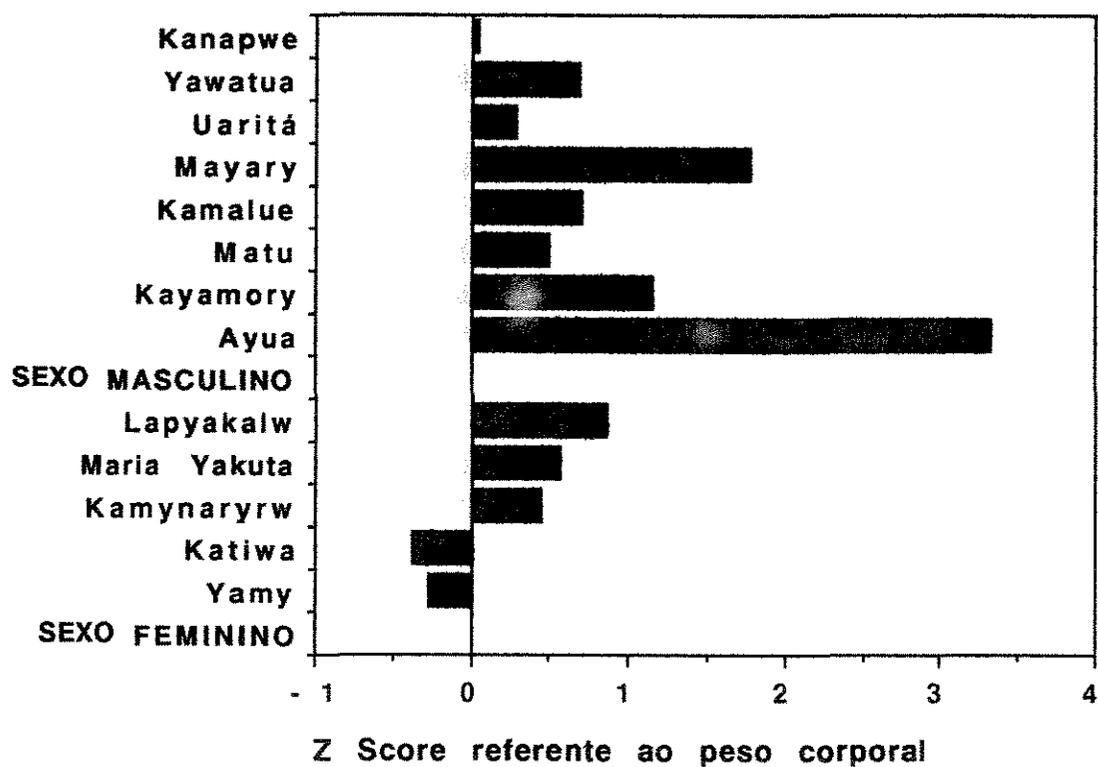


Figura 2. Z score referente a altura entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

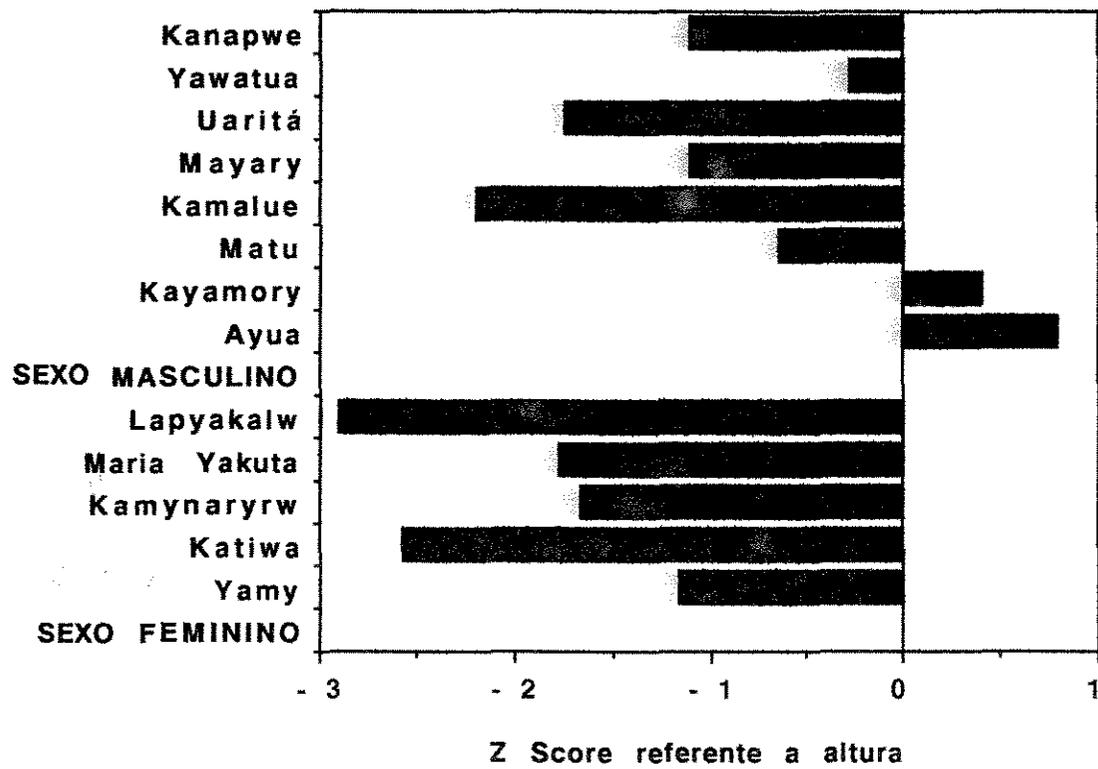


Figura 3. Z score referente a circunferência do braço entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

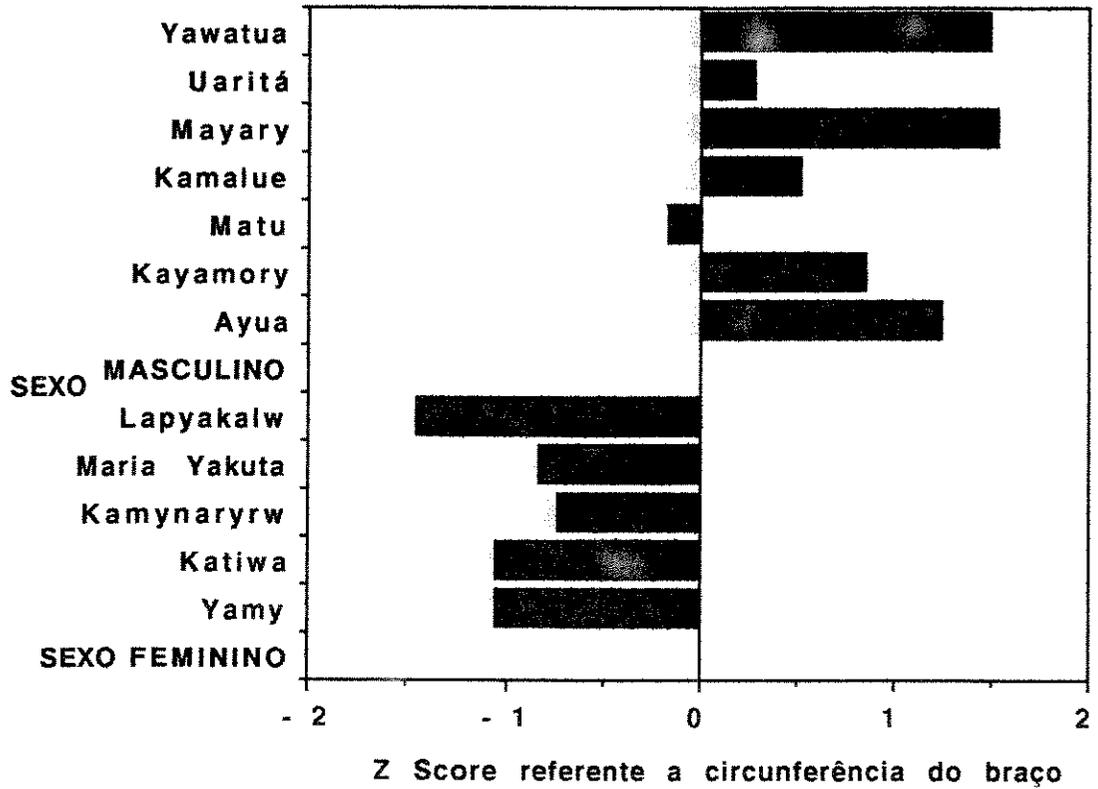


Figura 4. Z score referente a circunferência da perna entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

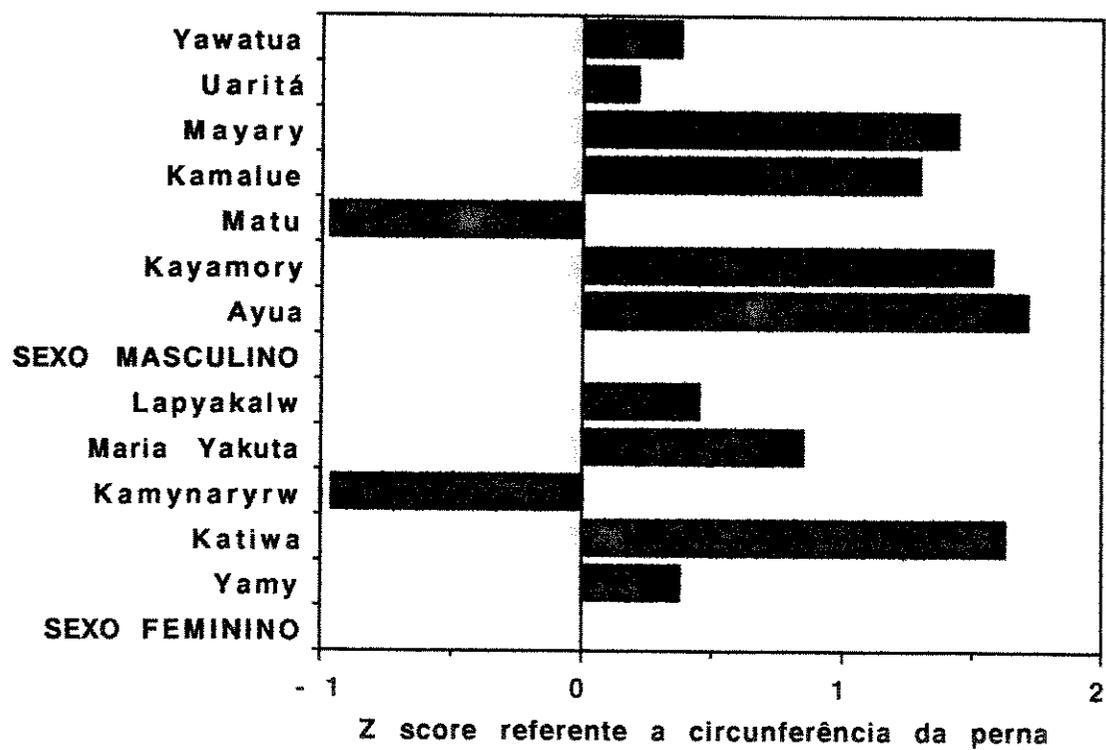


Figura 5. Z score referente a média das dobras cutâneas entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

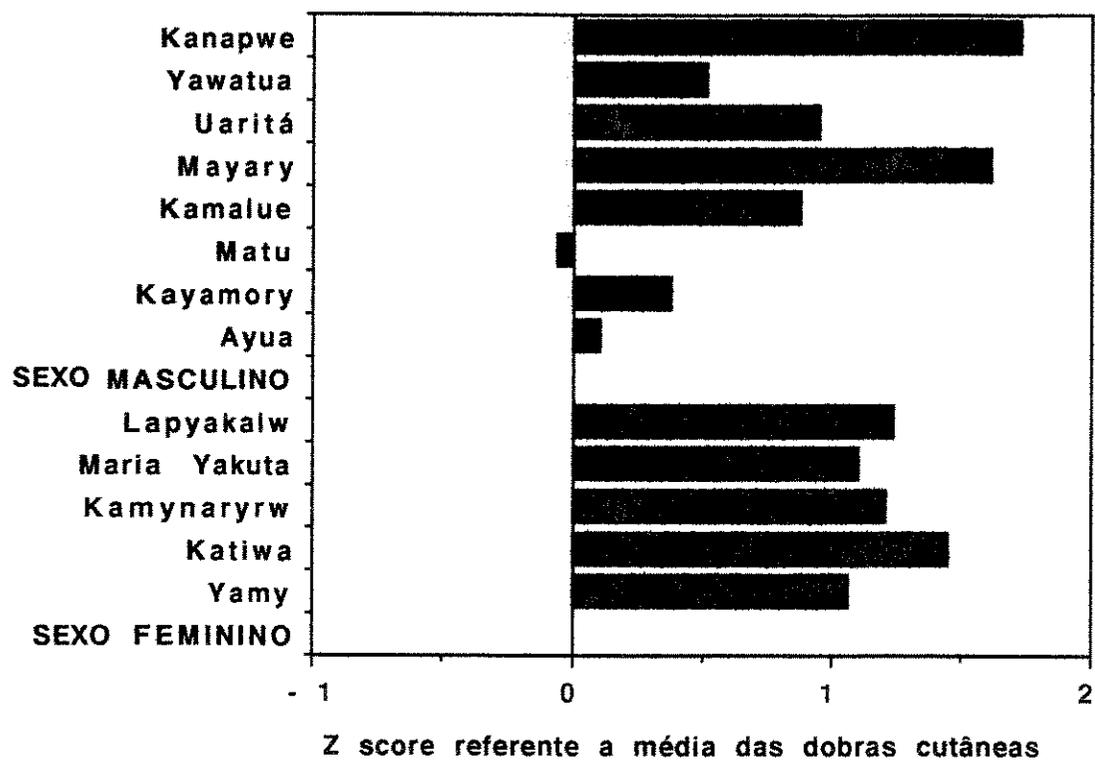


Figura 6. Z score referente a dinamometria entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

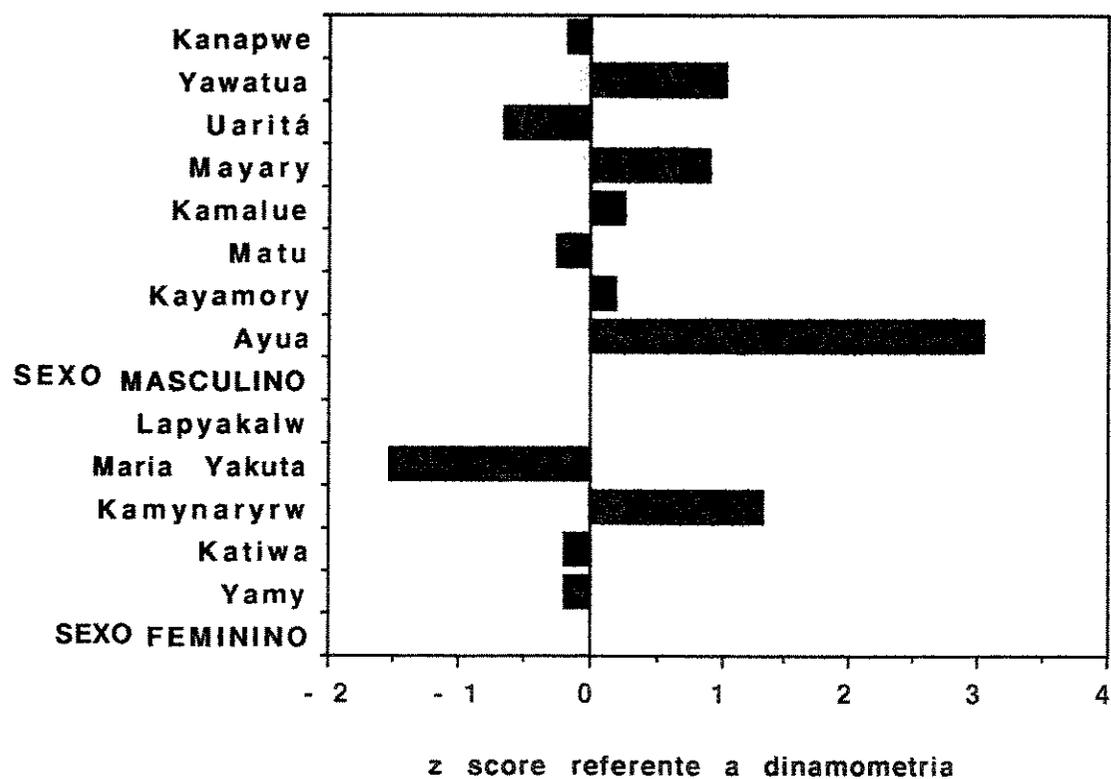


Figura 7. Z score referente a velocidade (50 metros) entre os Kamayurá e o Grupo de Referência

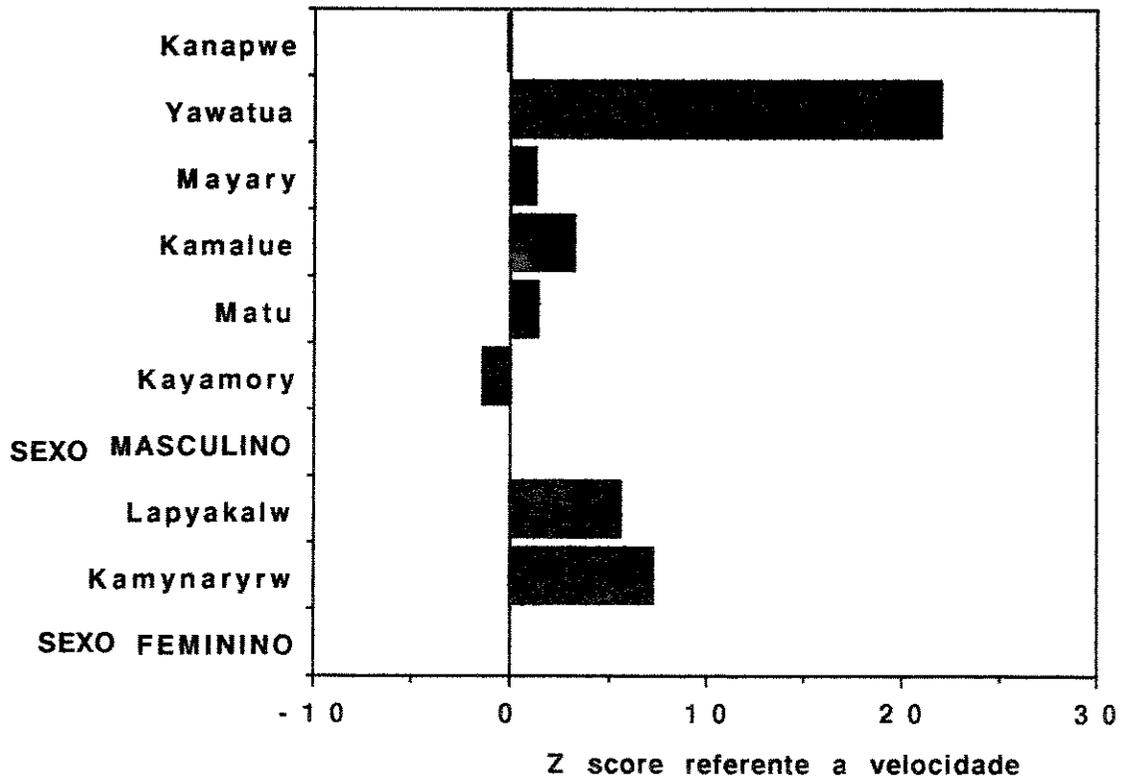
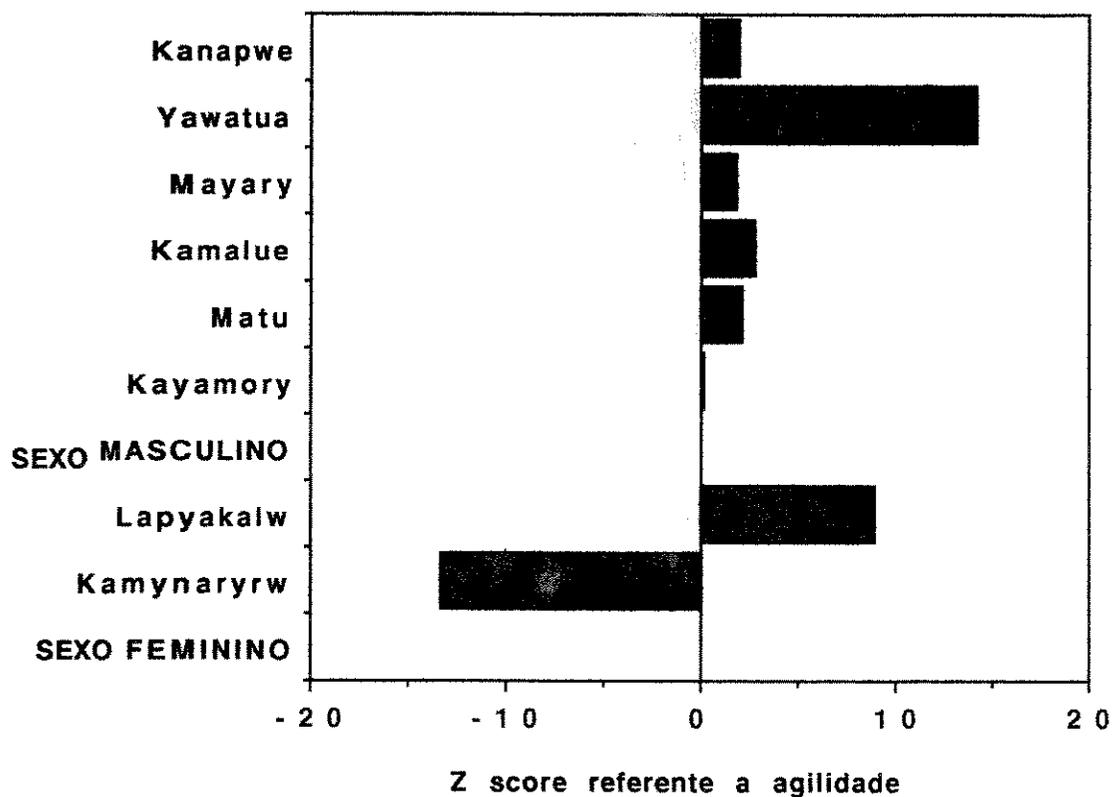


Figura 8. Z score referente a agilidade (teste dos tacos) entre os Kamayurá e o Grupo de Referência



1.2. ASPECTOS CULTURAIS DA RECLUSÃO PUBERTÁRIA

É muito forte a presença dos familiares no decorrer da Reclusão Pubertária. Nesta época ocorre a dominação do pai, avô ou de algum parente mais velho residente no grupo doméstico, sobre o recluso. São estas pessoas que dominam os mecanismos da reclusão, no sentido de conhecer em profundidade as técnicas empregadas (ervas, arranhação, lutas), que conduzem com sucesso o ciclo pubertário. (OBERG, 1953)

" Quem vê isso é meu pai, quando eu era rapaz novo. Meu pai marca, meu pai sabe né. Aí meu pai falou pra mim, agora você vai preso. Quem sabe é só com o pai, para ficar preso. Daí o pai leva o filho tirar remédio para tomar, aí depois o menino já fica preso. Daí o outro (menino recluso) entra é o pai que sabe o tempo que vai ficar preso. Aí o outro (pai) também leva o filho para pegar remédio para tomar, para ficar preso. Aí o pai falou você tem que ficar preso, pra você ficar forte, você tem que treinar mais, senão você fica fraco, você tem que ficar forte para lutar. Essas coisas aí você tem que aprender essas coisa, aí o pai prendeu ele. Antigamente também era assim, para ensinar ele para lutar, o pai e o vovô dele também ensina ele". (TAKUMÃ)

"É o pai delas que sabem. A mulher, é a mãe que vai conversar com ela pra ela poder sair". (JUCA)

"A vovó dela deu remédio, raiz para ela beber né. A raiz chama, essa aqui (a raiz) eu não sei o nome não, é meu pai que sabe o nome. Os velhos tão sabendo isso né, e falam bom tá na hora de ficar preso, de tomar remédio, pra ficar forte né. Pra crescer né, pra virar homem. Porque meu pai era lutador, por isso ele marcou pra eu lutar né. Meu pai era muito lutador, por isso meu irmão ficou campeão maior do que eu né. Você vê chefe daqui sabe tudo porque ficou bastante preso. Chefe daqui é campeão mesmo, sabe tudo porque ficou bastante preso". (KARUANÃ)

"Quando ele (o recluso) vai sair, eu que sabe para vai sair, eu que sabe. (Texto no original com tradução simultânea (do Kamayurá para o Português por Karuanã) - O pai dele mandou que ele ficasse 5 anos preso. Daí o pai dele vai saber a hora de sair. É a mãe que vai saber arrumar namorada pra ele casar". (PARI)

"O filho ficou preso porque queria namorar. Então a mãe dele não quer que ele namore cedo. Por isso ela mandou ele ficar preso. É tá começando agora a aprender artesanato. Quem ensinou ele foi o tio dele. Agora eu não vou mandar sair não foi isso que ela falou ". (VÓ DE AYWA) - (Texto no original com tradução simultânea do Kamayurá para o Português por Karuanã).

"Por isso que eu mandei preso aqui 8 anos, eu mandei preso. Até no final, até no fim né, eu posso mandar sair. Era avós deles, antigamente os avós deles né, tudo era campeão tudo forte lutador, por isso eu mandei preso esse meu filho, para ensinar esse aí (o filho), para conseguir a luta. Nesse ano eu ainda vou dar raiz pra ele. (PIRARUÊ)

"Bom meu pai falou pra mim né, nós tem que lembrar isso pra não esquecer de ficar preso. Meu pai, meu avó ficava também, nós tem que lembrar sempre. Quem sabe disso (de como ser Pajé) é meu pai. No dia que eu fiquei preso meu pai conversou muito eu. Meu pai também conta história de faz tempo pra eles (os netos reclusos) ficar sabendo também essas coisas, pra aprender tudo. Essas coisas que eu estou falando é o que eu entendo que meu pai tá falando. Meu pai que colocou tudo isso na minha cabeça. Meu pai sempre falava isso pra mim, no tempo que eu estava preso. Isto que eu estou explicando pra você, é esse mesmo que meu pai está traduzindo o que o pai dele falou pra ele também. Então o que meu pai falou pra mim eu estou traduzindo pra meu filho também agora. Pra que se Mayaru tiver filho, pra ele poder traduzir tudo pro filho dele também. A gente usa tudo a cabeça de nosso pai né. Eu estou usando a cabeça de meu pai, assim né". (KOTOK)

"Não foi eu que mandei ela ficar presa não, foi minha mãe. Meu pai disse você vai presa, pra ficar assim até na festa. A minha mãe escolhe esse aí (a filha) pra ficar presa até na festa. Eu quero cortar o cabelo pra ajudar a minha e a mãe dela no trabalho. Mas minha mãe não deixa que eu corte antes do Kwarup não. Eu ia cortar o cabelo antes do Kwarup, mas minha mãe não deixa. Nem minha mãe e nem meu pai. Eu tenho que conversar com meu pai, se ele deixa eu corto o cabelo dela antes da festa. Se meu pai não deixa eu vou até tempo de Kwarup, daí eu vou cortar cabelo dela. Ela já tomou raiz quando eu estava em Brasília. Tem meu tio aí, ele trouxe pra ela do mato. Só minha mãe que sabe tudo isso né. Mas eu não sei desse aí não. Só minha mãe e meu pai que sabe tudo né. Aí minha mãe e meu pai passa remédio, todo dia tem que arranhar, aí no joelho e onde dói, vai passando remédio até sarar. O pai não deixa sair da prisão, nem a mãe deixa sair pra fora. Se o menino sair, então ele vai namorar com a menina. Por isso o pai não deixa ele sair, só pode sair quando fica grande, quando fica rapaz grande. Daí o pai deixa sair pra namorar um pouco. Só minha mãe que conversa com minha filha, ensina ela né. Minha mãe manda fazer todas coisas. Meu filho também, meu pai que ensina ele fazer um cesto, fazer outras coisas também, flecha, arco, banco. Mas, eu mesmo, eu não ensina, só meu pai. Agora minha mãe ensina minha filha. Agora é meu pai que ensina meu filho quando ele fica preso. Agora eu mesmo quase não sabe nada, mas meu pai e minha mãe sabe tudo pra ensinar. A mãe da minha filha ensina ela também, quando minha filha faz alguma coisa errada a minha mulher fica bravo com ela. (KARI-KARI)

"Aprende com o pai também, quando pra luta. Quem ensina o papai é Mavutsinin". (EMANÁ)

"Vou mandar fazer raiz pra meu filho tomar. Vou mandar tomar mais raiz ainda. Eu vou arranhar ele também pra ficar forte. Eu vou mandar pegar raiz pra arranhadeira, pra ficar forte, com a pele grossa. Quando estava o rapaz pequeno, eu mandei ficar preso né, pra crescer, pra ficar forte um pouco né. Quando sangrou então eu mandei dar raiz pra ela (a filha) beber também. Quando eu encontrar a sucuri eu vou mandar pegar ela pra meu filho lutar com a cobra. (TAWARAKU)

Parece que o jovem entra na reclusão um pouco antes de tomar remédio, fica mais ou menos um mês preso, talvez no sentido de preparar o indivíduo para a fase mais difícil, a época dos eméticos. Pode ser que esta fase seja uma espécie de quarentena, onde o jovem cumpre um tipo de resguardo, uma fase pré-reclusão. Durante este período os parentes do jovem ficam a todo instante lembrando-o da reclusão e cobram-no um comportamento característico deste período. Depois o

jovem sai por alguns dias para descansar e quando volta toma bastante remédio e vomita muito, sendo que desta data em diante entra em reclusão severa e para valer. (GALVÃO, 1953)

"Amanhã dez horas, a vovó dela deu remédio, raiz para ela beber né. Bom, depois disso minha filha ficou presa, até agora".(KARUANÃ)

"Primeiro que começa, começa tomar remédio pra ficar preso, ninguém vê com isso. Só vai no cocô no mato, no banheiro, só de noite, cobre a cabeça, ninguém vê com isso, nem fala com ele". (TAKUMÃ)

"A raiz que toma chama Aputatamai. Raiz que chama assim, primeiro que ela tomou assim. Toma e depois vomita, e sai aquele água. Depois toma aquele água e vomita mais. Toma raiz, pronto aí fica presa. Homem fica preso depois que toma raiz pela primeira vez". (JUCA)

A reclusão pode ser interrompida e retomada (desde que passado o tempo dos eméticos), a qualquer momento. Mesmo porque quando se ingere os eméticos, é necessário ficar em repouso absoluto para obter sucesso com o remédio, evitando que os mesmos façam mal. As eventuais saídas do recluso, ficam a cargo das demandas de seus familiares, no sentido de utilizar a mão de obra do filho nos trabalhos braçais da roça entre outros. (GALVÃO, 1953)

"A mulher quando sai da reclusão, sai para sempre. É o homem que pode sair um pouco para ir à roça, depois volta. Pode sair para lutar depois volta para casa". (KARUANÃ)

"Outro dia eu levei meu filho Mayaru, Titiquinho pra roçar na minha roça, nós saímos da casa 7:00 horas, até 8:30 horas nós ficamos lá, depois viemos embora. Mas para lutar ele sai 2:00 horas da tarde, só para treinar a luta só. Depois quando for 3:30 horas ele volta e entra na casa. (KOTOK)

"Homem fica preso depois que toma raiz pela primeira vez. Depois sai um pouquinho, só um pouquinho, assim por aqui só. Depois entra de novo, homem que é assim. Agora mulher que é assim entra direto. Homem não, entra e sai um pouco, depois começa lutar, vai na roça com o pai. É assim de pouquinho, devagar". (JUCA)

A reclusão aparece como sendo um momento de longo aprendizado (prático, motor e psicológico).

"Esse aí (o recluso) estuda para fazer coisa, né! Pra ficar aprendendo alguma coisa". (TAKUMÃ)

"Esse negócio de mulher tem que ficar preso para aprender as coisas, peneira pra fazer beiju, rede. (JUCA)

"Porque preso é para estudar né. Igual o de vocês também, tá vendo o de vocês, estudar, ter aula pra vocês aprenderem também né". (KARUANÃ)

"Quem ficou preso é mesma coisa daquele que estudou bem né. É como menino da cidade que estuda bem,

sabe tudo. Aquele que não estudou ficou assim como pobre, que não sabe de nada, mesma coisa é a gente aqui". (KOTOK)

Um dos pontos centrais da reclusão é a construção da pessoa, do indivíduo através, de uma imagem ideal, a de lutador, a de grande campeão (VIVEIROS DE CASTRO, 1977). Os índios entram para Reclusão para ficarem fortes. É importante treinar todos os dias a luta, bem como arranhar bastante para enrijecer a pele e fortalecer os músculos.

"Tem que ficar forte, tem que treinar lutar também, para ficar campeão, ele tem que arranhar. É arranha bastante para ficar forte. Você tem que lutar. Você não pode perder, você tem que ficar campeão. O seu vovô era campeão. Eu fui um pouquinho, mas meu pai foi grande campeão. Todos os avós foram todos campeão". (TAKUMÃ)

"É a mãe dela que arranha ela sempre". (JUCA)

"Eu arranhei todo dia, eu lutei todo dia. Porque meu pai também era lutador, por isso ele marcou pra eu lutar. Meu pai era muito lutador, por isso meu irmão ficou campeão maior do que eu né. Campeão maior do mundo. Esse meu irmão aí, ele é campeão". (KARUANÃ)

"Então ele ficou preso até agora para ficar forte né, para conseguir a luta também. (AVÓ DE AYWA)

"Eu queria conseguir a lutador. Era avós dele, antigamente, os avós deles era tudo campeão, tudo lutador forte. Por isso eu mandei ficar preso esse meu filho, para ensinar ele pra luta, para conseguir ser lutador. Se ele não quer casar, eu vou segurar ele pra meu filho, pra lutador. (PIRARUÊ)

"Ele pode se preparar mais ainda pra ver se ele fica lutador. O pessoal aqui está em preparação pra isso, pra ser lutador. Então ele vai se preparar pra poder ficar lutador né. Eu aqui fica conversando com meu filho, fico explicando pra eles aprender bem a luta, pra ser grande lutador, campeão mesmo. É tem que pensar muito na luta. Tem gente que só pensa na luta. Tem que passar muito remédio pra ele ficar campeão. (KOTOK)

"Ficar preso é bom pra crescer um pouco, pra ficar forte um pouco também. Pra ficar igual uma pessoa campeão. Eu vou arrancar ele também pra ficar forte. Tem raiz pra arranhadeira também né, pra ficar forte, com pele grossa né. (TAWARAKU)

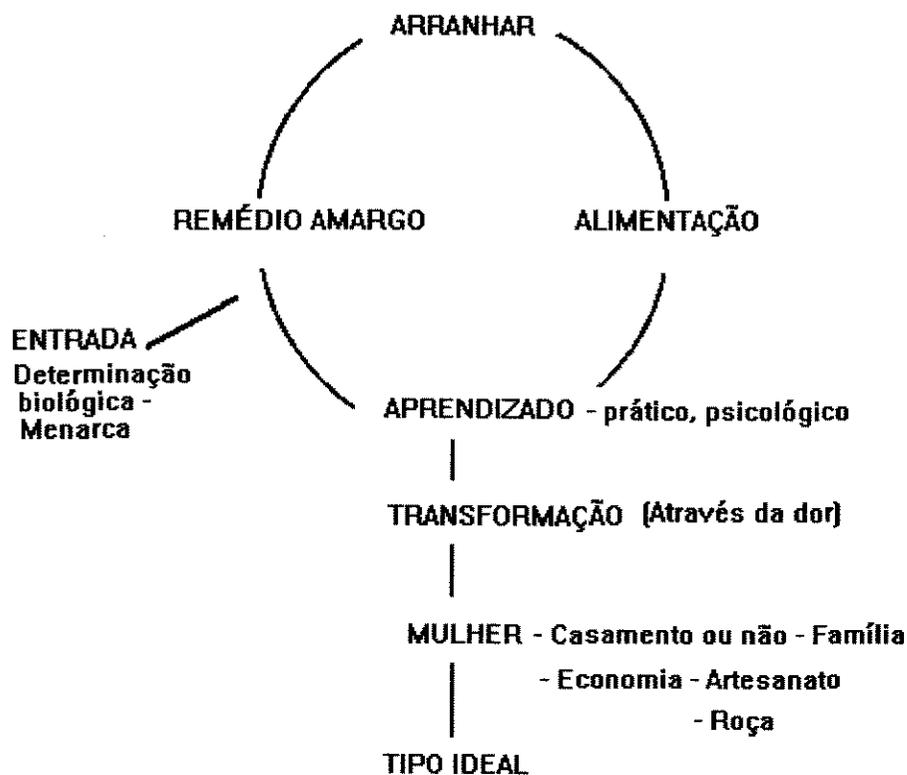
É através de um processo constante, contínuo e através da dor que o indivíduo transforma-se no tipo ideal concebido pelo ethos Kamayurá.

"When asked about the outstanding men in the tribe, the Camayurá would Point to men who had been great wrestlers in their youth, who had distinguished themselves in raids, and now had become great shamans and ritual performers" (OBERG, 1953).

Modelo 1. Representação das passagens da Reclusão Pubertária entre os Kamayurá
- Sexo Masculino



Modelo 2. Representação das passagens da Reclusão Pubertária entre os Kamayurá
-Sexo Feminino



A instauração do tipo ideal Kamayurá acontece através da intervenção constante e intensa no material humano, no sentido de construir a pessoa e o indivíduo, que vai sendo transformado no silêncio do gabinete de reclusão, escondido dos olhos das pessoas. Visto que este momento de transformação constitui-se como uma época de vergonha, devendo portanto, o indivíduo, resguardar-se dos olhares alheios. É através do aprendizado, que terá espaço no decorrer do processo da reclusão, que os jovens aprendem a fazer objetos materiais, tais como o pente, o cocar de penas, o banco, etc.; aprendem a comportar-se como um

autêntico Kamayurá; aprendem as coisas da cultura e do espírito, tudo enfim que facilite e possibilite desenvolverem-se em plenitude. Na concepção indígena o jovem fica recluso "*para estudar para fazer coisas, para aprender fazer alguma coisa*". As atividades especializadas, tais como a canoa de casca de jatobá, a cerâmica Waurá, o colar e o cinto de caramujo Kuikuro, o arco preto Kamayurá, constituem-se habilidades ou especializações aprendidas na Reclusão e importantes para trocas intra e entre-aldeias, bem como para comercializar com os caraíbas que apreciam muito os artesanatos e artefatos indígenas.

Os especialistas na elaboração de objetos, são muito valorizados pelo grupo, porque representam a possibilidade de manutenção e perpetuação da especialidade que caracteriza e identifica o grupo através dos bens que produzem. Por outro lado constitui-se também como uma fonte rentável do ponto de vista do comércio (da troca - Moitará), com bens de consumo ou especialidades de outras Aldeias. Recentemente estes produtos têm sido mais facilmente comerciáveis com os caraíbas, compradores de artesanato, e a própria FUNAI tem revendido os artesanatos, repassando o capital auferido aos grupos produtores dos referidos bens. Neste sentido a reclusão representa um aprendizado vital para se conseguir fundos em moeda corrente, em dinheiro mesmo, assumindo aqui características importantes para a economia do grupo, na medida em que age diretamente no aprendizado via a instrução relativa aos trabalhos manuais. A venda do artesanato constitui-se como uma das únicas fontes de renda segura para os grupos indígenas. É através da venda desses produtos que os índios conseguem recursos para adquirir bens de origem caraíba, tais como, bicicletas, munição, linha de pesca, anzóis, missangas, etc, hoje incorporados ao acervo cultural nativo.

Basicamente, é através da reclusão e, com mais ênfase neste período, o treinamento das lutas, que o indivíduo atinge o status de "lutador" e "campeão",

ocupando lugar de destaque no sistema hierárquico de poder e nas atividades cerimoniais. No Alto Xingu ser "lutador" e "campeão" confere ao cidadão portador destes títulos muito prestígio, podendo vir a ter influência considerável quando da sucessão da chefia do grupo. Nesta ocasião, as lideranças do grupo observam atentamente o binómio força física e força moral (= maturidade social). Pois, o sucesso na luta, evidencia a observância adequada, por parte dos lutadores, das restrições, prescrições e abstenções relativas ao sexo e à alimentação (VIERTLER, 1969). Visto que esta relação está vinculada à observância incontinente dos pressupostos básicos da reclusão.

"... O período da Reclusão Pubertária ... dos rapazes caracteriza-se por um período de aprendizado: os pais lhes ensinam ... a técnica do desporto preferido - a luta corporal" (GALVÃO, 1953).

Contudo, alguns nativos podem conseguir atingir lugar de destaque no sistema hierárquico de poder no interior do seu grupo, embora não tenham ficado reclusos e nem tampouco sejam exímios lutadores. Este fato foge à regra, pois a orientação dos mais velhos é para que os jovens fiquem reclusos (GREGOR, 1982). Visto que os jovens que não ficam reclusos sentem-se estigmatizados pelo grupo.

"Quem não ficou preso não sabe fazer nada disso, perde de aprender a fazer bastante coisas. Então, quando aquele que ficou preso tá sabendo pra fazer tudo. Quem não ficou não sabe nada. Alguma coisa que ele quer fazer, artesanato, tudo ele não sabe. Daí fica pedindo para o outro fazer isso ou aquilo para ele. Quem não ficou preso perde muito, é feio né". (KARUANÁ)

"Quem ficou preso é mesma coisa daquele que estudou bem né, é como menino da cidade que estuda bem e sabe tudo. Aquele que não estudou ficou assim como pobre que não sabe de nada e não faz nada. Mesma coisa é a gente também, quem ficou preso, ele respeita a pessoa. Agora aquela pessoa que nunca foi presa é ruim porque ela não aprendeu a respeitar os outros". (KOTOK)

No entanto, sabe-se de pessoas que desenvolveram habilidades específicas e especializadas fora do grupo, por exemplo, a mecânica geral (tratores, caminhão, caminhonete) e de motor de popa; e a manutenção de equipamentos de rádio transmissão. Este tipo de especialidade é importante para a comunidade que depende destes serviços.

Embora, via de regra, seja na reclusão que os jovens sobressaem-se, podendo desempenhar determinados papéis sociais importantes, fruto dos resultados positivos conhecidos através dos treinamentos da luta e do refino de técnicas para se produzir bens de consumo e de trocas. A Reclusão Pubertária não é o único e exclusivo canal de comunicação com o mundo do prestígio e Status social. Mas, sem dúvida, é o mais forte e o mais importante meio de ascensão social. Os casos da aquisição de status por outras vias que não através da luta e da reclusão são bem esporádicos.

Outro aspecto vital do ciclo pubertário são os eméticos (raízes, remédios, ervas e folhas), parte importante do processo da Reclusão, porque age diretamente na construção do corpo. Ligando de forma simbólica os fluidos corporais (sêmem, sangue, etc.) à natureza através de Muaruiaup "*o do dono da raiz (do remédio)*". Mas, parece-me que há consenso entre os Kamayurá de que o efeito dos remédios nos dias atuais, não tem sido muito satisfatório. Pois, os remédios não têm causado boas reações nos jovens. A ingestão mal orientada dos eméticos geralmente pode levar a casos sérios de intoxicação, proporcionando sintomas desagradáveis aos pacientes. Fato que ocorre na maioria das vezes com os rapazes, "*porque há muito tempo atrás, tomar raiz era bom, mas hoje em dia não é bom não, porque dá reumatismo*"(TAKUMÃ).(23)

²³ .O que os índios chamam de Reumatismo, na verdade é a Neuropatia Periférica Aguda, que acomete mais os jovens do sexo masculino. Sobre este assunto ver a Dissertação de Mestrado de VERANI, C. B. L.

"Agora hoje em dia, não toma mais direito essa coisa de remédio não. Porque muito tempo era, muito tempo de rapaz ficar preso, muito tempo, tomar raiz era bom. Hoje em dia não é bom mais não. Aí vai dar reumatismo. Agora quando ele toma raiz para ficar preso e aí come alguma coisinha, pronto fica aleijado com reumatismo. É, ele toma a coisa e dá reumatismo. Por isso hoje não tem nem jeito mais de rapaz ficar preso. Agora hoje em dia as pessoas não estão tomando remédio direito não. Porque acha que a raiz faz mal, a gente não sabe ainda porque esse acontece hoje em dia. Eu tomei raiz de Kumanaum, eu tomei outra raiz também. Eu tomei outra raiz ainda, eu tomei e não fez nada em mim. Hoje em dia não, olhe meu neto aquele lá, Mayaru, tomou remédio de Kumanaum aí ficou aleijado, quase ele ficou aleijado". (TAKUMÁ)

"Acontece só hoje essas coisa de perna mole. Antigamente não acontecia disso não. É hoje em dia qualquer raizinha dá perna mole. Hoje é que acontece tudo esse, dá reumatismo. É só hoje que tem isso aí, antigamente não tinha disso não. Eu acho que hoje em dia não é bom não tomar raiz. Cada tribo tem disso de ficar com a perna mole agora. Antigamente não tinha disso não. Eu tomei muita raiz e não fiquei desse jeito, nem deu esse de perna mole assim e nem reumatismo". (JUCA)

"A mulher toma o raiz bom né. Mas o homem toma outro raiz ainda, o raiz forte. Eu fiquei assim também, no joelho, no pé, no braço, aí passei remédio e miorei. É hoje está mior, mas quando era novo não, estava muito ruim. Fiquei muito ruim, não dava nem pra conseguir andar, fiquei febre. Fiquei um ano sem sarar, passava remédio direto até que fiquei bom. Meu filho também ficou assim né, igual eu também. Daí minha mãe, meu pai passava remédio nele. Todo dia tem que arranhar, no joelho e onde dói. Aí vai passando remédio até sarar". (KARI-KARI)

Seguindo a visão nativa, a raiz em si não está fazendo mal para os Kamayurá.

Possivelmente, o que está ocorrendo, é que as pessoas é que estão ingerindo erradamente a raiz. Os índios não sabem ao certo o que está provocando estes efeitos colaterais, causando sérios problemas e amolações profundas. Eles julgam que o fato de estarem um tanto quanto descuidados e pouco atentos com pequenos detalhes da vida doméstica, interfere diretamente no processo da reclusão. Principalmente na primeira fase desta, a dos eméticos, que é a mais difícil. Por exemplo, o fato de tomar banho em água já passada por mulher menstruada ou mesmo aproximar-se destas, pode causar problemas; ir ao mato para satisfazer necessidades fisiológicas, que envolve sair do seu gabinete de reclusão sozinho, sem o acompanhamento de algum familiar, pode incorrer e expor o jovem (fraco e indefeso) a sérios riscos, em virtude das forças sobrenaturais, representadas pelos donos do remédio que castigam os mais descuidados. Nesta época (a dos eméticos

em especial e da reclusão como um todo), os reclusos estão vulneráveis e sujeitos às forças ocultas (mamaés e feiticeiros) (GREGOR, 1982). Segundo o ponto de vista dos nativos, quando os familiares e em certa medida o próprio recluso não estão atentos a estes fatos, os jovens podem estar correndo risco de vida. Esta interpretação dos nativos tem sido mais relacionada aos meninos, possivelmente porque o maior índice de problemas ocorre com pessoas dos sexo masculino.

"Tem o mamaé também, se ele (o recluso) vai no mato, toda raiz que eles (os reclusos) estão tomando tem dono que chama Muaruiaup, nome do dono do raiz Muaruiaup. Esse remédio muito forte, se ele (o recluso) anda sozinho, pronto o cara (o recluso), chega em casa e morre. Ninguém sabe qual feitiço que pegou ele, só o Mamaé que matou ele que sabe. É assim que acontece né, se Mamaé fica muito bravo morre." (KOTOK)

A reclusão é importante para a vida tribal, porque mantém acesa a chama da transmissão das categorias de pensamento do grupo através da compreensão dos mitos e dos costumes nativos. Segundo os informantes, esta é uma boa época para os mais velhos contarem aos mais jovens as histórias de antigamente dos Kamayurá. Estes elementos são transmitidos via conversas que os pais, avós e pessoas mais velhas do grupo doméstico têm com os jovens reclusos. É a transmissão oral da história e da cultura grupal.

"Eu conta que, primeiro conversa com ele, não pode ficar contra outro. Você tem que trabalhar, você tem que fazer roça para ajudar seu pai. Você tem que pescar para sua mãe e para sua irmãzinha pequena. Quando você sair no centro da Aldeia, você pode levar comida para os outros comer. Você não pode ouvir fofoca, não pode ligar quando falam mal de você. Então meu neto está ouvindo essa conversa. Eu fala pra ele conversar direito com as pessoas, não pode gritar com ninguém. Quando outro gritar com ele, para ele não responder nada, é só para ficar ouvindo, ficar calado. Fala para ele lutar bastante, para não perder na luta, se é que ele quer ser campeão. Se ele não for ser campeão, então tem que ir trabalhar na roça, tem que fazer alguma coisa. Fala que o vovô deles era campeão. Eu fui um pouquinho campeão, mas meu pai foi grande campeão. Todos os avós foram todos grande campeão. (TAKUMÁ)

"A mãe conversa sempre bastante, dá bastante conselho. A mãe fala sempre para não conversar com os outros, nem com homem nada. Ela tem que ficar quietinha assim e tal. Quando alguém entra em casa, ela não pode nem sair do gabinete de reclusão. Fala pra trabalhar bastante, pra aprender fazer bastante coisa. Conversa para a filha obedecer, ser boa mulher casada, cuidar bem

do filho e do marido. Não ficar saindo muito de casa. Pra ajudar a mãe dela trabalhar". (JUCA)

"Eu aqui fica conversando com meu filho, fico explicando para eles que tem que lutar e tem que aprender alguma coisa. Eu e meu pai falamos pro meu filho que se ele vai ser cacique depois, para ele não criar problemas para o povo dele. Tem sempre que conversar com o pessoal dele. Fala para ele nunca falar mal dos outros e nem reclamar dos outros. Tem que ser sempre reunido para a pessoa. Fala que ele tem que mostrar da cabeça dele o que ele pensa e não ir pela cabeça dos outros. Fala que ele tem que ter coisa boa na cabeça. Quando chegar visita, para ele receber bem o visitante. Meu pai também conta história de faz tempo dos Kamayurá, para eles ficarem sabendo também essas coisas. Fala para ele cuidar do pessoal dele, da família e de todo mundo. (KOTOK)

"Fala coisa bom, para trabalhar e não conversar com homem". (KARI-KARI)

"Tem que trabalhar, conversa pai dele né. Conversa para trabalhar, fazer roça, pescar". (EMANÁ)

"Eu sempre conversa que não pode ficar fora ainda, porque estão preso ainda. Que é pra ficar ainda pra crescer e ficar forte um pouco, igual antigamente. Igual Kamayurá fica preso faz tempo né. Fala também para trabalhar bastante, ser bom pai e bom homem também. Fala que tem que respeitar os outros. Não pode falar mal do outro. Só fala coisa bom pra ele. É isso que fala na conversa". (TAWARAKU)

A manutenção da história, da cultura e dos costumes são pontos de profundas preocupações para as lideranças Kamayurá, na medida em que, atualmente, vem avançando uma onda de desinteresse crescente pela cultura específica do grupo, mais exacerbada e expressiva hoje em dia. Fato que pode ser notado com mais intensidade ao observar o comportamento dos mais jovens que pouco se referem à luta, às danças, à pintura corporal e ao domínio das técnicas musicais. Haja visto que, segundo informações locais, nenhum jovem consegue tocar a flauta Jacuí. Do ponto de vista dos líderes Kamayurá, estas atividades vêm diminuindo sensivelmente no decorrer do tempo. Fica no ar um questionamento, por parte dos nativos, de como será no futuro, eventualmente, se perpetuar o hábito de usar constantemente calça, camisa, calção, etc, sem pintar-se e enfeitar-se. Provavelmente estes costumes tendem a desaparecer. Caso os adultos não cultivem seus hábitos peculiares passando a assumir os padrões caraíbas, dificilmente essa realidade será alterada. Pois, a criança não vê, não observa e nem tampouco participa desse momento coletivo e de interação social.

"Eu mesmo não quero acabar com esse coisa de luta. Eu não quero acabar com isso. A dança nós não quer acabar com a dança. E Jacuí eu não quero acabar. E Jawarí, eu não quero acabar, tem que continuar para menino ver com isso, para menino aprender com isso. A pintura não pode ficar assim sem, só toda hora de camisa, calça, calção. Não quero as coisas assim não. Tem que pintar todo dia. Pra menino ver e aprender com isso. Antigamente pintava muito, gostava muito de pintar. Hoje em dia não tem mais rapaz que gosta de pintar. Hoje em dia não tem mais arranhadeira, braçadeira, colar, brinco, cinto, caneleira, joelheira. É esse aí que fiquei muito triste e sempre fala com o pessoal lá no centro da Aldeia, tem que ficar igual nossos avós, tem que continuar com essa nossa pintura, como era antes". (TAKUMÁ)

"A luta tá quase acabando, tá acabando esse lutador, esse campeão tá quase acabando, tá acabando. Era avós dele, antigamente os avós deles né, tudo era campeão tudo forte, lutador. Esse tempo quase tá acabando esse lutador, por isso eu mandei ficar preso esse meu filho, para ensinar esse aí (o filho), para conseguir a luta". (PIRARUÉ)

"Hoje não luta mais não. Rapaz novo num gosta mais de lutar né. Eu fica triste assim, com esse lutador que tá acabando". (EMANÁ)

Para os líderes indígena, não é apenas nos dias de festas que há necessidade de pintar-se e enfeitar-se, mas sim todos os dias. Desde uma simples saída na praça da Aldeia para participar das conversas na roda dos fumantes, até para exercer as funções cerimoniais. É necessário estar sempre munido das indumentárias específicas para cada ocasião, além de ser necessário estar bem pintado, enfeitado e paramentado de brinco, colar, pulseiras, ataduras, etc. Os líderes Kamayurá preocupam-se neste sentido, porque os integrantes do seu grupo têm deixado a desejar neste aspecto, no tocante à assiduidade da manutenção das atividades culturais e dos costumes cotidianos e rotineiros. Os líderes recorrem a uma reconstrução mítica de um passado histórico e heróico, visando enaltecer a idéia que os antepassados (avós, pais e pessoas mais antigas da Aldeia) passavam acerca da beleza e necessidade de pintar-se e enfeitar-se. Relacionando aqueles tempos passados, com o pouco interesse dos mais jovens dos dias atuais, que estão num processo contínuo e crescente de desinteresse por estas atividades.

Com relação ao complexo alimentar na época da reclusão, este é alterado sensivelmente. Depois da fase dos remédios, o preso só pode alimentar-se de peixe cozido, mingauzinho de mandioca e beiju sem sal e nem pimenta (GALVÃO, 1953).

Carne não pode comer e nem caça em geral, exceto pássaros, que depois da fase dos remédios também podem ser ingeridos. (SAMAIN, 1991)

"Quem está preso ele come peixe cozido. Não pode comer pimenta, sal e nem caldo de mandioca. Ele toma só desse mingauzinho, esse beiju, peixe cozido. Carne ele não pode comer, caça também não pode comer. Só depois que ficar preso ele pode comer tudo". (TAKUMÁ)

"A mulher fica sem comer nada quando tem a primeira menstruação e quando toma raiz pela primeira vez. Ai a mulher fica um mês sem comer peixe. Um mês ainda na primeira menstruação ela fica sem comer peixe mas, na segunda menstruação só fica cinco ou seis dias, conforme a mulher, sem comer peixe. Ou, até quando acaba o sangue. O menino é assim, quando toma raiz já fica preso. Toma raiz durante cinco dias normalmente e fica sem comer nada, nem mingau. Toma raiz direto e vomita, durante o dia todo. Depois que acabou a raiz daí pode comer peixe, beiju e mingau, sem sal e nem pimenta. (KOTOK)

"A menina depois que menstruou descansou e depois tomou raiz e vomitou bastante. Ficou sem comer nada. No começo não comeu nada, mas depois eu posso procurar um pássaro pra ela comer. No começo não pode comer peixe. Mas um pássaro sim, um Jacu, um Mutum ou uma Pomba. Não pode comer pimenta, nem sal e nem perereba também. O menino pode comer peixe sem pimenta, sem sal e nem perereba. Só peixe sem sal ainda. O beiju pode e o mingauzinho de mandioca também, mas só depois que já tomou raiz. (TAWARAKU)

O quadro 1 apresenta um resumo da Reclusão Pubertária de ambos os sexos, enfocando a duração, época de entrada/saída, critérios para colocar os jovens em Reclusão, significado da reclusão, etc.

Quadro 1. Resumo da Reclusão Pubertária entre os Kamayurá

	MENINO	MENINA
DURAÇÃO	+/- 3 anos (os quais podem ser interrompido e retomado, sempre que requisitado pelos pais). Uma permanência maior, fica a critério do recluso, da família e da posição cerimonial do pai.	Em média 1 ano ininterrupto. Não há continuidade após este tempo, que coincide com a festa, o Kwarup. Onde corta-se o cabelo e termina a reclusão feminina. Podendo contrair laços matrimonial.
ÉPOCA DE ENTRADA/SAÍDA (o que caracteriza)	Possivelmente: o escurecimento (cor) da pele; Mudanças comportamentais, sinais de virilidade; Crescimento dos genitais. São indícios que marcam o ingresso na Reclusão. A saída é no Kwarup.	A Menarca marca o ingresso da mulher na reclusão. A saída também é no Kwarup.
CRITÉRIOS P/ COLOCAR OS JOVENS EM RECLUSÃO (os argumentos)	Crescer, ficar forte e engordar; Ficar Campeão (lutador) na luta corporal; Aprender a fazer coisas (artesanato).	Aprender a fazer coisas (artesanato) de mulher: beiju, esteirinha, rede, uluri, etc.
SIGNIFICADO DA RECLUSÃO P/ O GRUPO	Momento de construção do corpo e da pessoa. Aprendizado (material/ cultural).	Idem.
TÉCNICAS EMPREGADAS	Escarificação; eméticos; lutas.	Escarificação; eméticos.
ATIVIDADE MOTORA	Treinamentos de Huka-huka.	Sedentarismo.
ALIMENTAÇÃO	Na época dos eméticos, somente Mingauzinho de Mandioca. Em outras épocas mingauzinho de mandioca, peixe cozido, beiju e pássaros, sem condimentos.	Idem.

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES

1.1. Atividade Motora

As atividades motoras principais observadas no grupo Kamayurá são o ciclismo, a caminhada, a natação e a luta. Estas atividades são proibidas aos jovens reclusos, exceto as lutas, as quais, como já foi dito anteriormente, estavam suspensas em virtude do período de luto observado pelos Kamayurá. Assim a questão do treinamento da luta corporal, estava nesta época extremamente prejudicada. Igualmente os preparativos para o Kwarup também estavam suspensos pelo mesmo motivo. Apenas foi tocada a flauta Uruá, onde Kátiwá, uma menina reclusa, acompanhou Karautá e Tawaraku, os tocadores de flauta nos passos da dança.

As atividades motoras no caso das mulheres, resumem-se praticamente a caminhadas e o transporte de água e mandioca para suas casas. As meninas mais jovens divertem-se um pouco mais brincando horas na água, onde nadam por longos períodos. Durante a reclusão, estas atividades são suspensas, imperando um período de sedentarismo quase absoluto, situação que no tempo dos remédios acontece de fato. Com exceção das meninas poderem acompanhar os tocadores de flauta Uruá, nas épocas permitidas, ou seja, fora do tempo dos eméticos, elas não tem outra atividade motora no ciclo pubertário.

1.2. Crescimento e Desenvolvimento

Sexo feminino

Encontramos um grupo de meninas reclusas numa idade cronológica próxima aos catorze e quinze anos, e de estágio de desenvolvimento sexual entre 4 e 5, o que demonstra que cronologicamente e biologicamente, elas estavam num estágio de desenvolvimento bem próximo.

Notamos um amadurecimento sexual tardio entre as mulheres, pelo fato delas terem conhecido a menarca entre os treze e catorze anos, fenômeno que guarda aspectos positivos no que se refere à procriação, possivelmente como reflexo de um processo adaptativo benéfico.

As meninas tenderam a um nível acima da média do padrão de referência e com características de maior porcentagem de gordura, em associação a baixa altura. Característica que pode estar sofrendo influência de fatores genéticos e ambientais.

A circunferência do braço, indicador de tonicidade muscular, apresenta valores inferiores ao se comparar com o grupo de referência. Característica que reflete um momento específico de sua vida voltada para o sedentarismo.

Com relação à performance motora as meninas tiveram um desempenho de força manual próximo à média de referência. Os resultados do teste de velocidade e agilidade estiveram abaixo da média, em função do estilo de vida imposto pela reclusão.

Sexo masculino

Neste grupo a idade cronológica era bem diversa, variando entre doze e dezoito anos. No entanto, o desenvolvimento sexual estava próximo com valores

distribuídos entre os estágios 4 e 5. Levando-se em conta o início da entrada na reclusão, pode-se deduzir que houve uma variação no início da puberdade entre os meninos, fato que reflete um amadurecimento biológico diferenciado neste grupo, isto é, com maturadores distribuídos entre cedo, médio e tardio. Esta característica, o tempo de crescimento (categoria biológica), foi determinado pelos seguintes indicadores (categoria Kamayurá): escurecimento da pele, sinais de virilidade, crescimento dos genitais e interesse sexual (mudança de comportamento).

Os meninos apresentaram um maior peso corporal e um grau mais elevado de dobras cutâneas e menos altura, comparado com os dados do grupo de referência. Situação que reflete uma diferenciação na dieta alimentar e no estilo de vida. Característica que indica também um nível mais elevado de obesidade.

A circunferência do braço e perna, indicadores de muscularidade, estão acima do encontrado no grupo de referência, o que pode ser explicado pelo treinamento da luta corporal - Huka-Huka e pelas escarificações.

Com relação à performance motora, os valores da dinamometria estiveram acima da média, o que reflete o tipo de treinamento específico, objetivando o sucesso na luta corporal.

Os resultados inexpressíveis referente aos baixos índices dos testes de velocidade e agilidade, refletem a inatividade relativas às atividades motoras que projetam o corpo à frente, tais como, a corrida, a caminhada, entre outros, atividades que não vinham ocorrendo, por estarem suspensas em virtude da reclusão. Como já dissemos, a atividade motora, nesta época de reclusão, é direcionada quase que exclusivamente para obtenção de força, através das lutas de Huka-huka, com vistas a ser um grande lutador e campeão.

1.3. Considerações acerca da Reclusão Pubertária

Primeiramente serão apresentadas as passagens da reclusão referentes ao universo masculino e, posteriormente, apresentaremos a versão feminina.

Sexo Masculino

O ciclo da Reclusão pubertária no Kamayurá de Ipawu, apresentou-se da forma seguinte: O jovem entra para reclusão por um período de um mês, a nível de experiência, sem tomar remédio neste tempo, apenas é restringida a sua liberdade, obrigando-o a permanecer por mais tempo nas imediações da casa de seus pais, os quais não o deixam afastar-se, cobrando dele um comportamento característico dos momentos de reclusão. Os pais ficam sempre lembrando os filhos da reclusão.

Posteriormente, vem a fase dos remédios e da reclusão propriamente dita, onde o jovem fica sem comer nada nos dias de remédio, só bebendo a raiz e vomitando durante aproximadamente uns três dias. Nestes dias só é possível administrar ao jovem recluso mingauzinho de mandioca, em quantidade bem pequena. Sendo que em famílias mais conservadoras não é permitida nem esta leve refeição. Após a ingestão dos eméticos o jovem entra numa fase de reclusão absoluta, ficando incomunicável sem entrar em contato com absolutamente ninguém do seu grupo geral, apenas com os membros do seu grupo doméstico, principalmente com o pai, a mãe e a irmã. São estas pessoas que trazem alimentos para o recluso, preparam o seu banho e cuidam do bem estar geral dos jovens que se encontram nesta fase etária. É importante que o jovem, tanto menino, como menina, vá ao mato acompanhado por uma pessoa da casa para proteger e num certo sentido vigiar,

para que o mesmo não venha a cair em tentação e acabe cometendo algum delito condenado em épocas de reclusão. Na fase dos eméticos (dos remédios, das raízes), o banho é feito no próprio gabinete de reclusão. Só após esta fase é que é facultado ao jovem a possibilidade de banhar-se na Lagoa. Desde que seja bem de madrugada e com a cabeça coberta, antes da chegada dos outros habitantes da Aldeia.

Depois que o jovem tomou bastante raiz e vomitou consideravelmente, segue-se uma fase de suspensão dos remédios, mas ainda o jovem permanece de resguardo e recluso severamente. Devendo abster-se além das prescrições mais específicas (alimentar e de comportamento). Ficam também proibidos os contatos diretos com outros do grupo, embora estas barreiras de comunicação e de interação, não impeçam o jovem de saber de todas as novidades que circulam pela Aldeia. A fase de suspensão dos eméticos, que pode variar de dois a quatro meses, constitui o tempo de aprender a "*fazer coisas ou alguma coisa*". O aprendizado vai acompanhar o jovem por todo o tempo de Reclusão. É o aprendizado dos artesanatos e da cultura do grupo, que faz com que o jovem se consagre como um grande especialista na atividade específica, no caso Kamayurá o arco preto, que identifica e caracteriza o grupo, através do objeto que produz, na medida em que, ao visualizar o objeto produzido, podemos relaciona-lo com o grupo que o produziu. Embora esta característica, a de grande especialista, só venha a consolidar-se mais tarde depois que o jovem passa a compor o grupo dos adultos. Por ocasião do casamento e da concepção de um filho, fatos que envelhecem o homem, colocando-o em outra esfera de relações sociais e políticas na Aldeia. Neste contexto a maturidade sexual conduz à maturidade política e cerimonial.

A Reclusão é regulada e alternada por fases, ora dos eméticos e ora do aprendizado. Assim sendo, após uma fase vem, em seguida, outra, onde tanto em uma como em outra, repetem-se os ciclos supra descritos (abstenções e prescrições

específicas, sempre na relação "permitido X proibido").

Quadro 2. Resumo das prescrições e restrições em épocas alternadas com e sem raízes

ÉPOCA DA INGESTÃO DE RAÍZES	Reclusão Severa; abstenção total de alimentos exceto mingauzinho de mandioca.	Inatividade total.
ÉPOCA PÓS INGESTÃO DE RAÍZES	Continua em Reclusão Severa, mas pode alimentar-se com peixe cozido, beiju, mingauzinho e pássaro assado.	Atividade intensa - Aprendizado (Material/Cutural).

O rito pubertário, no primeiro e possivelmente segundo ano de reclusão, é alternado por momentos de inatividade e outros de atividades intensas. Um decorrente da fase de ingestão dos eméticos e outro da abstenção destes. Durante aproximadamente o período de dois anos, toma-se eméticos com mais frequência. Após este tempo continua-se ingerindo os eméticos, mas numa intensidade bem menor, dependendo da necessidade, caso o jovem não esteja crescendo e nem engordando o esperado ou desejado por seus familiares. Ao completar esse primeiro longo período de reclusão, onde o jovem ingeriu bastante remédio, vomitou, arranhou e trabalhou consideravelmente (aprendeu a fazer bastante coisas). Segue-se posteriormente, uma fase de treinamentos físicos intensa, onde o jovem agora pode sair de sua casa para lutar, mas só para lutar. Após os treinamentos deve voltar para sua casa. A luta é ensinada aos mais jovens pelos lutadores mais experientes da Aldeia. Pelos campeões, no sentido de transmitir as técnicas e

conhecimentos, de forma mais consistente e apurada com vistas a obter sucesso nos combates.

Na época dos treinamentos da luta os jovens são arranhados (escarificados) mais constantemente, com uma frequência mais intensa, quase diariamente. É a fase de uso de outros tipos de remédios, raízes e folhas (os cicatrizantes e fortificantes de músculos e pele), e não dos eméticos que fazem vomitar. Nesta época usa-se um complexo extremamente bem elaborado de ervas (ver depoimento de Kotok), que ligam o mundo de dentro e o mundo de fora, situação peculiar na Cosmologia Xinguana. Tais técnicas têm como fundamento a construção de um corpo belo e perfeito. Fato que coincide com a ideologia nativa, visto que na narrativa dos seus mitos o protótipo do herói aparece congregando os predicados de belo, forte e possuidor de qualidades inomináveis.

Nestes períodos já é possível encontrar algum jovem recluso distraído na porta de sua maloca, com seus pais e familiares, à noite, observando o céu repleto de estrelas. Nestas ocasiões os jovens aparecem sem pintura e nem ornamentação. Não ultrapassam as fronteiras das imediações de suas malocas, isto é, estão sempre nas proximidades dos pais e bem perto dos olhares atentos destes. Ao sinal de alguma pequena fuga são duramente repreendidos pelos pais. É comum igualmente encontrar estes mesmos jovens, de madrugada, a banhar-se na Lagoa, um pouco mais descuidados, acompanhado de algum irmão mais novo, mas ainda com a cabeça coberta. Esta característica, a de cobrir a cabeça, vai diluindo-se conforme a pessoa avança no seu tempo de reclusão, até desaparecer totalmente, quando o jovem então, pode aparecer em público desprovido de qualquer tipo de pano que o esconde. Conforme o jovem vai avançando no tempo de reclusão e do bom rendimento físico e do aprendizado, os mesmos vão ganhando um pouco mais de liberdade. Parece haver uma lei de compensação, onde a cada sucesso obtido tem-se

uma recompensa. Nestas ocasiões os jovens podem ser vistos não só descobertos, como também a banhar-se em outros horários, por exemplo, à tarde e não somente no silêncio e solidão da madrugada. Neste período o jovem ainda não está totalmente integrado com seus amigos, mas encontra-se numa situação e num estágio bem próximo da interação total com os membros de seu grupo. Embora algumas restrições de comportamento sejam extremamente condenadas na época da reclusão, a atividade sexual, por exemplo. Fato que não descarta a possibilidade de alguma incursão furtiva em busca de uma aventura amorosa secreta.

Esporadicamente, nesta fase, o jovem recluso toma remédio, apenas em casos extremamente necessários. O marcante desta etapa da reclusão são os treinamentos da luta, seguido da escarificação. Os trabalhos manuais, o aprendizado, aparecem em todas as etapas da reclusão, salvo na fase dos eméticos, onde o jovem fica privado dos desempenhos de suas atividades normais em face da morbidade, proveniente da reação deletéria dos eméticos.

Nesta segunda fase (a pós-eméticos e a das lutas) o jovem pode acompanhar seu pai à roça. Mas ainda não pode sair com seus amigos e nem tampouco ficar a todo momento saindo intensamente e nem distante de sua casa. O jovem passa por um período de liberdade vigiada e condicional. Depois desta, a próxima etapa do Ciclo Pubertário coincide com o término da Reclusão, onde o jovem está recluso mas com bastante flexibilidade.

Sexo feminino

O modelo referido acima explana com mais intensidade os aspectos da reclusão masculina, visto que este grupo guarda algumas particularidades frente à reclusão feminina.

No caso feminino o processo é semelhante no conceito, com pequenas

diferenças a nível prático. Em contraste com a reclusão dos homens, que não tem um momento definido específico para seu início, as moças têm este momento marcado por ocasião da primeira menarca. Assim, onde a moça sentir a sua primeira menstruação, se por acaso no banho, na roça ou em qualquer outro lugar, ela é levada imediatamente para sua casa, onde é colocada em sua rede, na qual permanecerá até que cesse o fluxo de sangue. Eventualmente se em sua maloca tiver algum menino recluso, então esta garota terá que ir para casa de algum parente, só retornando para a sua casa tão logo estanque totalmente o fluxo de sangue menstrual. Que é seguido de um bom banho e iniciando-se posteriormente a ingestão dos eméticos. A fase dos eméticos nas mulheres é igual à dos rapazes, sendo semelhante mesmo quanto às restrições de comportamento e abstenções alimentares. Valendo em determinadas ocasiões a supressão e a permissão de determinados alimentos (pode comer peixe cozido, beiju, mingauzinho e pássaro - sem condimentos). Alternando-se assim momentos de permissão e restrição, peculiar à Cultura Xinguana. As moças passam nesta fase também por um período de inatividade em decorrência dos eméticos, embora estes sejam mais fracos do que aqueles que os homens ingerem Kumanaum e as mulheres ingerem, por exemplo, Aputatamai.

Depois da fase dos eméticos sucede-se também uma fase de aprendizado intensa, sendo por vezes alternada com o uso da raiz e outras caracterizada pela abstenção das mesmas, num período que pode ir de dois a quatro meses. Geralmente a mulher ingere os eméticos até o sexto mês de reclusão, caso não esteja crescendo ou engordando o suficiente esperado por seus pais. O restante do tempo da reclusão feminina é dividido entre a dedicação exclusiva ao aprendizado e à escarificação. A mulher fica em média um ano presa, sendo raros os casos onde a mulher fica reclusa por mais tempo.

A mulher entra para a reclusão e fica presa direto, sem sair de seu gabinete. Apenas no final do período estipulado por seus pais é que pode ficar um pouco mais à vontade na sala de sua casa, acompanhada por seus parentes. Nesta ocasião ela pode eventualmente sair para dançar Uruá, às tardes, até nas vésperas do Kwarup. Mesmo porque cabe às meninas reclusas acompanhar os tocadores de flauta Uruá no treinamento da dança que será encetada na grande festa. O fato da jovem sair para dançar não outorga-lhe a possibilidade de banhar-se na Lagoa e nem tampouco de inteirar-se com os outros da Aldeia. A mulher irá banhar-se sempre em seu gabinete de reclusão e irá ao mato acompanhada de sua mãe, avó ou irmã mais velha.

No dia em que a garota dança pela primeira vez Uruá, suas irmãs juntamente com as mulheres do seu grupo doméstico, elaboram uma linda pintura com motivos geométricos em seu corpo. Este é um momento de grande emoção e alegria para os familiares da garota. As moças continuam, nesta fase da reclusão, com os cabelos compridos cobrindo o rosto. Os cabelos da mulher só podem ser cortados praticamente no dia da festa, ocasião que coincide com o final da reclusão feminina. Característica que se opõem aos casos masculinos, visto que os homens estão sujeitos a voltar aos seus gabinetes de reclusão após a festa para completar o ciclo, caso não tenham ficado suficientemente presos. As mulheres, por outro lado, por ocasião da festa, abandonam definitivamente a condição de menina reclusa e conseqüentemente a reclusão. Sendo-lhes facultado, a partir desta data, a possibilidade de casar-se. Isto eventualmente se existir homens disponíveis para o casamento na Aldeia.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGOSTINHO, P. - 1974a - Kwarip, festa dos mortos: índios Kamayurá. Alto Xingu. EDUSP.
- 1974b - Mitos e outras narrativas Kamayurá. Salvador (Universidade da Bahia).
- BAKER, P. T. - 1972 - La evolución humana. México, Fundo de Cult. Economica.
- BEUNEN, G. et alli - 1990 - Kinanthropometry: roots, developments and future. Journal of Sports Sciences. Vol. 8: 1-15.
- BROOK, C. G. D. et alli - 1987 - Boy of reproductive hormon applications to the understanding of the puberty. Bull. of Clinical Endocrinol. Metab., vol. 1: 23-41.
- CARVALHO, J. C. M. et alli - 1949 - "Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu". Museu Nacional, Publ. Avulsas, n_ 5, Rio de Janeiro.
- CASSIDY, C. M. - 1972 - Protein-energy malnutrition as a bound syndrome culture. Med. Psychiat. Vol. 6: 325-345.
- EVELETH, P. B. et alli - 1974 - Child Growth and Adult Physique in Brazilian Xingu Indians. American Journal of Physical Anthropology, 41: 95-102.
- FAGUNDES-NETO, U. - 1981 - Observations of the Alto Xingu Indians (Central Brazil) with special reference to nutritional evaluation in children. American Journal of Physical Anthropology, 34: 2229-
- GALVÃO, E. - 1953 - "Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu", in Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia n. 14, Rio de Janeiro.2235.
- GALVÃO, E. - 1979 - Encontro de Sociedades. Índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- GREGOR, T. - 1982 - Mehináku: o drama da vida diária em uma aldeia do Alto Xingu. São Paulo, Ed. Nacional. (Série Brasileira, n_ 373).
- JOHNSON, F. E. et al. - 1975 - Growth status of disadvantaged urban Guatemala children of reseted community. American Journal of Physical Anthropology. Vol. 68: 215-224.

- JUNQUEIRA, C. - 1975 - Os índios de Ipawu. Um Estudo sobre a vida do grupo Kamayurá. São Paulo, Ática.
- LASKER, G. W. - 1969 - Human Biological Adaptability. The ecological approach in physical Anthropology. Science. 19 December, p. 1480-86.
- MALINA, R. M. - 1981 - Growth and development. The first twenty years. Burgess Publ. Co. USA.
- MALINA, R. M. et alli - 1991 - Growth, Maturation, and Physical Activity. Human Kinetics Books. Champaign, Illinois.
- MALINOVISKI, B. - 1973 - Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem, Petrópolis, Vozes.
- MARCONDES, E. et alli - 1982 - Crescimento e desenvolvimento pubertário em crianças e adolescentes Brasileiros. I. Metodologia. Ed. Brasileira de Ciências Ltda, São Paulo.
- MARCONDES, E. e MARQUES, R. M. - 1983 - Crescimento e Desenvolvimento pubertário em crianças e adolescentes Brasileiros. III. Perímetros cefálico torácico. Ed. Brasileira de Ciências Ltda, São Paulo.
- MARQUES, R. M. et alli - 1975 - Crescimento de niños Brasileños: peso y altura en relacion con la edad y el sexo y la influencia de factores socioeconomicos. Organizacion Panamericana de la Salud, Organizacion Mundial de la Salud, Publ. Científica, n. 309.
- MARQUES, R. M.; MARCONDES, E.; BERQUÓ, E.; PRANDI, R.; e YUNES, J. - 1982 - Crescimento pubertario em crianças e adolescentes Brasileiros. II. Altura e Peso. Ed. Brasileira de Ciências Ltda., São Paulo.
- MARSHALL, W. A. et alli - 1974 - Puberty, in Scientific Found. of Paediatrics, pp. 124-151. W. Heine-Mann, London.
- MATSUDO, V. - 1987 - Testes em Ciências do Esporte. CELAFISCS. São Caetano do Sul.
- - 1992 - Critérios Biológicos para Diagnóstico, Prescrição e Prognóstico de Aptidão Física em Escolares de 7 a 18 anos de idade. Tese de Concurso Público de Livre Docência na Universidade Gama Filho, 1992.

MENEZES BASTOS, R. J. de - 1976 - A Musicológica Kamayurá: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto-Xingu. Dissert. de Mestrado - UnB, Brasília - DF.

NABOKOV, - 1981 - Indian Running. Capra Press.

OBERG, K. - 1953 - Indian tribes Northern Matto Grosso Brazil with Appendix anthropometry of the Umotina, Nambicuarana and Iranxe, with comparative data from other Northern Matto Grosso tribes by Matto Grosso. Newman, Washington (Smithsonian Inst.)

PINTO, N. R. S. et alli - 1986 - "Neuropatia Periférica Aguda Associada à Reclusão Pubertária Masculina em Índios do Alto Xingu, Brasil Central". Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, vol. 19 (supl.).

PINTO, N. R. S. et alli - 1991 - Male Puberal Seclusion and Risk of Death in Indians from Alto Xingu, Central Brazil. Humam Biology, December, vol. 63, n_ 6, pp. 823-835.

PIOVESAN, A. - 1979a. - Resumo de aula. in Fundamentos sociais e culturais de saúde pública III. S.P., USP - Fac. de Saúde Pública. (Mim.).

ROCHA FERREIRA, M. B. - 1987 - Growth, physical performance and psychological characteristics of eight years old brazilian school childrens from low socioeconomic background. Texas. 253p. Tese de Doutorado. Univ. of Texas.

ROCHA FERREIRA, M. B. - 1991 - Atividade Física em diferentes culturas. Anais do II Encontro da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Ciência.

SAMAIN, E. - 1991 - Moroneta Kamayurá. R. J., Lidador.

SEVERINO, A. J. - 1977 - Metodologia do Trabalho científico. 2a. Ed., S. P., Cortez.

TANNER, J. M. - 1959 - Boas contributions to knowledge of human growth and form. American Anthropologist 61 (89) 76-110.

----- - 1981 - A History of the study of human growth. Cambridge. Cambridge Univ. Pr.

TURNER, V. - 1980 - Las Selvas de los Símbolos. Buenos Aires, Fondo de Cultura Economica.

TYLER, S. - 1986 - "Postmodern Ethnography: From Document of the Occult to Occult Document", in CLIFFORD, J. et ali (orgs.) Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley e Los Angeles: Univ. of California Pr.

VERANI, C. B. L. - 1990 - A "Doença da Reclusão" no Alto Xingu: Estudo de um Caso de Confronto Cultural. Dissert. de Mestrado, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

VIERTLER, R. B. - 1969 - Os Kamayurá e o Alto Xingu. Análise do processo de integração de uma tribo numa área de aculturação intertribal. São Paulo, (Inst. de Estudos Brasileiros/USP).

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. - 1977 - Indivíduo e Sociedade no Alto Xingu: os Yawalapiti. Dissert. de Mestrado, Museu Nacional -UFRJ, Rio de Janeiro.

WALTERS, J. M. - 1990 - What is Ethnography? (Mim.).

WEISS, M. L. & MANN, A. E. - 1981 - Human Biology and Behavior - An Anthropological Perspective. Little, Brown & Company, Boston.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GALVÃO, E. - 1949 - "Apontamentos sôbre os índios Kamayurá, In, CARVALHO, J. C. M. et alli: "Observações Zoológicas e Antropológicas na região dos formadores do Xingu". Publ. Avulsas do Museu Nacional, n_ 5: 31-48, Rio de Janeiro.

GENNEP, A. V. - 1978 - Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Ed. Vozes.

GREGOR, T. - 1970 - "Exposure and Seclusion: a study of institutionalized isolation among the Mehináku Indians of Brazil", in Ethnology, vol. IX, n. 3, pp. 234-250.

JUNQUEIRA, C. - 1967 - Os Kamayurá e o Parque Nacional do Xingu. Tese Dout. PUCC.

LIMA, P. E. de - 1949 - "Notas Antropológicas sobre os índios do Xingu". IN, CARVALHO, J. C. M. et alli: "Observações Zoológicas e Antropológicas na Região dos formadores do Xingu. Publicações Avulsas do Museu Nacional, n_ 21-29, Rio de Janeiro.

MALINOVISKI, B. - 1968 - The sexual life of savages;... London, Routledge and Kegan Paul.

MEAD, M. - 1961 - Coming of age in Samoa, New York, Morrow Quill.

----- - 1969 - Sexo e temperamento, Perspectiva.

MENEZES BASTOS, R. J. de - sd. - Musicológicas: da menstruação às flautas - Notas sobre o complexo das flautas sagradas entre os índios Kamayurá do Alto-Xingu. Mimeo.

MENEZES BASTOS, R. J. de - 1984/85 - "O "paye memaraka" Kamauyrá: uma contribuição à etnografia do xamanismo no Alto Xingu". Revista de Antropologia, n_ 27/28: 139-195.

ROCHA FERREIRA, M. B. - 1979 - Estado nutricional e aptidão física em pré-escolares. 150p. Dissertação de Mestrado, USP.

TANNER, J. M. - 1980 - Foetus into man. Physical Growth from conception to Maturity. Massachusetts, Harvard Univ. Pr.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. - 1978 - "Alguns aspectos do pensamento Yawalapiti (Alto Xingu): Classificações e transformações", in Boletim do Museu Nacional, N.S., n. 26, Rio de Janeiro, pp. 1-41.

----- - 1979 - "A fabricação do corpo na sociedade xinguana", in "A construção da pessoa nas sociedades indígenas", Boletim do Museu Nacional, N.S., n. 32, pp. 40-49.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. - 1979 - Quanto custa ser a metáfora de si mesmo: Os paradoxos da identidade xinguana. Florianópolis. Mimeo.

WATSON-FRANKE, M.-B. - 1983 - Ahora eres una mujer. Ed. Euroamericanas, México.